



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

AYANDRA SOARES DE JESUS

**A VIOLÊNCIA URBANA E O DISCURSO DO MEDO: UMA ANÁLISE DA
ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE MARABÁ-PA (1980-2014).**

**MARABÁ – PA
2017**

AYANDRA SOARES DE JESUS

**A VIOLÊNCIA URBANA E O DISCURSO DO MEDO: UMA ANÁLISE DA
ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE MARABÁ-PA (1980-2014).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará como requisito à obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

Orientador: Prof^o. Me. Michel de Melo Lima

Co-orientadora: Prof^a. Me. Gleice Kelly da Costa

MARABÁ – PA
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá,
PA

Jesus, Ayandra Soares de

A violência urbana e o discurso do medo: uma análise da espacialização dos homicídios na cidade de Marabá-Pa (1980-2014) / Ayandra Soares de Jesus ; orientador, Michel de Melo Lima, coorientadora, Gleice Kelly da Costa. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Marabá, 2017.

1. Violência urbana – Marabá (PA). 2. Homicídio - Marabá (PA). 3. Espaços públicos - Marabá (PA). 4. Marabá (PA) - Geografia. 5. Segurança pública. I. Lima, Michel de Melo, orient. II. Costa, Gleice Kelly Gonçalves da, coorient. III. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. IV. Título.

CDD: 22. ed.: 303.6098115

AYANDRA SOARES DE JESUS

**A VIOLÊNCIA URBANA E O DISCURSO DO MEDO: UMA ANÁLISE DA
ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE MARABÁ-PA (1980-2014).**

Banca examinadora

Michel de Melo Lima

Prof^o. Me. Michel de Melo Lima (Orientador/PPDSTU-NAEA-UFGA)

Gleice Kelly Gonçalves da Costa

Prof^a. Ma. Gleice Kelly Gonçalves da Costa (Co-orientadora/FGEO/Unifesspa)

Marcus V. M. de Souza

Prof^o. Dr. Marcus Vinícius Mariano de Souza – (Examinador/FGEO/Unifesspa)

À Deus, a minha mãe (Lucilene), ao meu esposo (Maikon) e a toda a sociedade marabaense que sofre com a violência na cidade.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus e sua mãe Nossa Senhora da Conceição, que me acompanharam a todo o momento nessa jornada acadêmica, sendo por muitas vezes meu porto seguro espiritual.

Agradeço aos meus pais que estiveram presentes me apoiando, me fazendo seguir em frente através do estudo e na honestidade, sempre no pensamento que o estudo seria a melhor saída para uma vida melhor para suas filhas, especialmente minha mãe Lucilene que ouviu meus choros, desesperos e lamentações de finais de semestre e na elaboração desse TCC.

Ao meu amado esposo, meu companheiro e amigo que sempre me motivou no meu crescimento pessoal e profissional, sendo uma das minhas inspirações para o desenvolvimento desta pesquisa.

As minhas irmãs Jeane Letícia e Alessandra, que me apoiaram a seguir em frente nos meus objetivos e sonhos, fazendo-se presentes em todas as minhas escolhas independentes quais foram. Obrigada, Maninha, pelas caronas e pela disponibilidade de sempre me ouvir e de estar ao meu lado.

A minha tia Márcia que sempre me chamava para ficar jogando conversa fora e eu sempre falava que ia mexer no meu tcc. Ela perguntava se eu nunca ia terminar esse trabalho? Tá aí tia, trabalho pronto!

Agradeço também a minha companheira e amiga Princesa, minha cachorrinha que sempre e sempre mesmo deitou ao meu lado nos momentos em que escrevia este trabalho, acompanhando todo esse processo de elaboração.

Aos meu grupo “Pavão” (Leonice, Robson, Suely, Verônica e Cislene), por diversos trabalhos feitos juntos, dias e noites estudando para apresentações, provas, resenhas. Muitas leituras fizemos juntos e rindo. Muito bom ter conhecido vocês guardarei eternamente em meu coração.

Meu muito obrigada ao meu colega de turma Joab Pontes, que se dispôs a falar com seus amigos policiais e a me acompanhar nas minhas entrevistas, sempre solícito e disposto a ajudar a todos, me recebendo com muito carinho em sua casa.

Ao meu colega também da mesma turma Dayvid Sousa, que se disponibilizou na elaboração dos mapas deste trabalho, se mostrando sempre pronto para as devidas alterações que foram necessárias.

Agradeço imensamente aos meus professores desta graduação que desempenharam com dedicação as aulas ministradas.

À equipe da 21ª Seccional Urbana de Marabá, compostos pela Delegada Simone Freitas Felinto e o Escrivão Carlos Henrique, que foram bastante gentis e logo se disponibilizaram para colaborar na construção do meu trabalho, fazendo as devidas solicitações dos dados por mim necessários.

Ao grupo Correio de Comunicação, Maria Caroline, Pedro Marcelo, Milton Farias, Célia Campos, ao Sr. Adilson Potroniere e ao diretor da redação do jornal Patrick Roberto. Todos me receberam de braços abertos, sempre interessados em saber qual seria minha linha de pesquisa e me dando a maior força durante os 6 meses em que eu estive lá.

Agradeço com muito carinho aos policiais aposentados, foram muitas histórias contadas por pessoas que vivenciaram a violência na cidade de Marabá. Receberam-me em suas casas com todo o carinho, sempre com um bom papo e um café.

Agradeço a Fundação Casa da Cultura de Marabá, em especial seu funcionário Ismael da Mota, que tirou uma parte da manhã para me mostrar fotos antigas de Marabá e teve toda dedicação e cuidado para me entregar.

Ao Secretário de Segurança Institucional de Marabá, que me recebeu em seu gabinete em um dia de feriado, somente para contribuir de forma positiva no meu trabalho, ressaltando também a importância da pesquisa para a cidade de Marabá e aos órgãos competentes.

Faço aqui uma dedicação especial ao meu querido e amável orientador Michel de Melo, que aceitou logo de primeira minha proposta para o desenvolvimento dessa pesquisa com total envolvimento e paciência nas correções minuciosas de cada capítulo que lhe apresentei. Sempre com palavras de incentivos, que me deixavam com novo gás para retornar ao trabalho. Por ser um excelente profissional, à qual me espelho.

À minha co-orientadora Gleice Kelly, com seu jeito meigo, muito competente, sempre disposta a me ajudar em tudo que eu precisasse.

Por fim, um muito obrigada a todas as pessoas que de qualquer forma contribuíram para a construção desse trabalho e de mais uma etapa decisiva em minha vida.

Caracterizadas como um dos principais problemas urbanos das sociedades de hoje, as práticas socioespaciais de violência correspondem a uma realidade evidenciada na maioria das cidades e se tornam um problema social. Por afetar diretamente a coletividade, a violência, se não for controlada com os arcabouços necessários, de forma rápida e eficiente, conduz o indivíduo, habitante de determinada área urbana, à limitação do uso de seus espaços, distanciando-o de seu cotidiano, especialmente daqueles de acessibilidade coletiva (SOUZA JUNIOR, 2013, p. 300).

RESUMO

Ao analisar a violência na área urbana das cidades, é relevante compreender as profundas transformações do espaço socialmente produzido, percorrendo a trajetória dos agentes e processos que vivenciam a cidade. A cidade de Marabá (PA) é marcada por uma violência com elementos históricos e culturais, com diversas desigualdades sociais e econômicas solidificando-se ao longo dos seus ciclos. Portanto, este trabalho teve como principal objetivo entender o processo de violência urbana, a partir da análise da espacialização dos homicídios ocorridos na cidade de Marabá (PA), com maior ênfase aos núcleos urbanos de Marabá. Utilizou-se como abordagem teórica o Materialismo Histórico e Dialético, sendo a abordagem que reflete as contradições e desigualdades dentro da sociedade capitalista. Os procedimentos metodológicos realizados foram: a) revisão bibliográfica teórico-conceitual, para um melhor entendimento da temática desenvolvida (produção do espaço, violência urbana, cidades médias amazônicas etc); b) Leituras bibliográficas, com efeito histórico-geográfico, sobre a formação territorial de Marabá (artigos científicos, livros), com o intuito de realizar um levantamento histórico e geográfico dos diversos períodos econômicos e políticos vivenciados pela cidade de Marabá, e que influenciaram a produção do seu espaço urbano; c) Leituras específicas, sobre os assuntos relacionados à violência urbana, tema que diante do medo generalizado, tem criado um imaginário tenebroso na sociedade. Foram levantados dados primários e secundários a partir de entrevistas semiestruturadas com agentes ligados à segurança pública e ao jornalismo. Informações coletadas do Jornal Correio do Tocantins, levantados nos cadernos policiais referentes aos homicídios ocorridos na área urbana da cidade de Marabá, a partir da década de 2000. E, por fim, dados da Polícia Civil da Secretaria de Estado e Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará de Marabá no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014. As informações adquiridas ao longo da pesquisa, buscou-se analisar a dinâmica da espacialização dos homicídios como resultado do fenômeno da violência na cidade de Marabá, fazendo um recorte espacial de sua área urbana.

Palavras-chave: violência urbana – homicídios – cidade de Marabá - espacialidade.

ABSTRACT

When analyzing violence in the urban area of cities, it is relevant to understand the profound transformations of socially produced space, tracing the trajectory of agents and processes that experience the city. The city of Marabá (PA) is marked by violence with historical and cultural elements, with various social and economic inequalities solidifying throughout its cycles. Therefore, the main objective of this work was to understand the urban violence process, based on the analysis of the spatialization of homicides in the city of Marabá (PA), with a greater emphasis on the urban centers of Marabá. Historical and Dialectical Materialism was used as theoretical approach, being the approach that reflects the contradictions and inequalities within the capitalist society. The methodological procedures were: a) theoretical-conceptual bibliographical revision, for a better understanding of the developed theme (space production, urban violence, medium Amazonian cities etc); B) Bibliographical readings, with historical-geographical effect, on the territorial formation of Marabá (scientific articles, books), with the purpose of carrying out a historical and geographic survey of the different economic and political periods experienced by the city of Marabá, and that influenced the Production of its urban space; C) Specific readings on issues related to urban violence, a theme that in the face of widespread fear, has created a dark imaginary in society. Primary and secondary data were collected from semi-structured interviews with agents linked to public security and journalism. Information collected from the Jornal Correio do Tocantins, collected in the police records referring to the homicides that occurred in the urban area of the city of Marabá, beginning in the 2000s. And finally, data from the Civil Police of the State Secretariat of Public Security and Social Defense Of the State of Pará de Marabá from January 1, 2011 to December 31, 2014. The information acquired during the research, sought to analyze the dynamics of the spatialization of homicides as a result of the phenomenon of violence in the city of Marabá, Making a spatial cut of its urban area.

Key-words: urban violence - homicides - Marabá city - spatiality.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Estrutura dos agentes responsáveis pela produção da castanha.....	50
FIGURA 02: Nova estrutura da posição das camadas, após a década de 1960.....	55
FIGURA 03: Principais atividades existentes no território da mesorregião Sudeste Paraense nos séculos XVII e XVIII.....	58
FIGURA 04: Plano de Desenvolvimento Urbano de Marabá (PDUM).....	63
FIGURA 05: Projeto da Nova Marabá contratado pela SUDAM.....	66
FIGURA 06: Modelo de cidade vegetal que inspirou a planta da Nova Marabá.....	67
FIGURA 07: Análise geral dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá, na década de 2000.....	108
FIGURA 08: Análise geral dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.....	119

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: Área de localização do Município de Marabá.....	38
MAPA 02: Área de localização dos núcleos e do perímetro urbano de Marabá.....	40
MAPA 03: Os castanhais do Tocantins e a indústria extrativa no Pará até a década de 60....	48
MAPA 04: Área de abrangência da Nova Marabá e alguns bairros do Núcleo Cidade Nova.....	69
MAPA 05: Mapeamento dos locais com maior índice de homicídios na Nova Marabá.....	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Principais motivações dos homicídios na cidade de Marabá nas décadas de 1980 e 1990.....	75
QUADRO 02: Motivações dos homicídios nas décadas de 1980 a 2000.....	79
QUADRO 03: Principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá a partir da década de 2000.....	83
QUADRO 04: Fatores que contribuíram na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá a partir da década de 2000.....	89

QUADRO 05: Dados gerais dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá na década de 2000.....	94
QUADRO 06: Causas presumíveis e locais com maior intensidade de homicídios nas décadas de 2000.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Dados gerais dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes à década de 2000.....	107
GRÁFICO 02: Dados gerais dos homicídios registrados na área urbana de Marabá referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.....	109
GRÁFICO 03: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por sexo da vítima.....	113
GRÁFICO 04: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por faixa etária.....	114
GRÁFICO 05: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por dias da semana.....	115
GRÁFICO 06: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, horário de ocorrência dos homicídios.....	116
GRÁFICO 07: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, núcleos urbanos.....	117
GRÁFICO 08: Dados das motivações dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.....	118

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BIS - Batalhão de Infantaria da Selva

BNH - Banco Nacional da Habitação

COSIPAR - Companhia Siderúrgica do Pará

EFC - Estrada de Ferro Carajás

GETAT – Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PDUM - Plano de Desenvolvimento Urbano de Marabá

PEUM - Plano de Extensão Urbana de Marabá

SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia

STR- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. O ESPAÇO SOCIALMENTE PRODUZIDO DA CIDADE DE MARABÁ E O DISCURSO DA VIOLÊNCIA URBANA.....	23
1.1. – Cidade Média de Marabá: Violência e medo urbano.....	23
1.2. - A territorialização da violência de Marabá.....	34
2. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE MARABÁ: VESTÍGIOS APARENTEMENTE OCULTOS DE UMA PERMANENTE VIOLÊNCIA COTIDIANA.....	42
2.1 – Marabá: entre os ciclos econômicos e suas oligarquias.....	42
2.2 – Marabá: oligarquias capitalistas e a violência urbana.....	56
3. AS DESIGUALDADES SOCIAIS E A VIOLÊNCIA URBANA: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE MARABÁ.....	73
3.1 – A violência homicida na cidade de Marabá entre as décadas de 1980 a 2010.....	73
3.2 – Os registros da violência homicida na área urbana de Marabá a partir da década de 2000.....	93
3.3 – Análise dos processos e agentes produtores da violência urbana na área urbana de Marabá no período de 01 de Janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	126
APÊNDICES.....	130

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização e modernização seletiva e/ou desordenada das grandes e médias cidades brasileiras tem como um dos fatores mais negativos o aumento da violência e do medo generalizado, fazendo reféns as populações e produzindo uma sensação de medo constante.

Ao tentar identificar a violência urbana, o que se vê é algo mais amplo. Assim, Sá e Cruz (2011) entendem que não seria simplista falar em violência urbana como decorrente deste ou daquele processo (exclusão social, desigualdades socioeconômicas, ou problemas de planejamento e gestão urbanos), pois o mesmo é envolvido numa teia de especificidades do local ao global. Portanto, ao analisarmos a violência urbana, precisamos considerar o dinamismo de seu sistema socioespacial e sua relação com a economia liberal globalizada.

A ordem econômica tem desenvolvido novas técnicas, com novas formas de trabalho, novas formas de relações interpessoais, em que poucos conseguem acompanhar o ritmo dessas mudanças e dos benefícios. Aí vem a grande questão, a contradição do capitalismo, em que suas promessas têm cada dia multiplicado os problemas sociais, favorecendo, principalmente, os detentores do poder político e econômico, enquanto a maior parcela da população vive em condições precárias, de completa miséria (SÁ; CRUZ, 2011).

Na década de 1930, estariam desenvolvendo no Brasil uma análise mais urbana, a qual os problemas que se manifestavam eram causados pelo crescimento caótico das cidades, sem planejamento “integrado” ou “de conjunto”, segundo técnicas e métodos bem-definidos, que todos esses elementos seriam fundamentais para solucioná-los. Assim, há décadas são feitos estudos de como se originam essas dificuldades enfrentadas em nossas cidades, como por exemplo, os de habitação, transportes, saneamento e meio ambiente, também sobre o papel do planejamento urbano na solução desses problemas. Na verdade, essas ideias visam ocultar as verdadeiras origens dos problemas, assim como o fracasso daquelas classes e do Estado em resolvê-los (VILLAÇA, 1999).

A urbanização no caso amazônico, está associada a uma grande relação com a lógica de incentivos do Estado, principalmente a partir da década de 1960, quando houve uma maior urbanização das cidades. Consequentemente, estaria o controle da terra, a política de migração induzida e financiada pelo poder público, e a ajuda de grandes empreendimentos, assegurando o desenvolvimento da fronteira urbana amazônica (TRINDADE JR., 2011).

Nessa perspectiva, Trindade Jr. (2010), ao caracterizar as “cidades da floresta” na década de 1960, identifica que, inicialmente, eram cidades pequenas, estando associadas basicamente à navegação pelos rios, uma interação com a natureza, uma vida rural e entre as cidades ao redor existia uma relação de proximidade. Logo após, a partir da década de 1960, a rede urbana da Amazônia sofreu modificações, sendo cada vez mais dinamizada em um perfil regional e aos poucos sua estrutura urbana tradicional foi estabelecendo redes, implementando elementos do meio técnico-científico-informacional e modernizando o território e também a sociedade (TRINDADE JR., 2010).

Com a inserção da Amazônia no cenário nacional e internacional, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970, a abertura de estradas, a intensificação do número de pessoas (no caso, os imigrantes) e a sua urbanização, modificou-se a dinâmica deste território, fazendo com que diversos conflitos se configurassem.

A Amazônia sempre foi conhecida como uma área com diversos conflitos e com muitos recursos naturais disponíveis (minérios, energia hidroelétrica, naturais etc), principalmente região Sul e Sudeste paraense, podendo esses conflitos terem sido ocasionados inicialmente pela posse da terra, pelas disputas por áreas exploradas pelo extrativismo, pela tensão entre patrões e empregados ou também entre os próprios empregados. Porém, a relação de poder sempre foi pautada na forma de oligarquias, assim como destaca Emmi (1999), em que os “patrões” mandavam e desmandavam e os empregados obedeciam todas as ordens a quem eram submetidos.

Muitos conflitos tiveram sua principal causa vinculada ao fator migração. Esses fluxos migratórios na região amazônica são provenientes de processos históricos, vindo mesmo antes da exploração da borracha. Para Silva (2006), o período de grandes transformações com o intenso fluxo migratório seria nas décadas de 1970 e 1980, com grandes contingentes demográficos para a região. A construção da estrada que ligou a região à rodovia Belém-Brasília em 1988, e a formação de novos municípios, deram reais indícios de uma ocupação carregada de conflitos na região, em que diversos atores passaram a disputar e dividir o poder econômico-político.

Com a nova configuração territorial que se formou na região amazônica, muitos problemas sociais se instalaram, as cidades se viram “inchadas” com populações de diversos lugares, tudo isso associado ao mal planejamento, à falta de saneamento, oportunidades de trabalho etc. As cidades não estavam preparadas para receber essa grande quantidade de

pessoas, populações pobres e sem condições foram afastadas para as periferias e a própria violência urbana teve um aumento significativo e considerável (COUTO, 2010).

Nesse contexto, os problemas sociais nas cidades amazônicas são perceptíveis, e um deles tem chamado uma maior atenção e requer um cuidado redobrado, que seria a questão da violência urbana. Segundo Gomes (2014), não é a migração que gera o conflito, mas as desigualdades sociais. E os avanços modernos têm desenvolvido os “bolsões” de pobreza nos centros urbanos e nas periferias das cidades com a precarização dos serviços urbanos e de suporte social, ocasionando condições diretas e indiretas para explosão de conflitos violentos, pela apropriação do espaço urbano e por melhores condições de vida etc.

Para Sá e Cruz (2011), uma das grandes consequências do processo migratório sem um prévio planejamento são os espaços inadequados em que se instalam, conseqüentemente, as populações de menor poder aquisitivo, que geralmente possuem pouca qualificação profissional. As cidades médias possuem alta capacidade de receber e fixar migrantes, e a região do Estado do Pará apontada como a maior detentora deste fluxo migratório é o Sudeste do Pará, principalmente, onde está localizada a cidade de Marabá. Sendo visivelmente identificadas em sua paisagem intra-urbana altas taxas de desocupação, com precárias condições de infraestrutura (TRINDADE JR., 2007).

Nas décadas de 1970 e 1980, Marabá possuía minimamente aparatos de modernização, a cidade era caótica, com crescimento populacional desordenado, falta de equipamentos urbanos, elevado índice de violência, necessitando de recursos humanos e infraestrutura. Com a insuficiência das políticas públicas, a cidade apresentou diversos problemas, como a precariedade da rede de serviços sociais, desemprego, empobrecimento de sua população e violência urbana (SILVA, 2006).

A história da cidade de Marabá esteve pautada em diversos conflitos decorrentes, principalmente de problemas sociais. Segundo Emmi (1999), desde seus primórdios até recentemente, é a história das lutas que resultam na constituição de oligarquias locais ligadas ao comércio e fortalecidas pelo domínio da terra.

A cidade que é referência empírica do presente estudo é Marabá, que está distante da capital, Belém, aproximadamente 475 quilômetros, sendo considerada uma das cidades que mais cresce nesta região, possuindo diversos problemas sociais, sendo, um deles, a violência urbana, tendo como importante sua localização estratégica, estando na confluência de dois importantes rios, o Tocantins e o Itacaiúnas.

Seu surgimento se deu em função do comércio extrativo do caucho, posteriormente, em virtude da exploração da castanha do Pará, da extração do cristal de rocha e diamante. A histórica e grande importância da cidade de Marabá deveu-se, inicialmente, pela sua localização, onde ocupa um lugar de destaque no escoamento das riquezas da região, através do rio Tocantins (DIAS, 1958).

O espaço urbano de Marabá passou por diversas transformações, principalmente na sua estrutura social. Houve, então, mudanças nas características de aglomerado ribeirinho para se tornar, posteriormente, um centro urbano de grandes proporções e com os mesmos problemas dos demais centros urbanos do Brasil, com desigualdades sociais, formação de áreas periféricas, favelização e disparidades no processo de apropriação por diversos sujeitos sociais (ALMEIDA, 2008).

Mesmo com os problemas relacionados com a violência urbana, Marabá ganha notoriedade, coincidindo com o auge da exploração do ouro em Serra Pelada, entre 1980 e 1984, que atraiu milhares de garimpeiros. Neste mesmo ano foi anunciado o Projeto Grande Carajás (PGC)¹, sendo uma nova possibilidade de desenvolvimento para a região, permitindo também a entrada de indústrias e siderúrgicas (ALMEIDA, 2008).

É no contexto de crescimento e desenvolvimento urbano da cidade de Marabá e seus problemas sociais que a pesquisa se direcionará, focando especificadamente no estudo da violência urbana, analisando os homicídios² que são registrados nesta cidade. Tendo como título: “A violência urbana e o discurso do medo: uma análise da espacialização dos homicídios na cidade de Marabá-Pa (1980-2014)”. O referido tema é de fundamental importância para a população marabaense, visto que a cidade de Marabá é considerada uma das mais violentas do Brasil segundo dados do “Mapa da Violência” de 2014, e sua sociedade merece respostas mais estruturais diante dos acontecimentos ocorridos.

¹ O Programa Grande Carajás (PGC) foi instituído em 1980, tendo como base financiamento estatal, isenções fiscais, passando a ser naquele momento um instrumento que viabilizaria a estrutura do projeto minero-metalúrgico no Sul do Pará. Neste mesmo ano, o cenário era de crise, os recursos que seriam destinados aos programas para a Amazônia, como o POLAMAZÔNIA, foram reduzidos e direcionados aos novos projetos de mineração (ALMEIDA, 2008).

² Segundo Código Penal Brasileiro (1940), o crime de homicídio está na parte dos crimes contra a vida. No artigo 121, o homicídio simples é a ação de matar alguém. Pena – reclusão, de seis a vinte anos. No mesmo artigo existe também o homicídio qualificado que é definido como mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe; por motivo fútil; com emprego de veneno, fogo, explosivo, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum; à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido; para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime; Pena – reclusão, de doze a trinta anos (BRASIL, 1940 p. 25-26). A criminalidade urbana tem deixado de apresentar padrões toleráveis de violência, onde nas grandes cidades um dos principais determinantes se chama desigualdade, que obriga os cidadãos a conviver com enormes desníveis sociais, sendo um produto da violência urbana dentro da sociedade capitalista (SILVEIRA JÚNIOR, 2013).

De acordo com a problemática proposta, os questionamentos abordados foram os seguintes:

- Como se desenvolveram as relações de poder e violência urbana na cidade de Marabá-Pa, ao longo do processo de produção social de seu espaço urbano?
- Como se distribuiu espacialmente os crimes relacionados aos homicídios na cidade de Marabá-Pa?
- Quais fatores contribuem para o desenvolvimento da violência urbana na cidade de Marabá-Pa?

A presente pesquisa tem como objetivo geral entender o processo de violência urbana, a partir da análise da espacialização dos homicídios ocorridos na cidade de Marabá-Pa, principalmente num recorte temporal que vai da década de 1980 até o ano de 2014.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Entender o processo de produção social do espaço da cidade de Marabá-Pa, dando ênfase aos seus principais ciclos econômicos (borracha, Castanha, extrativismo vegetal, madeireiro, pecuária, indústria) e as relações de poder e violência praticados nesses períodos;
- Identificar e analisar a distribuição espacial recente dos crimes relacionados aos homicídios na cidade de Marabá-Pa;
- Analisar os fatores que produzem e/ou intensificam o processo de violência urbana na cidade de Marabá-Pa.

Ao estudar a violência urbana na cidade de Marabá, especificadamente os homicídios, será feita uma análise histórica e geográfica de como a cidade chegou aos grandes índices de violência. Assim, levando em consideração a perspectiva de Trindade Jr. (2011), em que a cidade de Marabá é caracterizada como cidade média e que possui uma grande concentração de serviços, pessoas, de fluxos e fixos, fazendo com que populações de cidades ao redor busquem nela resolver suas demandas.

Para uma melhor abordagem geográfica, o método a ser utilizado será o Materialismo Histórico e Dialético. É aquele que “procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para chegar então a verdade, fruto da razão” (SPOSITO, 2004, p.39). É a abordagem que analisa as contradições e desigualdades dentro da sociedade capitalista.

Os procedimentos metodológicos realizados na referida pesquisa foram divididos da seguinte forma:

- Primeiramente foi realizada a revisão bibliográfica teórico-conceitual, para um melhor entendimento da temática desenvolvida (produção do espaço, violência urbana, cidades médias amazônicas etc). Baseado em diversos autores conceituados nos temas espaço e território: Santos (2006); Souza (1997); Barrios (1986); Corrêa (1995). Para as leituras relacionadas ao território, estão: Haesbaert (1999, 2010); Souza (2006). Sobre cidades médias na Amazônia, destacam-se: Pereira e Trindade Jr. (2007); e Trindade Jr. (2011).
- Leituras bibliográficas, com efeito histórico-geográfico, sobre a formação territorial de Marabá (artigos científicos, livros), com o intuito de fazer um levantamento histórico e geográfico dos diversos períodos econômicos e políticos vivenciados pela cidade de Marabá, e que influenciaram a produção do seu espaço urbano. O procedimento foi realizado a partir de autores como: Emmi (1999); Dias (1958); Velho (2009); Almeida (2008); Guimarães e Loureiro (2007); Hébette e Marin (2004); e Souza (2015).
- Leituras específicas sobre os assuntos relacionados à violência urbana, tema que diante do medo generalizado tem criado um imaginário na sociedade, para que se tenha um melhor entendimento sobre o território da violência. Os autores que debatem estes assuntos são: Souza Júnior (2013); Sá e Cruz (2011); Couto (2010); Queiroz (2010) e Souza (2008).
- Foram levantados dados primários e secundários, a partir de fontes e entrevistas, que relatam a realidade da violência urbana na cidade de Marabá. Os dados primários foram construídos a partir de entrevistas semiestruturadas com agentes ligados à segurança pública e ao jornalismo que, por muito tempo, participam ou participaram de longas jornadas de trabalho em Marabá, conhecendo a realidade empírica dos fatos ocorridos nesta cidade. Boa parte dos dados secundários foram coletados através de informações do Jornal Correio do Tocantins, levantados nos cadernos policiais referentes aos homicídios ocorridos na área urbana da cidade de Marabá a partir da década de 2000. E, por fim, o Relatório dos Homicídios da área urbana de Marabá entre o período de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, cedida pela Polícia Civil, com a ajuda da Secretaria de Estado e Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará, organizados através de gráficos.
- Foi feita análise dos dados sob à luz do referencial teórico pré-definido e revisado, e produzida a redação final do trabalho de conclusão de curso.

Para melhor organizar as ideias deste trabalho, foi necessário estruturá-lo em três capítulos. O primeiro capítulo dará a base teórico- conceitual da análise e estará pautado nas

análises das cidades médias na Amazônia, no espaço socialmente produzido e, por fim, na territorialização da violência urbana. Tentou-se interligar essas três temáticas para identificar como a cidade de Marabá chegou aos seus índices de violência e se eles estão ligados às desigualdades sociais.

Para o segundo capítulo, analisamos a formação histórica e geográfica de Marabá, fazendo um recorte temporal que retrata os mais importantes momentos pelos quais passou a cidade teria passado, com suas principais atividades econômicas e os possíveis conflitos sociais que motivavam e motivam a violência urbana de Marabá.

No terceiro e último capítulo foi feita uma análise dos dados coletados através de gráficos, quadros, pesquisa no Jornal Correio do Tocantins e entrevistas. Fazendo uma tabulação de informações, buscamos demonstrar o quanto a violência na cidade de Marabá tem feito parte de seu cotidiano urbano. Com dados quantitativos e qualitativos, exposição dos resultados da pesquisa, busca-se responder indagações iniciais sobre os homicídios em Marabá e na sua área urbana. A principal fonte da pesquisa quantitativa está baseada no Relatório dos Homicídios que foi realizado na área urbana de Marabá, nos períodos de 01 de janeiro de 2011 a 31 de Dezembro de 2014, respondendo as seguintes questões: Durante o período pesquisado, qual foi o ano mais crítico em letalidade violenta? Qual seria o núcleo com maior índice de homicídios? Nos períodos em estudo, quais os meses que apresentam a maior quantidade de vítimas de homicídios? Qual seria o horário de maior ocorrência destes crimes? Qual a principal motivação (ódio/vingança³, questões fúteis⁴ etc.) desse tipo de crime? A faixa etária que as vítimas estão inseridas? Qual o sexo das vítimas? Outro dado quantitativo realizado nesta pesquisa foi a ida ao principal e mais antigo jornal “Correio do Tocantins” (criado em 1983), com o objetivo de pesquisar os cadernos policiais e identificar os homicídios ocorridos a partir da década de 2000. Buscou-se identificar os casos caracterizados como homicídios somente na área urbana de Marabá através dos núcleos que envolvem a cidade (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova), identificando então total de vítimas durante esse período, sexo, faixa etária, dias da semana, horários, núcleos e motivações. E, para finalizar, utilizamos dados qualitativos com entrevistas semiestruturadas com agentes que trabalham ou trabalharam na corporação da

³ Quando falarmos em ódio/vingança, de acordo com a pesquisa do Jornal Correio do Tocantins, estamos relatando os crimes popularmente chamados de acertos de contas, execução, eliminação, que no caso, serão as causas presumíveis por dívidas, consumo e tráfico de drogas.

⁴ Já nas questões fúteis, são questões que o próprio Jornal Correio do Tocantins, chama-as de banais. Um crime que não foi planejado acontecer, mas por causas momentâneas acabou ocorrendo.

polícia, podendo responder questões dos anos que vivenciaram a violência urbana na cidade de Marabá.

A temática sobre a violência urbana é um assunto bastante relevante para as diversas cidades brasileiras, em especial, a cidade de Marabá, onde tanto à violência física/concreta, como o discurso que a mesma propagada tem levado sua população ao medo constante em seu dia a dia.

Nesse sentido, a pesquisa busca contribuir com um olhar crítico sobre a violência na cidade de Marabá, como algo que tem um início e raiz mais profunda e complexa, estando principalmente inserida nos problemas sociais das cidades que passam pela modernização capitalista, que apresentam fatores como: a falta de oportunidades, a exclusão social, o desemprego, a baixa escolaridade e as carências de moradias e de serviços básicos.

1. O ESPAÇO SOCIALMENTE PRODUZIDO DA CIDADE DE MARABÁ E O DISCURSO DA VIOLÊNCIA URBANA

Neste capítulo serão abordadas as temáticas sobre cidades médias, espaço e território, tentando sempre relacioná-las com questões sobre a violência urbana e características associadas ao medo urbano na cidade de Marabá. Além disso, se pode observar que a dinâmica de Marabá é diferenciada, por sua localização e importância, ao dar suporte (serviços, lazer etc) a outras cidades, por meio de seus fixos e fluxos existentes. Todas essas características fazem de Marabá uma cidade de grande importância regional, que reflete grandes transformações, tanto em seu espaço, como em seu território.

1.1 – Cidade Média de Marabá: violência e o medo urbano

A cidade de Marabá possui características de cidade média (TRINDADE JR., 2011), em que se leva em consideração sua dinâmica de fluxos, sua política, economia e principalmente a dependência de outras cidades do entorno que buscam serviços, lazer, negócios etc. Diante disso, existem diversos elementos que determinam a constituição de uma cidade média na Amazônia Oriental.

As cidades médias, neste contexto, representam novas dinâmicas econômicas, políticas e populacionais fora da órbita metropolitana, cumprindo o papel de centros sub-regionais na rede urbana amazônica, pois nutrem de informação, tecnologia, bens e serviços e presença política aquelas cidades, de menor porte, incapazes de realizar tal feito. Dessa forma, constituem-se como elo de ligação entre as pequenas cidades e os grandes centros urbanos, assegurando a produção, a circulação e o consumo do processo de acumulação capitalista. Assim, sem ela, haveria uma lacuna entre os diversos níveis de cidades e seus respectivos papéis na divisão social e territorial do trabalho (PEREIRA; TRINDADE JR., 2007, p. 2).

Através dos elementos citados acima, podemos concluir que a cidade de Marabá possui uma dinâmica diferenciada de outras cidades da região Sul e Sudeste do Pará, a começar pelo seu ponto estratégico de localização, possuindo 4 pontos de saídas (BR 222, Rodovia Transamazônica, BR 155, BR 230), ligando-se às cidades menores importantes para a economia de Marabá, como é o caso de Parauapebas, Canaã dos Carajás, Xinguara, Redenção, São Domingos, São Geraldo, Jacundá, Rondon e Itupiranga. As populações dessas cidades vêm em busca de serviços, lazer, empregos, ensino superior, saúde, que não encontram tão diversificados e completos em suas cidades (PEREIRA; TRINDADE JR., 2007).

Torna-se relevante estabelecer uma relação deste fato com o aumento da violência na cidade de Marabá, pois a vinda dessas pessoas tem causado um “inchaço populacional”. Muitas delas acabam se deparando com uma realidade diferente do que haviam sonhado, vivendo sem nenhuma estrutura que atenda essa quantidade de pessoas e, muitos, por falta de opção e oportunidades, entram na criminalidade. Segundo Almeida (2008), a vinda de muitas dessas pessoas para Marabá, principalmente, devido aos grandes investimentos na região e a ligação das rodovias, facilitou esse processo, aumentando significadamente a população da cidade, sendo superior à capacidade da administração municipal no que diz respeito ao atendimento de demandas sociais e infraestrutura urbana.

A identificação de Marabá como cidade média pode ser avaliada também pela conexão aeroviária em relação às cidades menores, assumindo ao mesmo tempo um papel de entroncamento rodo-ferroviário no Sudeste do Pará, com as rodovias: Transamazônica, PA-150, BR 222 e a Estrada-de-Ferro Carajás, estando articuladas com os demais municípios de fundamental importância regional (Curionópolis, Eldorado de Carajás, Parauapebas, Xinguara, Rio Maria, Itupiranga etc) (PEREIRA; TRINDADE JR., 2007).

Esses elementos identificam que a cidade de Marabá, ao longo de seu processo de formação territorial, tem passado por transformações em vários âmbitos (econômico, social, político, cultural etc). Com estratégias dos diferentes grupos que produzem o espaço, sem contar que, nos dias atuais, tem se consolidado cada vez mais a importância de Marabá em diversas escalas, como a regional e a nacional.

Hoje, além de sua importância econômica para o sul/sudeste paraense, é notável seu papel como entroncamento aeroviário e rodoferroviário para as cidades menores de sua sub-região. Ademais, a articulação de Marabá com regiões vizinhas, inclusive fora da Amazônia, por meio das novas vias de circulação, fez da mesma uma das principais cidades da Amazônia brasileira, após os maiores centros urbanos regionais. Assumem importância, nesse caso, as rodovias transamazônica, PA-150, BR-222 e a Estrada de Ferro Carajás, que a articulam a diversos municípios considerados espaços de novas oportunidades econômicas e de investimentos capitalistas (TRINDADE JR., 2011, p. 7).

Todas as características que fazem de Marabá um pólo de importância regional vem se confirmando, principalmente com os novos investimentos que estão se instalando na cidade, como é o caso de uma circulação intensa de pessoas, o aquecimento de sua economia, as ferrovias e as rodovias que passam por dentro da sua área urbana, o intenso fluxo de mercadorias e, mais recentemente, o aeroporto, ligando a cidade de Marabá ao restante do país.

Além disso, é importante não confundir a quantidade populacional como o fator principal de uma cidade ser considerada cidade média, pois o que deve ser analisado é um

conjunto de fatores e verificar sua funcionalidade e fluxos representativos. Como ressalta Trindade Jr. (2011), tanto as cidades médias como as pequenas cidades apresentam índices de crescimento populacional nas últimas décadas, sendo que algumas delas até superiores às grandes cidades. É o caso de Marabá, que cresce no tamanho de sua população, porém, existem também cidades menores no sudeste do Pará que crescem a cada dia, como é o caso de Parauapebas e Canaã dos Carajás.

Nas cidades da Amazônia Oriental, os fluxos migratórios fazem dessas cidades um destino de força de trabalho, principalmente de caráter móvel e polivalente, caracterizado pelo perfil demográfico amazônico nos últimos anos. A reprodução desse processo migratório tem causado consequências, semelhante ao que aconteceu com a cidade de Belém, com espaços que tem acolhido populações pobres e muitas vezes sem qualificação profissional. Portanto, o papel das cidades médias se configura em uma nova dinâmica de urbanização, com um crescimento intenso, marcado pelo processo de exclusão e de segregação⁵, ligados à expansão da fronteira urbana, com uma nova configuração espacial (PEREIRA; TRINDADE JR., 2007).

Diante das questões apresentadas acima, a violência acaba sendo uma das principais consequências no meio urbano, atingindo não apenas as populações de menor poder aquisitivo, já que engloba todos os níveis sociais. O fato é que a violência urbana se materializa a partir das práticas socioespaciais (individuais ou coletivas) com hábitos urbanos em diferentes segmentos da sociedade. Tem se manifestado tanto nos espaços segregados, em que a maior parte desses espaços são ocupados por populações de baixo poder aquisitivo, em espaços inseguros ou também em espaço ditos “seguros” por edificações que são construídas como verdadeiras fortalezas (SOUZA JÚNIOR, 2013).

De acordo com Trindade Jr. (2011), bem melhor do que considerar a cidade média por seu patamar demográfico ou pelo seu grau de modernização, é importante considerar seu papel no contexto regional em que se insere. Para tanto, o papel das cidades médias na Amazônia sugere que se leve em consideração a relação dos novos processos que se desdobram no plano regional, assim como suas diversas funções, analisando seus fluxos de

⁵ Fala-se de segregação com duas realidades, a auto-segregação e a segregação imposta, em que a primeira refere-se à segregação da classe dominante, e a segunda a segregação dos grupos que não possuem opções de como e de onde morar. A segregação é uma forma de controle da classe dominante sobre a classe operária e o exército industrial de reserva, com papais que são impostos pela classe dominante que precisa ter o controle da grande parte do segmento da sociedade, tornando necessários as relações sociais de produção futuras (CORRÊA, 1995).

matérias-primas e produtos, suas funções econômicas, além de servirem como suportes para outras cidades vizinhas.

Cidades médias na Amazônia possuem, então, características diferenciadas se comparadas com cidades médias da região Sudeste do país, que dispõem de melhor qualidade de vida, do uso de uma melhor tecnologia, internet, saneamento básico, educação, uma melhor organização, até mesmo na segurança pública. Porém, não se deve destacar apenas os elementos fixos, mas, também os fluxos, o movimento, a forma para se definir a cidade média na realidade urbana amazônica. Assim, afirma Trindade Jr. (2011), o sistema de fixos se faz importante, mas é na definição dos fluxos que se pode reconhecer o perfil de cidades médias como Marabá e Santarém, ao longo da formação territorial amazônica.

Assim, muito mais que definir um perfil de cidade moderna, que se caracteriza por melhores qualidades de vida, faz-se necessário reconhecer a centralidade dessas mesmas cidades. Isso se coloca, pois nem sempre tais cidades revelam uma possível incorporação dos processos de acumulação de capitais decorrentes dos investimentos realizados no contexto regional em que se inserem. Essa constatação nos induz a pensar, de fato, o que seja a cidade média na região amazônica. A nosso ver tais cidades são marcadas menos pela presença de fixos modernos, que pela presença de fluxos de mesma ordem (TRINDADE JR, 2011, p. 12).

Trazendo para análise geográfica e reflexão sobre a realidade de Marabá, o espaço poderia ser considerado um conjunto de fixos e de fluxos. Onde os elementos fixos que estão em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, os fluxos novos e renovados recriam as condições ambientais e sociais e vão redefinindo cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor e ao mesmo tempo também se modificam (SANTOS, 2006).

Por outro lado, Santos (2006) entende que seria mais adequada a definição em que o espaço é composto por sistemas de objetos e sistemas de ações.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (SANTOS, 2006, p. 39).

Para este autor, os sistemas de objetos e de ações interagem, onde o sistema de objetos condiciona a forma como se dão as ações, e o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realizam sobre os já preexistentes. A partir desse processo, o espaço encontra novas dinâmicas e se transforma.

Partindo dessa perspectiva, Sá e Cruz (2011) consideram que na problemática da violência, o medo generalizado tem direcionado as ações dos indivíduos, acarretando o desenvolvimento e a rápida proliferação de objetos técnicos de proteção, que simbolizam esses medos, alterando significativamente as formas espaciais (habitações fortificadas, condomínios, espaços privados de lazer etc).

Novas formas são imbuídas de novas funções, neste caso, a função da forma “casa” passou do “habitar”, “abrigar” para “proteger”, “aprisionar”. Essas alterações nas formas/funções indicam também uma mudança de estrutura, no qual o modo de organização espacial estabelece um novo padrão do convívio social, pautado na valorização dos espaços privados, considerados “seguros” e no medo dos espaços públicos e dos espaços estigmatizados (bairros pobres e favelas) considerados “inseguros” (SÁ; CRUZ, 2011, p. 27).

O que se vê na cidade de Marabá é uma mudança em seus objetos, como é o caso dos novos condomínios e residenciais com total “segurança”, construídos há alguns quilômetros de distância da cidade, para atender, em especial, pessoas com melhor poder aquisitivo. Segundo Sá e Cruz (2011), as novas formas de habitação são os condomínios fechados, tendo início no Brasil a partir da década de setenta, inspirados em modelos americanos. Anteriormente costumava-se ter edifícios e casas abertas voltadas para a rua. Com esse novo modelo, passa a haver muros altíssimos, grades, cercas elétricas, como adaptação ao novo paradigma imposto pela sensação de insegurança.

Para a população de maior renda, a cidade acena para o usufruto do conforto e segurança em espaços exclusivos. Essa tem sido a opção preferencial da população economicamente mais bem situada, seja pela moradia em condomínios fechados, no consumo em *shoppings*, cada vez mais vigiados, na circulação a bordo de veículos blindados e no lazer em *resorts*. A demanda por equipamentos e serviços que garantam maior segurança tem impulsionado um novo e dinâmico mercado, a saber, o negócio do medo (QUEIROZ, 2010, p.100).

Segundo Caldeira⁶ (2003) apud Sá e Cruz, (2011), com o aumento das ocorrências criminais e o grande discurso sobre a ineficiência da segurança pública, os espaços públicos se tornaram quase que sinônimos de “espaços inseguros” (ruas, praças etc) e os lugares privados seriam os considerados “espaços seguros” (*shoppings*, clubes, condomínios etc). Para tanto, em nome da segurança, ruas são fechadas, cercam-se praças, constroem-se *shoppings*, condomínios e centros empresariais, concentrando o máximo de serviços em seus interiores para dependerem o mínimo da rua. Com isso, excluem-se grupos, indivíduos indesejáveis e conseqüentemente os criminosos.

⁶ CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Edusp, 2003.

Para Souza (2008), os “condomínios exclusivos”, os que criam fortalezas, ameaçam os valores da civilização e solidariedade cidadã. Por serem ambientes de socialização, pressupõe um descompromisso para com a cidade como um todo. Isso implica num empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o outro. Esse tipo de enclausuramento poderá gerar ainda mais preconceitos, desigualdades e medo.

Em sentido estritamente empresarial, os “condomínios exclusivos” vêm dando certo, tanto é que proliferam até em cidades de porte médio. Mas, quanto mais esse modelo “der certo”, mais o Brasil urbano “dará errado”. Para indivíduos de classe média, os “condomínios exclusivos” podem ser uma solução, ou parte dela, ainda que muito imperfeita e tão ilusória. Do ponto de vista coletivo (geral), porém, ele é, seguramente, antes parte do problema que da solução (SOUZA, 2008, p. 75).

A população das classes mais favorecidas adquirem “soluções” alegando ausência de alternativas, devido o péssimo serviço prestado pelo poder pública. E optam pela privatização da segurança e pela reclusão das elites em seus “enclaves fortificados” (espaços fechados, monitorados, lazer, conjuntos comerciais e empresariais etc) (SÁ; CRUZ, 2011).

Assim, com essa nova realidade visivelmente instalada, muitas pessoas preferem ficar em suas casas trancafiadas ou frequentar lugares de lazer ditos mais “seguros”. De acordo com Sá e Cruz (2011) ocorre uma nova lógica de exclusão que se insere não apenas na esfera econômica, mas também em outras esferas da vida, embasada em uma nova cultura caracterizada pelo consumo, pela fragmentação das instituições e pela tecnologia informacional, em que as relações humanas foram substituídas pelas transações.

No sistema capitalista, em particular, a reprodução dos grupos dominantes estará centrada em torno da acumulação de capital. O sistema produtivo estabelecido, a tecnologia desenvolvida e as adaptações ambientais realizadas responderão, por conseguinte, aos fins assinalados. Não obstante, as classes dominadas, em seu intento de sobrepor-se às limitações materiais que para elas decorrem da racionalidade imperante, tratam também de intervir, na medida de suas possibilidades, no meio que as circunda. O espaço modificado surge então não como resultado natural da evolução sociocultural da humanidade, mas como produto intencional e não-intencional de uma ordem estabelecida (BARRIOS, 1986, p. 5).

Para um melhor entendimento sobre o espaço socialmente produzido, tentando relacionar com a temática da violência urbana na cidade de Marabá, deve-se percorrer uma trajetória através dos agentes sociais que vivenciam a cidade (Estado, grupos sociais excluídos, proprietários fundiários etc) e os que estão diretamente ligados ao processo da violência urbana, tudo isso em diferentes escalas. Assim, quanto mais o espaço é ocupado, mais ocorrem transformações profundas desse espaço. E essas transformações não são apenas na produção de bens materiais, como também a adaptação ao meio ambiente, com as necessidades individuais, familiares, comunitárias e das formas sociais em seu conjunto (BARRIOS, 1986).

Nesta perspectiva, o capitalismo produz não somente riqueza, mas também desigualdade, gera não somente oportunidades de consumo, mas, também o desemprego estrutural e tecnológico e apresenta suas privações. Ele propicia alegria e diversão para alguns, mas também frustração e ódio para outros tantos, ou para muitos. O modelo social capitalista é muito bom para produzir riquezas, mas péssimo para distribuí-los de forma homogênea (SOUZA, 2008).

Para Corrêa (1995), o espaço urbano capitalista é cheio de símbolos, com vários condicionantes sociais, articulações, campo de constantes lutas, é um produto social produzido de ações acumuladas ao longo do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. A ação desses agentes é bastante complexa, pautada na dinâmica de acumulação de capital, na reprodução das relações de produção e nos diversos conflitos de classes que vão se manifestando.

A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. É preciso considerar entretanto que, a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado. A desigualdade sócio-espacial também não desaparece: o equilíbrio social e da organização espacial não passa de um discurso tecnocrático, impregnado de ideologia (CORRÊA, 1995, p. 11- 12).

De acordo com Corrêa (1995) os agentes que produzem e consomem o espaço urbano, reinventando constantes processos de reorganização espacial ao longo do tempo são: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos.

Os proprietários dos meios de produção são vistos como grandes consumidores de espaços, devido a necessidade de terrenos amplos e baratos para o desenvolvimento de suas atividades, optando por áreas próximas ao porto, às vias férreas ou em locais com ampla acessibilidade à população (CORREÂ, 1995). Geralmente os principais locais para implantação das indústrias e das grandes empresas na cidade de Marabá, são fora da área urbana da cidade, sendo espaços mais amplos. Na área urbana de Marabá, estão localizadas pequenas indústrias, supermercados, lojas de materiais de construção, serviços bancários etc.

Os proprietários fundiários são aqueles que buscam obter maior renda fundiária de suas propriedades, com interesses nos melhores remuneradores possíveis, podendo transformá-las em áreas mais valorizadas. Buscam a conversão de terras rurais em terras urbanas, sendo seu principal interesse a expansão do espaço da cidade (CORREÂ, 1995). A

especulação da terra é bem visível na cidade de Marabá, com imóveis com altos valores, áreas mais valorizadas e loteamentos que estavam na área rural e foram fazendo parte da área urbana de Marabá. Dessa forma, a maioria da população não possui renda para obter uma moradia nesses locais, permanecendo sem moradia digna e sem infraestrutura essencial.

Os promotores imobiliários tornam-se um conjunto de agentes que realizam várias operações distribuídas em fases: a primeira fase é a incorporação, realização da gestão do capital-dinheiro para mercadoria, em imóvel. A segunda fase a do financiamento de recursos monetários vindos de pessoas físicas e jurídicas, um investimento que visa à compra do terreno e a construção do imóvel. A terceira fase estaria voltada para um estudo técnico, com profissionais da área de arquitetura etc, verificando a visibilidade técnica da obra. A quarta fase seria a contratação de empresas especializadas para a construção do imóvel ou produção da parte física, com a força de trabalho estando vinculadas a essas empresas. A quinta fase é a comercialização da mercadoria, que passa a ser capital-dinheiro, com a finalidade de lucros, comercializada por corretores, planejadores de vendas ou profissionais de propaganda (CORREÂ, 1995). Muitas empresas imobiliárias surgiram em Marabá, com o anúncio dos empreendimentos instalados na cidade, principalmente entre os anos de 2005 e 2011 com o anúncio da Aços Laminados do Pará (ALPA). Alguns imóveis já construídos e outros ainda em construção foram transformados em capital-mercadoria (imóveis), destinados para a pouca parcela da população, com anúncios diários nos meios de comunicação da cidade para os novos loteamentos criados com “infraestrutura” e “segurança” completa (SOUZA, 2015).

O Estado teria a função de intervir na organização espacial da cidade. Sua atuação é vista como complexa e variável no tempo e no espaço, sendo reflexo da dinâmica da sociedade da qual faz parte. A função do Estado estaria em criar condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, com condições direcionadas ao processo de acumulação e a reprodução das classes sociais (CORREÂ, 1995). O Estado, de alguma maneira buscou incentivos das empresas para a instalação de empreendimentos na região Amazônica, principalmente na cidade de Marabá, que sempre foi vista como uma área dinamizada e de grandes oportunidades, inicialmente extrativas e logo após mineral.

Levando em consideração os agentes citados acima, pode-se relacionar à realidade de Marabá, pois a violência acaba se caracterizando como forma de um processo de exclusão de diversos grupos sociais. Dessa forma, os grupos sociais excluídos possuem a possibilidade de moradia em locais periféricos localizados próximos ao centro da cidade, residências antigas, em que foram habitadas pela elite ou que já estejam degradadas e subdivididas, com casas

produzidas pelo sistema de autoconstrução em locais periféricos, conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, geralmente distantes das cidades (CORRÊA, 1995).

Um dos principais fatores que tem modificado/transformado a rotina de uma vida em sociedade é a violência, que acaba englobando também outros elementos. Assim, como enfatiza Couto (2010), existem diversos trabalhos que investigam várias abordagens teóricas determinantes da criminalidade, com variáveis socioespaciais relacionadas ao processo de urbanização (pobreza, desigualdade, exclusão, entre outras), sem contar, a taxa de urbanização, adensamento demográfico, presença de vilas, favelas e bairros pobres na periferia das cidades. Para Souza (2008), outro fator que seria relevante é a falta de planejamento nas cidades brasileiras, que seria uma das alternativas de minimizar o quadro de injustiça social e a má qualidade de vida da maioria da população. Primeiro, somente o planejamento não seria suficiente para alterar o quadro de injustiça social e a má qualidade de vida da maioria da população brasileira, pelo fato de não afetar verdadeiramente os fatores econômicos e políticos da sociedade. O segundo ponto estaria na questão quantitativa do planejamento urbano que é promovido pelo Estado, com sua má qualidade técnica ou até a escassez na elaboração desses trabalhos, não sendo investimentos suficientes (SOUZA, 2008).

Segundo Santos (2012), para a violência não há discurso nem saber universal, pois cada sociedade tem sua própria violência segundo seus próprios critérios, e poderá tratá-los com maior ou menor êxito.

Para Chagas (2014), dentro do espaço urbano são diversos os fatores que podem contribuir com o aumento da violência, como a exclusão social, a pobreza e a favelização, tendo maior intensificação em áreas periféricas, que geralmente são áreas abandonadas pelo poder público, tornando-se ambientes propícios para o estabelecimento da criminalidade.

Por outro lado o aumento da violência nos últimos anos, difunde a ideia de que somente nos espaços periféricos e pobres tem se apresentado a violência em sua forma mais intensa, porém, o que tem acontecido é que a violência se apresenta em diversos lugares, também em lugares elitizados, de acordo com a espacialidade e a territorialidade. O que tem acontecido é o poder das organizações criminosas vindo principalmente de áreas periféricas, difundindo-se, assim, também para os espaços elitizados (CHAGAS, 2014).

A violência e o medo há tempos perderam características puramente sociais e foram adquirindo características espaciais mais concretas, não sendo apenas um fenômeno que acontece passivamente no espaço, mas o transforma, e toda transformação espacial acarreta novas ações sociais, pois, nada deixa de existir no espaço, ou passa a existir sem que tenham

consequências na vida prática. Assim, a relação entre a violência física e o medo interfere consideravelmente no espaço geográfico (SÁ; CRUZ, 2011).

Logo, a georafização da violência no espaço urbano é pautada não apenas em eventos reais, expressos em números e devidamente mensurados por setores do Estado responsáveis pelo processamento de ocorrências, mas também em aspectos virtuais, materializados em discursos que interferem de forma mais agressiva na dinâmica urbana, uma vez que se infiltram no imaginário social e condicionam o uso dos espaços por meio da sensação de insegurança. Produz-se, assim, uma imagem catastrófica para o futuro da cidade (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 295).

O discurso da geografia do medo tem levado a um aumento da violência nos espaços urbanos. Criou-se um “mito”, uma sensação de medo constante. Embora realmente tenha ocorrido um aumento nos indicadores da violência, especialmente nas cidades de porte médio⁷ ou nas cidades médias, o impacto tem se pautado no discurso, sendo alimentados todos os dias pela mídia, com uma “sensação de catastrofismo” (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Com as omissões dos principais interessados sobre a questão da violência, o espaço urbano das cidades tem vivenciado uma onda de medo constante, causando nas pessoas uma sensação de insegurança, onde inicialmente era visto como um lugar da coletividade, “seguro”. A cidade nos dias atuais já não é mais vista dessa forma (SANTOS, 2012). Assim, pode-se destacar o aumento da violência e do medo na cidade de Marabá, lembrando que a população local até teria colocado um nome para popularmente definir a cidade, que é “Marabala”.

Em uma breve análise da violência na cidade de Marabá, Emmi (1999, p.13) demonstra que essa violência acontece desde seus primórdios e ainda continua a acontecer no período recente:

Se Marabá em seus primórdios, no início do século, era conhecida pela violência praticada contra os trabalhadores empregados na extração do caucho ou na coleta da castanha, resultando disso brigas dos patrões entre si, é porque essa violência era não apenas um componente do modo de relacionamento desses grupos e de frações, mas, sobretudo dos pólos opostos da sociedade. Na memória coletiva, continuou viva a violência, como reflexo das contradições e conflitos entre desapropriados e expropriados. Esse estado de conflito permanente, mais ou menos intenso, aprofunda-se no decorrer do tempo. Precisamente no início da década de 80, ressurgiu e se generaliza como estado crítico a violência, na medida em que, na luta pela terra, camponeses confrontam-se com antigos e novos latifundiários (EMMI, 1999, p. 13).

⁷ Segundo Trindade Jr. (2011), para a caracterização de cidade de porte médio leva-se em consideração o patamar populacional para reconhecer tão simplesmente o tamanho demográfico das cidades. Para Santos apud Pereira e Trindade Jr. (2007) o patamar para considerar uma cidade como sendo de porte médio estão entre 100.000 e 500.00 mil habitantes. Podem existir também centros urbanos de porte médio que não são cidades médias por simplesmente interagirem em áreas metropolitanas. Na verdade são cidades de importantes destinos migratórios que decorre da intensificação da fronteira econômica em determinadas sub-regiões, aguçando a busca de trabalho em cidades de porte médio e nos espaços metropolitanos (PEREIRA; TRINDADE JR., 2007).

Nessa perspectiva, devemos compreender a violência através de seus elementos constituintes, isto é, como algo construído socialmente por meio das relações sociais e do pensamento individual de cada sujeito, que adquiriu imagens concebidas coletivamente (SANTOS, 2012).

No texto da constituição de 1988, em seu Art. 144, diz que: A Segurança Pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio. Portanto, o que vemos é uma ineficiência diante do Estado e da própria sociedade. Além disso, há uma desregulamentação e privatização das atividades e dos deveres que deveriam ser realizados pelo Estado. Ocorrendo a intensificação da individualização com a perda da cidadania, conseqüentemente o enfraquecimento dos interesses públicos, diante do mercado privado cada vez mais competitivo. Um verdadeiro embate entre o público e o privado, com inversões de poderes pautados no sistema capitalista para a geração de lucros, independente do bem-estar da sociedade (BAUMAN⁸, 2003 apud SÁ E CRUZ, 2011).

No entanto, os mecanismos de segurança utilizados pelo Estado não foram capazes de conter o problema da criminalidade, que cresceu assustadoramente nos últimos anos, provocando uma sensação de insegurança e medo generalizados que afetam diretamente o grau de confiabilidade dos indivíduos nas autoridades governamentais. No Brasil tal fato agrava-se pelas diversas denúncias de corrupção, abuso de poder, enfim, pela presença da violência dentro dos organismos que devem combatê-los (SÁ; CRUZ, 2011, p. 32).

A violência urbana tem passado por um processo de descentralização territorial, no campo das imagens, com um sentimento geral de medo no uso dos espaços públicos, fazendo com que a cidade tenha uma imagem negativa, devido à falta de interação e relação social no uso desses espaços (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Segundo Souza (2008), diante de algumas alternativas para minimizar a criminalidade nas cidades estariam a redução da pobreza, das desigualdades sociais, da melhoria do nível de renda, com ações de largo e médio alcance, com orçamentos participativos e programas de regularização fundiária e urbanização de favelas.

A violência é caracterizada como um dos principais problemas urbanos das sociedades de hoje, sendo uma realidade vivenciada por diversas cidades e, se não for atenuada com as ferramentas necessárias (de forma imediata e eficiente), os espaços habitados pelos indivíduos serão limitados, principalmente aqueles com acessibilidade coletiva (SOUZA JÚNIOR, 2013).

⁸ BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

1.2 – A Territorialização da violência de Marabá

Quando se fala que o espaço é anterior ao território, acredita-se que possa ser um equívoco de “coisificar”, “reificar” o território que é também espaço social. Portanto, se houver uma interação do homem com o espaço, transformando a natureza através do trabalho, criando, modificando e retrabalhando o espaço social, estará também diante de um território, e não apenas de um espaço estritamente econômico (SOUZA, 2006).

Para falar de território e espaço, Couto (2010) utilizou de diversos autores para definir esses conceitos, como Haesbaert (2004)⁹, Raffestin (1993)¹⁰, Santos (1996)¹¹, Souza (1995)¹². No entanto, absorveu as ideias e buscou defini-los da seguinte forma:

O espaço sempre vai ser anterior ao território, o espaço é construído, o território é apropriado a partir do espaço. O espaço é a transformação da natureza pelas ações da sociedade, o território é o poder político-ideológico dos grupos que compõe o espaço, e por isso devem ser entendidos não como sinônimos, mas sim a partir de análises diferentes (COUTO, 2010, p.48).

Diante dessa primeira análise deve-se perceber que o espaço e o território estão interligados, e que, um depende do outro, que possuem relações sociais na construção de uma sociedade. Portanto, ao falarmos em território, devemos conceituá-lo, assim como faz (SOUZA, 2006, p. 81):

Retornando ao conceito de território, é imperioso que saibamos despí-lo do manto de impotência com o qual se encontra, via de regra, adornado. A palavra território normalmente evoca o “território nacional” e faz pensar no Estado – gestor por excelência do território nacional -, em grandes espaços, em sentimentos patrióticos (ou mesmo chauvinista), em governo, em dominação, em “defesa do território pátrio”, em guerras... A bem da verdade, o território pode ser entendido também à escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor (se bem que, na era da globalização, um gestor cada vez menos privilegiado). No entanto, ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (por. ex., uma rua) à internacional (por. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (...).

Para Souza (2006), a abordagem territorial surge na Geografia Política, com seus atributos naturais e socialmente construídos, sendo apropriado, ocupado por um determinado

⁹ HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

¹⁰ RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

¹¹ SANTOS, M. **A Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

¹² SOUZA, M.O. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo C.C.; CORRÊA, Roberto. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 96.

grupo social, podendo gerar raízes e identidade. Portanto, um grupo não poderá ser compreendido sem o seu território, e os limites do território não são estáticos, pois as fronteiras poderiam ser alteradas. Diante disso, o território sempre foi associado a um discurso ideológico, como um recorte, ou seja, do Estado-Nação.

De acordo com a abordagem de Haesbaert (2009), existem várias noções de território, na política, na cultura e na economia, respectivamente. A política seria a mais difundida, em que o território é visto como um espaço delimitado e controlado, exercendo, assim, um determinado poder, na maioria das vezes, não exclusivamente, relacionado com o poder político do Estado. Quanto à abordagem cultural do território, destaca-se:

Em uma visão cultural, tem –se: (Muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido (HAESBAERT, 2009, p. 40).

E por fim, uma noção econômica, porém, muito privilegiada, leva em consideração as relações econômicas, tendo o território como fonte de recursos, causando um embate entre as classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho. (HAESBAERT, 2009). Dessa forma, este autor faz uma análise do território numa perspectiva integradora, em duas possibilidades:

Sobriam então duas possibilidades: ou admitir vários tipos de territórios que coexistiram no mundo contemporâneo, dependendo dos fundamentos ligados ao controle e/ou apropriação do espaço, isto é, territórios políticos, econômicos e culturais, cada um deles como uma dinâmica própria, ou trabalhar com a idéia de uma nova forma de construirmos o território, se não de forma “total”, pelo menos de forma articulada/conectada, ou seja, integrada. Pelo menos ao nível individual ou de grupo, precisamos de alguma forma compartilhar um espaço que, no seu conjunto, integre nossa vida econômica, política e cultural (HAESBAERT, 2009, p. 76).

Diante da discussão do que seria território, em sua forma de apropriação e dominação do espaço, Haesbaert (2009) nos mostra o território em duas possibilidades nas perspectivas, materialista (funcional) e na perspectiva idealista, que enfatiza a territorialidade a partir de um caráter simbólico. Mesmo que o caráter simbólico não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território, seu significado está pautado na noção de identidade territorial. Sendo assim, o território é funcional e simbólico, pois o espaço realiza “funções” e produz “significados”.

Segundo Sá e Cruz (2011), a manifestação do poder está associada a uma ordem física, cultural e econômica, o que estabelece uma série de imposições na vida prática. Diante disso, as relações de poder podem também definir as formações territoriais, onde o território seria

visto como categoria de análise geográfica e com isso tem sido alvo de muitas discussões e controvérsias relacionadas aos estudos sobre a violência.

O território seria reflexo de diversas variáveis sociais, podendo ser elencado a pobreza, a desigualdade social, a qualidade de vida etc. Estando relacionadas a valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais, dessa forma, a violência poderá ser identificada através de resultados dessas relações com o território (CHAGAS, 2014).

De acordo com Couto (2010), os territórios são também constituídos e delimitados pelas ações criminosas, que seria através do poder, dominação, interesses, repressão em função do desenvolvimento de atividades ilícitas. Cria-se, assim, uma “territorialização perversa”, podendo ser qualquer forma de violência, tentando dominar a população.

Portanto emergem territórios constituídos por grupos de maior ou menor organização e armamentos que aí reproduzem, territorializam-se, e estabelecem uma relação de poder para melhor dominar a população e o local. E, a partir daí, articulam seus interesses e se fortalecem para organizar suas ações criminosas. A criminalidade se apresenta por intermédio desses grupos, que submetem a população (comunidade) a todas as formas de controle, praticando atos violentos de repressão (COUTO, 2010, p.62).

A violência é um mecanismo de produção e reprodução de territórios. O questionamento sobre a produção do espaço expresso no território demanda a identificação não apenas dos sujeitos e de como eles atuam, mas também os motivos que levam a atuar de determinada maneira e não de outra; de valorizar determinados elementos socioespaciais e não outros. O que está acontecendo se caracteriza em uma crise na cidade e da cidade (em seus aspectos estruturais, suas desigualdades, suas exclusões etc), que se materializa no aumento dos casos de violência e pelo próprio discurso do medo (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Assim, os sujeitos sociais são concebidos como mentores das divergências na produção do espaço, segundo as quais o território da apropriação é, simultaneamente, o da desapropriação e o da condição. Alguns de forma consciente, estruturando os elementos que possibilitem determinado tipo de formação socioespacial; outros de forma espontânea, sem maiores preocupações com os debates que resultam na produção social do espaço (SOUZA JÚNIOR, 2013, p.294 - 295).

De acordo com o autor supracitado, a grande preocupação com a violência configura-se no uso funcional e coletivo de espaços, tendo em vista a importância desses espaços para o contexto social a partir das intencionalidades dos sujeitos e das relações de poder estabelecidas entre eles. Sendo a violência um mecanismo de produção e reprodução de territórios. Assim, a geografização da violência dependerá de ações concretas e do sentimento do medo originado pela redução do uso dos espaços e como consequência da reprodução do discurso do medo.

Diante desse contexto, Marabá é um das cidades que convive em seu cotidiano com o grau extremo da violência, assim como diversas desigualdades sociais e econômicas. Nos últimos anos as taxas de homicídios têm alcançado proporções assustadoras, mostrando que o poder público não tem conseguido atender as necessidades da sociedade (GOMES, 2014).

A região da qual Marabá faz parte é marcada por uma violência com elementos históricos e culturais. A violência em seu grau máximo, o que leva à morte, é apenas uma das expressões da “questão social” que está presente na cidade de Marabá. São contradições impostas pelo capitalismo na sociedade de classes, em que as relações sociais são determinadas historicamente (GOMES, 2014).

Segundo Gomes (2014), Marabá está localizado na Amazônia oriental. Inicialmente, seu principal acesso se deu pelos rios e, posteriormente, pelas estradas. Por sua localização e facilidade de circulação e comunicação, teve seu processo de formação a partir de atividades extrativistas, minerais e vegetais, que possibilitaram dinamismo e consolidaram a partir da década de 1960, Marabá como um importante centro urbano.

Nos dias atuais, a cidade de Marabá desempenha um papel importante na economia, não apenas para o sul e sudeste do Pará, mas também para as regiões ao entorno e fora da Amazônia brasileira. Para Gomes (2014), o dinamismo socioeconômico e político de Marabá evidencia o interesse de diversas pessoas em migrarem para esta cidade, principalmente visando acúmulos financeiros, com isso, aparecem as disparidades, como as desigualdades sociais, somada a grandes mazelas, cada vez mais intensas no espaço urbano de Marabá.

A área de estudo é a cidade de Marabá, localizada no Sudeste paraense, na confluência de dois rios, o Itacaiúnas e o Tocantins (Mapa 01). Possui atualmente uma população de aproximadamente 262.085 habitantes e uma densidade demográfica de 15,45 hab./km² (IBGE, 2015).

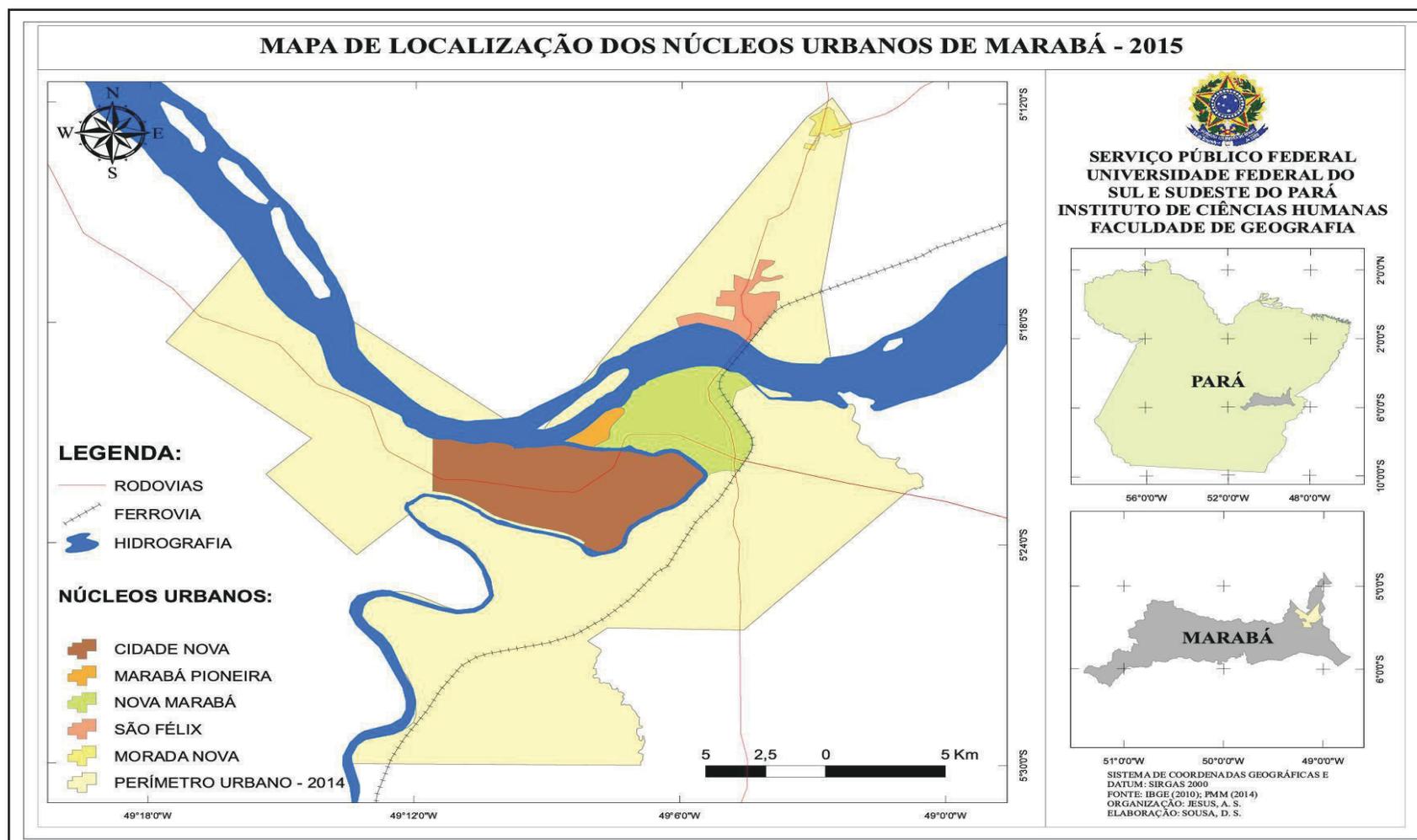
Para Trindade Jr. (2011), a Amazônia brasileira tem se configurado nas últimas décadas a partir de uma nova dinâmica de urbanização, com formas diversas na região. Essa nova mudança se deu no padrão de organização do espaço, em uma maior complexidade relacionada não só nas formas das cidades, mas também em seus conteúdos. Sendo fruto de um processo na alteração da paisagem urbana, revelando também vestígios de uma urbanização ainda anterior que não se rompeu totalmente.

Com a nova configuração da cidade de Marabá, a forma da cidade passou por diversas mudanças, podendo destacar a abertura das estradas (cortando os quatro cantos da cidade), a construção da ferrovia, a abertura do aeroporto etc. Porém, existem vestígios de uma Marabá dos tempos antigos, como fator principal os rios que cortam a cidade (Tocantins e Itacaiúnas), que relembram o auge da comercialização fluvial, e a permanência da arquitetura do Núcleo Pioneiro (o primeiro a existir) guardando vestígios de décadas passadas (TRINDADE JR., 2011).

A cidade de Marabá, em sua história manteve e ainda mantém relações econômicas, sociais, culturais com outras cidades. Isso ocorreu devido às facilidades de acesso ao município por via fluvial, principalmente pelo rio Tocantins, que se encontra também com o rio Araguaia, e também pela ferrovia que corta o município e faz ligação com o Maranhão. As atividades econômicas desenvolvidas no município são o extrativismo vegetal e mineral, atraindo um número grande de migrantes (vindos do Maranhão, Tocantins e Goiás) (ALMEIDA, 2008).

Em seu período atual, a cidade de Marabá é composta por núcleos urbanos, sendo esses cinco (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova) (Mapa 02), constituem-se fragmentos de espaços, onde suas especificidades estão relacionadas a determinações histórico-geográficas que contribuíram no contexto da rede urbana amazônica (RODRIGUES, 2010).

Mapa 02: Área de localização dos núcleos e do perímetro urbano de Marabá



Elaboração: SOUSA, D. S., 2016.

O núcleo da Nova Marabá foi inicialmente um núcleo planejado, porém, acabou recebendo um contingente populacional maior do que o esperado, passando a apresentar diversos problemas de infraestrutura e de saneamento básico. Segundo Rodrigues (2010), o núcleo da Nova Marabá apresenta uma importância significativa em sua organização espacial fortemente associada aos eixos rodoviários (PA-150 e BR-230) e ferroviários, em que sua especificidade está relacionada ao intenso processo de urbanização do território, a partir de 1970.

A Nova Marabá foi implantada com o objetivo principal de servir como apoio aos grandes projetos, intensificando o processo de apropriação e uso do solo com atividades comerciais, escritórios de advocacia, lojas de vendas de automóveis, agências bancárias, condomínios fechados, loteamentos, com uma intensa valorização do uso do solo (RODRIGUES, 2010).

O núcleo da Nova Marabá também concentra grande parte de instituições municipais, estaduais e federais, de gestão e ensino, grande parte de instituições financeiras, de serviços e comércio, terminal rodoviário etc. É o núcleo que está no entroncamento dos principais eixos de circulação, que ligam Marabá à região e ao restante do país. Apresenta-se como um dos principais pontos de circulação de capitais, serviços e pessoas do município (RIBEIRO, 2010).

Para Almeida (2011), uma das maiores dificuldades na implantação da Nova Marabá, seria sua extensão gerando custos elevados para a implantação de infraestrutura e serviços, como abastecimento de água, rede de eletricidade, esgoto etc.

O espaço urbano de Marabá tem passado por diversas transformações podendo ser observadas modificações nas relações da sociedade em seu território, a partir de um processo histórico-geográfico ao longo de seus ciclos de dinamismo econômico (borracha, castanha, diamante, indústria etc) e os agentes nele envolvidos. Assim, muitos fatores estariam associados ao aumento do índice de violência registrada na cidade, sendo alguns deles, a falta de infraestrutura, emprego, péssima qualidade de vida, que fazem com que muitas pessoas procurem outras formas de sobrevivência. Dessa forma, atualmente a violência (principalmente os homicídios), é bastante sentida e difundida na cidade de Marabá. Para melhor compreender esse fenômeno que está no dia a dia da sociedade marabaense, o segundo capítulo será abordado na perspectiva de analisar a violência e detectar que a mesma é anterior à emancipação da cidade de Marabá, mostrando cada ciclo econômico e suas formas de violência vivenciadas em cada um desses momentos.

2. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE MARABÁ: VESTÍGIOS DE UMA PERMANENTE VIOLÊNCIA COTIDIANA

O principal enfoque deste capítulo é mostrar como se deu a produção social do espaço de Marabá ao longo do tempo, ressaltando seus ciclos econômicos (borracha, castanha, diamante e cristal de rocha). Assim, inicialmente serão abordadas diversas formas de violência que foram estabelecidas ao longo do tempo, com aparato teórico de autores relatando as oligarquias que permanecem durante um bom tempo e, ainda nos dias atuais, alguns vestígios de famílias que ainda influenciam nas decisões econômico-políticas da cidade.

O segundo momento desenvolve uma análise mais atual, a partir da década de 1960, com as intensas transformações na região amazônica. Dessa forma, surgem as grandes empresas, os incentivos fiscais dados pelo governo e os diversos migrantes que vieram para essa região na ideia de seu desenvolvimento e integração ao restante do país. Busca-se nesta nova fase, além de uma análise histórica da cidade de Marabá, identificar a vinda de novos agentes sociais, econômicos, políticos, com a permanência de algumas oligarquias e alguns conflitos urbanos que teriam se intensificado neste período. A cidade de Marabá é exemplo de diversas transformações, como a sua transição de uma vida ribeirinha para a utilização das rodovias, o aumento significativo da migração, da infraestrutura da cidade, a falta de emprego, as desigualdades sociais, formação de áreas periféricas, formação dos núcleos (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova).

2.1. Marabá: entre os ciclos econômicos e suas Oligarquias

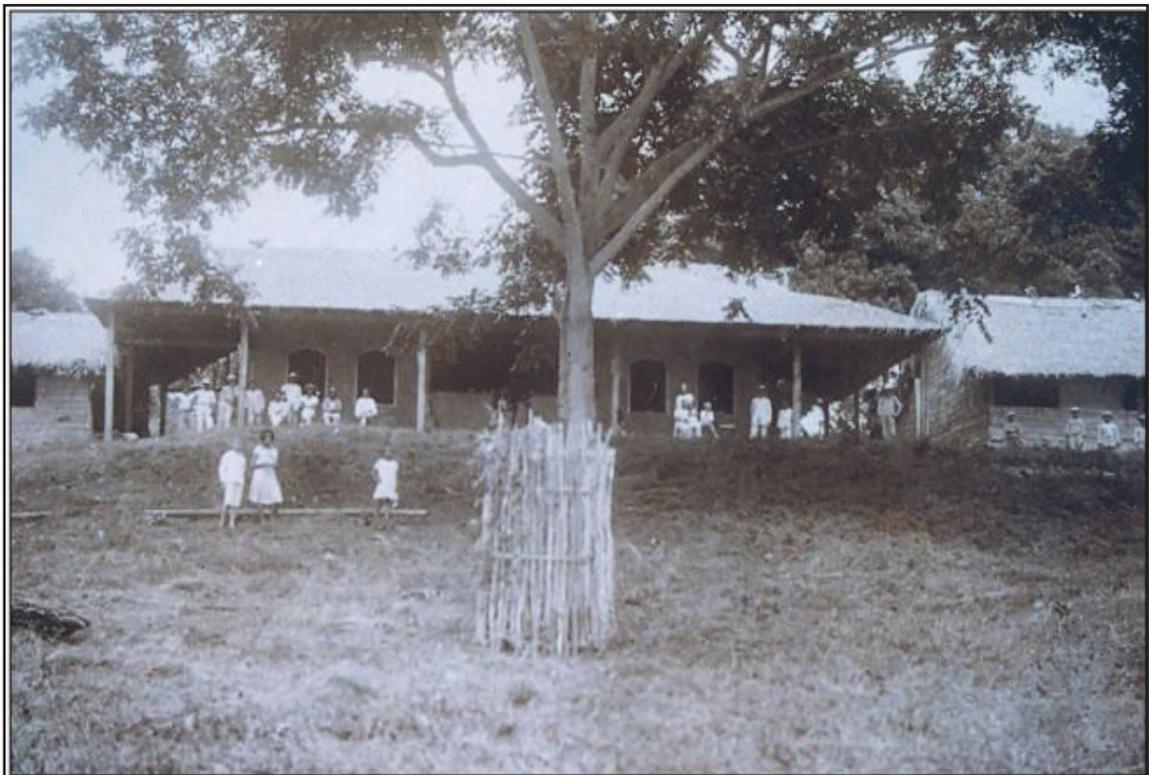
Para realizar uma retomada histórico-geográfica, é necessário assimilar o entendimento de como se deu a produção do espaço da mesorregião do sudeste paraense e da cidade de Marabá, tendo em vista as diferentes formas de apropriação e de uso do espaço, estando relacionados, respectivamente, ao início da ocupação regional e ao processo de modernização capitalista da Amazônia no contexto recente. É necessário retornar ao passado e relembrar importantes fatos que aconteceram ao longo do tempo, como elementos que revelam formas diferenciadas de produção social, configurando, assim, realidades onde múltiplas trajetórias coexistem (LIMA, 2013).

A economia brasileira estava fortemente estruturada na produção de matérias-primas e gêneros tropicais destinados à exportação, o café no Centro-Sul, o látex da Amazônia, o cacau e o açúcar no Nordeste. Assim, estavam em foco a criação do Burgo do Itacaiúnas, no período em que a produção da borracha teria alcançado preços extremos no mercado internacional (EMMI, 1999).

O movimento para o Oeste e para o Norte era visto pelo Governo do Pará como uma maneira de afirmar seu domínio sobre os limites entre os três Estados (Pará, Maranhão e Tocantins), principalmente por conta de suas riquezas extrativas vegetais. Até mesmo numa manobra política, esperava-se a criação de uma fonte de abastecimentos para a frente extrativista e uma antiga intenção de tornar Belém menos dependente do gado do Marajó (VELHO, 2009).

O movimento para o Norte toma um caráter semioficial. Embora muito dos refugiados se espalhassem a beira-rio, o grupo maior, liderado por Carlos Leitão, antigo deputado provincial, recebe em 1895 um auxílio de 10 contos de réis do Governador Lauro Sodré para fundar uma colônia (VELHO, 2009, p. 26).

Foto 01: Burgo Agrícola do Itacaiúnas. Criado no final do século XIX, para inicialmente desenvolver uma colônia agropecuária



Fonte: Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2015.

Em 1896 a população que morava no Burgo era de 222 habitantes, com 55 famílias agrícolas. O estabelecimento do Burgo traz como consequências o início do povoamento na região, com isso, vão se estabelecendo casas, famílias, inicialmente à margem esquerda do Tocantins (EMMI, 1999).

Após experiências que não se concretizaram e algumas dificuldades desde o início de sua fundação, o Burgo Agrícola acabou mudando para a foz do Itacaiúnas, na praia do Quindangues, à margem esquerda do Tocantins, a 8 km a jusante da foz do Itacaiúnas, em lugar alto e livre de enchentes (VELHO, 2009).

Naquele momento, a grande dificuldade para os fundadores do Burgo foi manter-se fiéis à criação de gado e à agricultura que pretendiam desenvolver. A borracha estava no auge na Amazônia, e embora a área não fosse das mais privilegiadas nesse aspecto, inicia-se, a partir de 1897, a sua exploração no Tocantins. A castanha era também retirada, porém, timidamente e com dificuldades começou a exercer sua extração (VELHO, 2009).

A criação do Burgo do Itacaiúnas está diretamente relacionada com essas lutas partidárias nacionais e com os conflitos locais de caráter político e religioso ocorridos entre essas facções partidárias em Boa Vista do Tocantins, em 1892. Esses conflitos locais envolviam não apenas problemas derivados de fanatismo religioso, mas especialmente disputas de poder entre os coronéis Francisco Maciel Perna (chefe político e intendente local) e Carlos Gomes Leitão (deputado Estadual florianista e chefe emergente em luta para exercer o controle local) [...] (EMMI, 1999, p. 30).

Segundo Emmi (1999), tudo isso irá causar uma intensa migração para essa área, principalmente de maranhenses, goianos e cearenses. Observando que neste período era pleno auge da borracha na Amazônia, ocorrem modificações nas relações que eram estabelecidas entre os colonos do Burgo, como no trato da terra para produção de alimentos, a extração do caucho, em função do seu valor de troca, introduzindo modificações nas relações entre os homens.

Segundo Velho (2009), a atividade agropecuária no Burgo não se concretizou, devido ao grande interesse na atividade extrativa, as quais iam se definindo mais claramente. Assim, surgiram novas áreas voltadas à extração nas proximidades de Marabá. O Burgo desapareceria e ali ficariam os eternos sonhos agropecuários dos colonizadores, que ressurgiram muito depois, com expressões diferenciadas (VELHO, 2009).

Assim, houve a transferência do Burgo para o novo povoado chamado Marabá, se confirmando o fim da colônia agrícola e sua substituição por um novo centro comercial, marcando também o declínio do mando de Carlos Leitão. A atividade econômica principal do

novo povoado está baseada no extrativismo, não deixando de existir uma pequena e tímida agricultura (EMMI, 1999).

A exploração do caucho, uma das árvores produtoras da borracha, envolvia certas peculiaridades em relação aos seringais, uma das quais implica a destruição das plantas. Este fator contribuirá para o contínuo deslocamento dos caucheiros em busca de terras pródigas na matéria-prima que procuravam. Registram-se, inclusive, lutas pela posse dos cauchais, quer por meios legais, quer pelo uso da violência (EMMI, 1999, p. 37).

A autora supracitada relata as constantes lutas pela posse dos cauchais, evidenciando o uso da violência e práticas coercitivas (aviamento), pautado na retirada do produto e principalmente no direito de sua apropriação. Como haviam diversos trabalhadores vindos de outros estados (Maranhão, Tocantins, Goiás), esses conflitos intensificavam ainda mais a violência em Marabá.

De acordo com Emmi (1999), um dado informante (sem nome) relata o modo como se dava a apropriação na região de Marabá. Sendo inicialmente as áreas delimitadas e marcadas pelos caucheiros através dos troncos das árvores com as iniciais dos patrões, quando a posse não era respeitada por bem, era respeitada à bala. E as relações entre os homens foram bastante influenciadas pelo comércio da borracha em seus interesses políticos e econômicos da área. No início o que predominava era o valor de uso, ou a produção de subsistência que caracterizava a economia do antigo Burgo, passando então, para uma nova dinâmica, predominando o valor de troca. O caucho só tinha sentido econômico para a troca voltada para o exterior. Diante deste cenário, ocorriam diversas lutas entre os “donos” de cauchais, entre os patrões, numa época em que Marabá estava praticamente isolada do resto do Estado. As lutas não eram pela terra em si, mas pelo controle da produção do látex. Os caucheiros eram vistos como instrumentos de trabalho e produtores de lucros para os patrões, interferindo até no que consideravam como a “lei” que se estabelecia na cidade (EMMI, 1999).

É nesse sentido que a autora utilizou-se das impressões de Sampaio (1967) sobre o intenso clima de disputas comerciais, que se tornavam, de certa maneira, comuns em Marabá, demonstrando que o processo de acumulação se deu com características de muita exclusão e violência.

As brigas e os atritos se originavam de qualquer discussão sem importância. A ausência de autoridade constituída para garantia da ordem era motivada sobretudo pela grande distância entre o povoado nascente e a capital do Estado, agravada pela ausência de navegação, que, na época, era feita por batelões a remo, em viagens que só se realizavam uma única vez cada ano. A lei, o direito, eram ditados pela “voz” do 44 de papo amarelo (SAMPAIO¹³, 1967 apud EMMI, 1999, p. 12).

¹³ SAMPAIO, Antonio. Estoria de Marabá. **Revista Itatocan**, Marabá, : 12, mar., 1967.

Percebe-se através da autora que a violência estaria diretamente relacionada ao capitalismo comercial, a grande precariedade de infraestrutura, o aviamento e as oligarquias. Para tanto, a relação de dominação política se constituía por meio de grupos de famílias latifundiárias/oligarcas, em que muitos autores descrevem como um poder trazido na figura dos “coronéis de barranco” da Amazônia, lembrado na figura dos “coronéis” do Nordeste. Segundo Emmi (1999), é a partir desse contexto que devemos entender que o poder local da Amazônia tem tomado como referência histórica o ciclo da borracha em uma análise econômica. Dessa forma, alguns trabalhadores passaram a descrever, sem aprofundamento, como se davam as formas de endividamento compulsório decorrente das relações semi-escravistas entre seringalistas e coletores de látex.

Em Marabá, nessa cadeia de relações mostrava-se bastante evidenciada a figura do comerciante no fornecimento de material (utensílios, armas, alimentos) para o caucheiro ingressar na mata; além disso, realizando a troca de mercadorias no ato do recebimento da matéria-prima, onde realizava seus lucros, ele iria desempenhar um papel particular na estrutura social que se esboçava (EMMI, 1999, p. 41).

Mesmo com os diversos conflitos entre os atores sociais que faziam parte da nova configuração socioespacial de Marabá, em 1913 estava sendo constituída a nova cidade daquele povoamento, permanecendo o nome “Marabá”. Finalmente emancipada em 27 de fevereiro de 1913, por meio da Lei Estadual nº 1278, com importante participação dos comerciantes locais e da maçonaria, tornando-se presentes nas reivindicações de emancipação e em questões relacionadas a limites do Estado de Goiás. Mas a referida Lei foi somente instalada em 05 de abril de 1913 (EMMI, 1999). Marabá se torna finalmente uma cidade, e ganha sua autonomia municipal, se desmembrando de São João do Araguaia. A população de Marabá seria instável, flutuante e aventureira (VELHO, 2009).

A extração da borracha não durou por muito tempo em Marabá. Sua crise desencadeou uma série de problemas econômicos e sociais, e Marabá foi atingida, sendo um dos municípios mais afetados, em função do abalo de sua economia. Com o declínio da borracha, as forças disponíveis de trabalho passam a ser destinados para a cata de outros produtos de origem extrativa, como madeiras, cacau, sorva e, no caso do Tocantins, a castanha. Assim, ao longo da década de 1920, a economia de Marabá continuava girando em torno do extrativismo (EMMI, 1999).

Segundo Velho (2009), mesmo com a queda da produção da borracha, a infraestrutura montada entre os períodos 1898-1919 foi transferida para a exploração da castanha, sendo possível pelo fato de tratar-se de atividade econômica aparentemente do mesmo tipo. Com isso, não se considera que se inaugure um novo período, mas que após a crise inaugure um

novo subperíodo ou fase dentro do mesmo período, mantidas as mesmas relações de trabalho, a coerção e a violência.

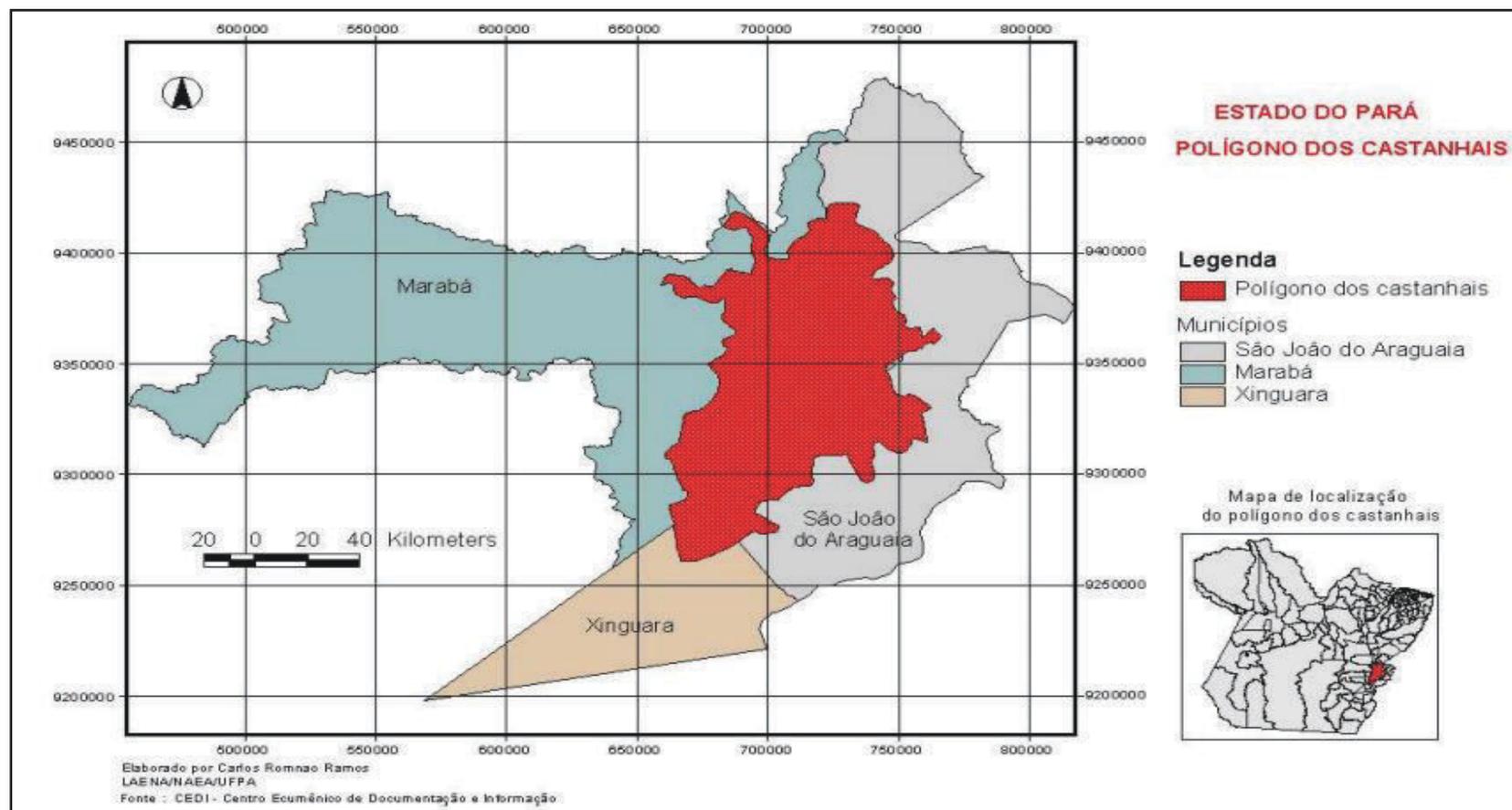
Na coleta da castanha, a busca se dá na cata dos ouriços que caem no chão, essa forma oferece riscos, devido a altura da queda do fruto. A safra coincide com o período do inverno amazônico (tempo das chuvas), nos meses de dezembro a junho. Porém, nos meses de dezembro a março os ouriços caem em maior quantidade e nos outros meses não há uma queda significativa dos ouriços. Esse período da coleta facilitava o transporte da castanha por via fluvial, pois os igarapés enchem e passam pelo Tocantins entre suas corredeiras e pedras submersas (VELHO, 2009). Para um melhor entendimento da produção extrativa, no Sudeste do Pará até a década de 1960, destacamos o Mapa 03, da página seguinte, que apresenta o Polígono dos Castanhais, tomando como referência os dados do GETAT, com uma área que era de aproximadamente 1.200.000 hectares, abrangendo os municípios de Marabá¹⁴, São João do Araguaia¹⁵ e Xinguara¹⁶.

¹⁴ Marabá seria denominado cidade sede em 1923. No ano de 1933, o município é constituído de 2 distritos: Marabá e São João da Ponta (ex- São João do Araguaia). Em 1943, o município é constituído de 5 distritos: Marabá, Itupiranga, Jacundá, Santa Isabel do Araguaia e São João do Araguaia. Em 1960, são desmembrados do município de Marabá os distritos de São João do Araguaia e São Raimundo do Araguaia (ex- Santa Isabel do Araguaia), para formar o município de São João do Araguaia (IBGE, 2016).

¹⁵ Em 1901 a localidade adquiriu categoria de povoado, em 1908, foi elevada a vila e município. Entretanto, em 1922, veio a ser anexada ao município de Marabá, devido sua extinção, perdurando até 1960. Somente em 1962, foi emancipado efetivamente como município. Em 1979, desmembrar-se do município de São João do Araguaia o distrito de São Raimundo do Araguaia, para formar o novo município de Brejo Grande do Araguaia (IBGE, 2016).

¹⁶ O município de Xinguara emancipou-se política e administrativamente em 1982, desmembrado do município de Xinguara o distrito de São Geraldo, elevado como categoria de município com a denominação de São Geraldo do Araguaia. É um município de criação recente. Sua criação ocorreu por ocasião da abertura da PA-279, com finalidade de ligar o município de São Félix do Xingu à rodovia PA 150, que corta o estado do Pará (IBGE, 2016).

Mapa 03: Os castanhais do Tocantins e a indústria extrativa no Pará até a década de 1960



Fonte: EMMI (2002).

Assim como aconteceu com a extração da borracha, a exploração da castanha teve sua extração “livre” na década de 1920, em alguns casos a organização do trabalho não teria a dependência de um “patrão” (livre no sentido de acesso à terra do castanhal). Em Marabá, a relação dos homens era da exploração que não teria limites e por muitas vezes os trabalhadores não agiam pacificamente, gerando diversos conflitos, que variavam do roubo da castanha às fugas quando estavam endividados e até mesmo o enfrentamento com os “homens do patrão”, acontecendo mortes, muitas vezes encomendadas pelos patrões ou pelos próprios trabalhadores, revidando a exploração sofrida (EMMI, 1999). Esses relatos evidenciam a violência que permanecia na cidade de Marabá, sendo uma imagem negativa que foi difundida na cidade através das mortes (acertos de contas, ódio e vingança) até os dias atuais.

(...). As relações entre donos de castanhal e castanheiros vítimas maiores de exploração que se estabelecia revelam aparentemente a aceitação da dominação/subordinação vigente. Entretanto, a “passividade” dos castanheiros em relação à exploração não é real. Conforme depoimentos tomados em Marabá, as relações de exploração se faziam presentes ainda que isoladas e individuais; traziam-se no roubo de castanhas para vender ao dono de outro castanhal, no enfrentamento direto com os homens do patrão de onde resultaram em mortes frequentes, na fuga após receber o aviamento, por estarem certos de que o produto do seu trabalho devido diversas formas de exploração não seria suficiente para saldar a dívida (EMMI, 1999, p. 74).

Dessa forma, alguns grupos locais detinham o controle por meio dos rios. Eram, na maioria, proprietários dos barcos usados no transporte da castanha e controladores de grande parte do comércio alimentício. As casas receptoras dos produtos extrativos eram monopolizadas por grupos de exportadores, que nos fins da década de 1920 recebiam a borracha, a castanha e o cacau em Belém. Entre as firmas que detinham esse monopólio estavam: A. Monteiro da Silva, Bittar Irmãos, Marcos Athias, Simão Roffé, Renninger & Cia. (borracha e cacau), Bittar & Irmãos (cacau, borracha e castanha). Neste caso, eles exportavam ou vendiam para as casas exportadoras. Na mesma época havia um grupo de comerciantes em Marabá, os irmãos Chamon, que tinham uma cadeia de depósitos em Marabá, Alcobaça (atual Tucuruí) e Belém. Os Chamon controlavam boa parte da comercialização interna (EMMI, 1999). Aqui podemos relacionar com as diversas territorialidades dos ciclos econômicos, em que de um lado estão as casas exportadoras e as elites oligarcas, e, de outro, os castanheiros, caucheiros, pescadores, prostitutas e demais grupos que seriam explorados, excluídos e vítimas das violências.

A oligarquia de Marabá, entendida como o grupo controlador do poder político, econômico e social local conserva na gênese de seu poder a propriedade da terra, associada aos interesses comerciais de exportação da castanha. Historicamente, ela tem-se apresentado constituída por grupos familiares, os quais em diferentes épocas vêm exercendo o poder local. Assim, nos anos 1920 até mais ou menos o fim da década de 1940, esta dominação foi exercida pelo comerciante da castanha e

secretário do governo, Deodoro de Mendonça e sua parentela. Já na década de 1950 em diante, por um grupo de comerciantes, fazendeiros e exportadores de castanha, entre os quais se evidencia o tronco familiar Mutran (EMMI, 1999, p.79).

Na figura 01 localizada abaixo, observa-se a estrutura dos agentes responsáveis pela produção da castanha, desde os grupos importadores até os castanheiros, de quem detinham o poder e de quem era dominado pelas estruturas oligarcas.

Figura 01: Estrutura dos agentes responsáveis pela produção da castanha



Fonte: VELHO (2009).

Para Paternostro¹⁷ (1945) apud Velho (2009), os maiores mercados estrangeiros se encontravam na Europa, constituídos por Inglaterra e Alemanha, onde se localizavam as maiores organizações importadoras. Durante a Guerra, os Estados Unidos se torna praticamente o único comprador, através dos portos de Nova York e Los Angeles, onde muitas vezes vendiam os produtos a outros compradores (VELHO, 2009).

Os grupos de Marabá tiveram certa importância na Associação de Castanheiros e também na Maçonaria, que cumpriu grande importância em reuniões e integrações da elite local. Os arrendatários do castanhal invadiam castanhais de outros, os comerciantes compravam castanha que sabiam ter sido retirada de forma ilegal. Os castanheiros eram os que iam para a mata retirar a castanha e sofriam com o processo de mais-valia sobre os demais (VELHO, 2009).

¹⁷ PATERNOSTRO, J. *Viagem ao Tocantins*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, SP.1945.

Para Emmi (1999), a família Mutran, chefiada por Nagib Mutran, chegou a Marabá nos fins dos anos 1920. Já na década de 1930 arrendavam grandes áreas de castanhais e os compravam. Vinham da Síria e teriam morado no Maranhão, fixando-se em Marabá e, aos poucos, se tornavam grandes latifundiários. Os Mutran foram formando um tronco familiar importante por meio de alianças matrimoniais, unindo suas terras e seus bens.

É importante ressaltar que até os fins da década de 1950 os castanhais eram de propriedade privada, sendo adquiridos por meio de compra, ou eram arrendados. Em 1954, com a Lei nº 913 surge e se generalizam os aforamentos¹⁸ que vão garantir a apropriação permanente dos castanhais. Essa prática da “extração livre”, sendo de total interesse dos chefes locais, que escolheriam seus fiéis seguidores para auxílio. Porém, essa nova apropriação de servidão pública não foi pacífica, pois a história registra o uso da violência pelos oligarcas e reações de defesa por parte dos expropriados (castanheiros, caucheiros etc) que não reconheciam o “direito” dos novos donos (EMMI, 1999).

Desse modo, a população que residia em Marabá não era fixa, e não permanecia por muito tempo na cidade. Sem alternativas de deslocamentos e por estarem protegidas por um padrão tradicional, as relações de trabalho implicavam em um sistema de financiamento a prazo com coerção física, sendo também o método de cobrança de dívidas (VELHO, 2009).

Os castanheiros, agora, já se internavam muito na mata; em geral a ponto de tornar impraticável o contato com um centro urbano durante os meses de trabalho, e mesmo com pouquíssimos outros contatos humanos. Podiam situar-se em colocações que distassem muitos dias a pé de Marabá. Eram aviados antes de partirem por seus patrões, que quando arrendatários eram também empresários da produção. O dinheiro que restava do que lhes havia sido adiantado era invariavelmente gasto nas farras, numa compensação antecipada dos meses de isolamento vir. Alguns levavam para a mata mulheres da vida, que lhes prestavam então, não só serviços sexuais, mas serviços domésticos em geral, sendo motivo, por vezes, de violentas disputas nos pequenos grupos de castanheiros (VELHO, 2009, p. 56).

Dessa forma, é notável como a violência se desenvolvia no período em que os trabalhadores (castanheiros) ficavam vários dias longe da cidade. Nas matas o afastamento se dava durante vários dias, com isso acabavam levando diversas mulheres, estas sendo, então, motivos de disputas violentas, podendo gerar mortes. Assim, muitos desses trabalhadores gastavam todo o seu dinheiro com farras, bebedeiras etc. Ficavam devendo seus patrões que

¹⁸ Segundo Almeida (2008), o aforamento perpétuo ou enfiteuse foi reestabelecido no ano de 1954, no qual mediante pagamento de um anuênio, o castanhal poderia permanecer em poder de um mesmo indivíduo por tempo indeterminado. Tal feito acabou por efetivar a posse dos castanhais nas mãos de uma elite, já constituída em Marabá e que, além dos castanhais, controlava o comércio e o tráfego fluvial, os estabelecimentos comerciais e as casas exportadoras de castanha e que também aviavam castanheiros.

no final das contas queriam receber suas dívidas. Assim, acabava ocorrendo a violência entre patrão e empregado, causando as mortes violentas.

Para Velho (2009), o regime de violência praticada contra os castanheiros é chamada de “lógica” da espoliação¹⁹, tendo sua razão econômica pautada sob o ponto de vista dos setores dominantes, com técnicas de extorsão de mais-valia absoluta. Existiam também rivalidades, quer econômicas, quer políticas entre os donos de castanhais, não sendo raro invadirem castanhais uns dos outros ou até mesmo comerciantes comprarem castanha que sabiam haver sido retirada clandestinamente. Muitas dessas imagens e/ou atmosfera de violência da cidade resultavam em assassinatos constantes.

Durante muitas décadas aconteceu a submissão dos castanheiros aos patrões, e nenhuma ação por parte do poder público foi tomada, seja o municipal, o estadual ou o federal. Não havia nenhuma forma de organização ou sindicato que lutasse por melhorias nas relações de trabalho, até mesmo porque as famílias mais importantes controlavam o poder e a câmara de vereadores, o que possibilitava a forma de exploração prolongada (ALMEIDA, 2008).

Segundo Almeida (2008), no período da Segunda Guerra Mundial a extração da castanha sofre sua primeira queda de continuidade, em função do mercado internacional. Nesta mesma época, o garimpo de diamantes ganhou notoriedade na área do município de Marabá. Os primeiros vestígios dessa atividade remontam ao ano de 1938, com a descoberta de diamantes na área das corredeiras do Itaboca. Sendo também registrada a descoberta de cristal de rocha, minério procurado pela indústria bélica para a Segunda Guerra Mundial para a fabricação de lentes e material óptico, como os binóculos.

A vantagem do garimpo era que podia ser explorado de forma intercalada com a castanha, na época do verão local, de maio a outubro, quando a vazante dos rios facilitava o acesso aos depósitos de aluvião. Empregava-se muitas vezes a mesma mão-de-obra da castanha e que ficava disponibilizada na entressafra. O trabalho nos garimpos do rio Tocantins chegou a utilizar motores para bombear água dos poços e mergulhadores com escafandro para as minas mais profundas (ALMEIDA, 2008, p. 45).

Para o autor supracitado, o garimpo nunca superou em importância a exploração da castanha, mas aproveitou a estrutura já criada com o extrativismo, que estaria pronta e permitia seu uso na época da entressafra (ALMEIDA, 2008).

No mesmo contexto da Segunda Guerra Mundial, Velho (2009) nos mostra que outra atividade mineradora surgiu, a do cristal de rocha, entre os anos de guerra (1940-1944). A

¹⁹ Chama-se a “lógica” da espoliação a violência cruel de que eram vítimas os castanheiros que por conta de suas dívidas com os donos dos castanhais, passariam a ter explorada sua força de trabalho a partir da extração da mais-valia (VELHO, 2009).

exploração de cristal torna-se bastante importante para Marabá, até mesmo devido ao declínio da castanha (1944), sua exploração era realizada em terra firme, ora era livre, ora obedecia a um patrão, dependendo da necessidade do aviamento.

Imagem 01: Garimpo de diamantes no Tocantins em 1954



Fonte: ALMEIDA (2008).

Neste caso, também existiria a figura do patrão que forneceria os equipamentos necessários (canao, bomba de ar, escafandro e a alimentação), ficando com 50 a 60% dos lucros. Esse sistema também interessou alguns comerciantes e arrendatários de castanhais, com aplicações de seus lucros, criando outro vínculo entre as duas atividades. Os pequenos arrendatários se dedicavam pessoalmente à atividade mineradora. Com isso, todo diamante era voltado para o mercado exterior, geralmente contrabandeado, sendo pequena sua contribuição aos cofres públicos locais (VELHO, 2009).

Durante o período de atividade do garimpo, Marabá permanecia “vazia” devido à atividade da castanha reunir o maior número de trabalhadores e movimentar o transporte fluvial até Belém. Dessa forma, ressalta-se a importância do extrativismo na formação, desenvolvimento e na forma de ocupação da sede municipal, onde sua configuração urbana se

desenvolvia em torno dessas atividades. Nota-se que a ocupação da cidade aumentava na época da safra, movimentando o comércio local, as “casas de farras” e o tráfego de motores nos rios (ALMEIDA, 2008).

Até a década de 1940, Marabá se caracterizou por essa instabilidade em sua ocupação em função do predomínio do extrativismo, tanto no caso da castanha como do garimpo. Essa situação começou a se alterar a partir de meados da década de 1950, com a restauração de um antigo dispositivo legal conhecido como aforamento perpétuo, permitindo uma ocupação mais permanente da terra e propiciando algumas melhorias nas propriedades, como abertura de estradas, construções de barracões e um aumento na criação de gado (ALMEIDA, 2008, p. 49).

Mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial, a atividade mineradora do diamante prossegue, mas lentamente e declinante. Assim, até a metade da década de 1950 guarda bastante importância enquanto atividade complementar da extração vegetal. Além disso, surge uma diversificação de atividades como o comércio de peles. Por outro lado, era nítida a decadência da exploração do diamante, sendo, de certo modo, substituída pela pecuária (VELHO, 2009).

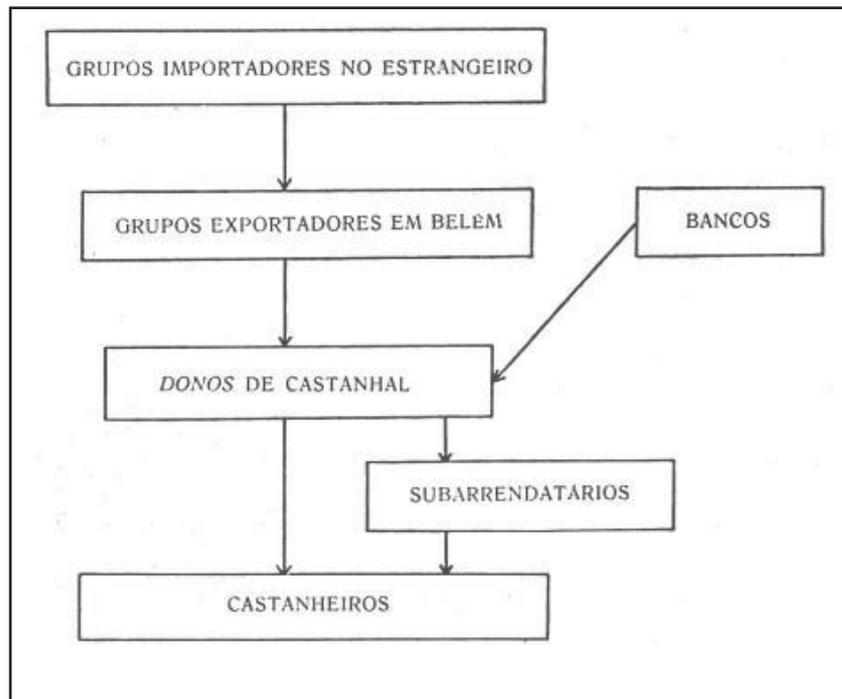
De acordo com Velho (2009), mesmo nos interstícios das atividades extrativas e das atividades a elas ligadas, surgiu na região de Marabá a industrialização e a produção agropecuária. O seu caráter intersticial não ajuda somente a esclarecer o caráter da atividade principal, como anuncia um novo futuro de possíveis transformações.

Com relação aos grupos remanescentes do poder tradicional, alicerçada na economia da castanha as elites locais, ainda eram detentoras de grandes extensões de terras, muito embora já não fossem mais os únicos. Diante da nova configuração espacial da região amazônica, o monopólio exclusivo das famílias tradicionais é finalmente quebrado (EMMI, 1999).

A política de Marabá vai cada vez mais se distanciando da época em que se resumia a disputa entre os oligarcas da castanha pelo controle do poder local, como meio de exercer o controle da produção da mercadoria. A unificação do mercado nacional confronta os capitalistas locais com outros, mais poderosos, que vão se tornar hegemônicos (EMMI, 1999, p.121).

Já no final da década de 1960, ocorre uma mudança na posição das camadas da produção da castanha em relação à fase anterior apresentada, já que se tornava cada vez mais difícil sua estruturação, passando a concorrer com outros capitalistas mais poderosos da cadeia nacional ou internacional (Figura 02).

Figura 02: Nova estrutura da posição das camadas, após a década de 1960



Fonte: VELHO (2009).

Diante de um novo cenário, aproximando-se da década de 1970, os conflitos pela posse da terra na região de Marabá ganham maior evidência, se acentuando não só em número como em manifestações de violência. Estando inseridos nos conflitos: grupos de trabalhadores recém-chegados à área, ou de moradores antigos e grupos indígenas, representantes das oligarquias da castanha, componentes das empresas capitalistas que se expandem na área, intensificando o aumento da violência urbana e a penetração mais intensa das relações capitalistas na região amazônica (EMMI, 1999).

Com base nas descrições de Emmi (1999), o que se vê nesses últimos conflitos é o alto grau de violência que foi instalado, em que os donos de castanhais contratavam “serviços” de pistoleiros profissionais, sendo mais um indicativo do enfraquecimento do poder oligárquico. Logo também com a chegada dos migrantes e de trabalhadores de todos os horizontes mudou-se a composição desse povo por meio do poder de suas lutas, inicialmente tímida e muito limitada, mas logo descobrindo sua força e seu alcance. Mesmo sem organização avançada, por meio de um longo processo, conseguem em 1980 criar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá (STR), que, aliado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Araguaia, passaram a levar em conta a luta dos trabalhadores, não sendo mais possível desconhecê-lo.

A partir da década de 1960, Marabá deixa de ser apenas a terra dos castanhais como era conhecida em décadas anteriores. As áreas de castanhais vão perdendo a primazia num campo mais complexo de interesses econômicos. Para o município se volta o capital industrial e financeiro que especula sobre a terra graças aos incentivos fiscais ou visa às riquezas do subsolo. Os rumos da política econômica e a decisão de integrar ao mercado nacional a região amazônica determinaram mudanças na estrutura de poder local apoiada até então no comércio da castanha. Essas mudanças se traduzem em nível da terra, da competição pelo crédito e pelos favores fiscais, das relações de trabalho, da fidelidade partidária, condicionando nova estrutura de poder (EMMI, 1999, p. 152).

Até este momento, constantes transformações no espaço social, econômico e político da cidade de Marabá são registrados, podendo, assim, observar-se a queda nas formas de mando dos oligarcas locais e suas formas de poder. Sendo implantada uma nova dinâmica voltada para o desenvolvimento da Amazônia como um todo, através dos incentivos fiscais dados pelo Governo, com novas indústrias, agropecuária e principalmente conflitos que aconteceriam pela posse da terra. Com o desenvolvimento dessa nova região, intensifica-se a migração e os grandes projetos implantados, construções de rodovias, as desigualdades no espaço urbano, e a busca do “Novo Eldorado”, tudo isso será mais bem abordado na próxima seção desse trabalho.

2.2. Marabá: oligarquias capitalistas e a violência urbana

As novas transformações e a expansão econômica na Amazônia Oriental, que se inicia na metade da década de 1960, fizeram com que esta época correspondesse aos anos de euforia em sua história. O discurso recorrente do “vazio” amazônico era retomado na ideia de “integração nacional”, as elites nacionais, regionais e locais, celebravam a expansão geográfica da economia capitalista brasileira, que finalmente incluía a Amazônia neste processo. Essa nova configuração espacial e capitalista propiciaria novas mudanças institucionais para uma massa de desapropriados da terra, que resultaria no crescimento dos fluxos migratórios em direção à Amazônia (HÉBETTE, 2004).

Mesmo antes deste período de euforia, já havia um planejamento voltado para o desenvolvimento da Amazônia. Segundo Almeida (2008), uma contribuição importante seria a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), em 1953, inicialmente identificando a região com uma estrutura econômica arcaica, necessitando de ações transformadoras para resgatá-la de seu atraso e subdesenvolvimento. Daí surgem iniciativas para estimular a industrialização, desenvolver uma agricultura voltada

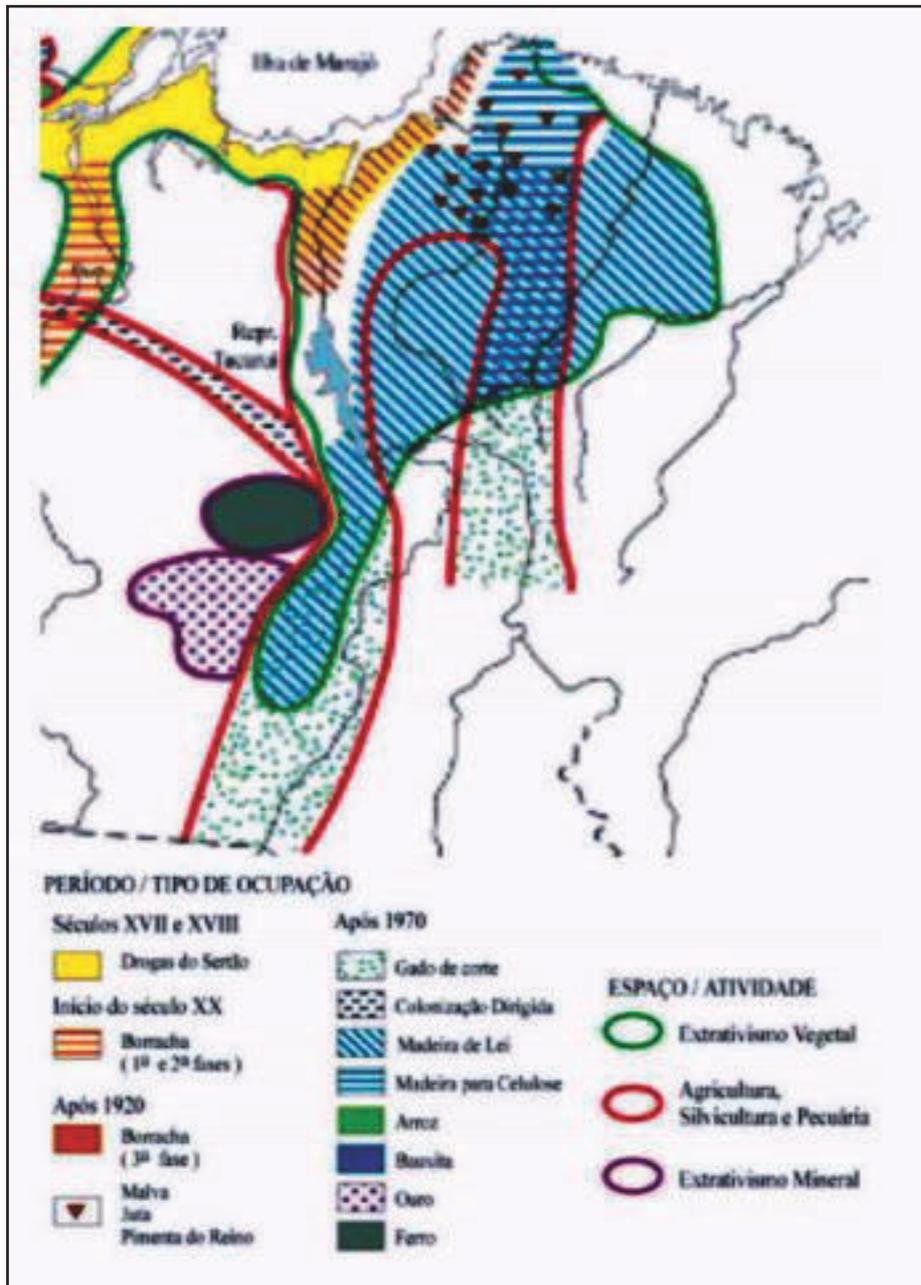
para o mercado local e ainda promover a integração ao Centro-Sul, considerado mais “desenvolvido”.

Uma das maiores preocupações era a necessidade de ocupar a região amazônica e garantir o controle de suas fronteiras, “integrar para não entregar” e, também, explorá-la economicamente em termos de desenvolvimento capitalista, comandado pelo Centro-Sul do país. A abertura dos eixos rodoviários e a criação da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em 1966, foram fundamentais para a nova política dos diversos programas e projetos (SILVA, 2006).

Nos anos de 1970 modifica-se o entendimento do processo de estruturação urbano-regional da Amazônia Oriental e também a estrutura da cidade de Marabá, surgindo uma ruptura na lógica de organização do espaço regional amazônico, devido à inserção desta região no contexto da divisão territorial do trabalho e da integração da Amazônia ao restante do País (RODRIGUES, 2010).

Dessa forma, o autor citado demonstra que esta ruptura diz respeito à substituição do padrão do espaço amazônico, primeiramente, relacionado às atividades extrativas, que perdurou desde o processo de colonização até aproximadamente os anos de 1950, tendo como núcleo central a cidade de Belém, para uma lógica baseada nas redes rodoviárias, na produção extrativa mineral e em outras atividades em larga escala, implicando em uma rede urbana complexa, a partir dos anos de 1970. A figura 03 indica, em linhas gerais, os padrões de ocupação produzidos nas cinco últimas décadas na Mesorregião do Sudeste Paraense.

Figura 03: Principais atividades existentes no território da mesorregião Sudeste Paraense nos séculos XVII e XVIII



Elaboração: Diagonal, 2011.

Fonte: (REVISÃO DO PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE MARABÁ, PA, 2011).

Para Almeida (2008), logo após a década de 1960, a inserção da Amazônia e do Sudeste do Pará no cenário econômico nacional se fez através de estímulos governamentais dados ao grande capital nacional e estrangeiro, com incentivos fiscais e, sobretudo, por meio de estradas, construção de aeroportos, fornecimento de energia elétrica (construção da hidrelétrica de Tucuruí) e também empresas estatais, como a Companhia Vale do Rio Doce

(CVRD), estimulado pelo Governo Federal para a implantação do Projeto Grande Carajás (PGC), na década de 1980 (ALMEIDA, 2008).

Sendo uma importante rodovia a Belém Brasília que ligaria a região Norte ao Sul do país. Um dos primeiros a sofrer os impactos dessas políticas voltadas para a Amazônia foi o Sudeste do Pará, em função de sua proximidade com o Sul e com o Nordeste e de estar na área de influência da rodovia Belém-Brasília (ALMEIDA, 2008). Logo após, veio a construção da Transamazônica, nos anos 1970, fazendo surgir uma nova etapa na região amazônica (EMMI, 1999).

Diversas transformações ocorreram em Marabá, em seu espaço urbano e na sua economia, com graves repercussões na estrutura social. Primeiramente, a cidade deixou de ter características de comunidade ribeirinha típica da Amazônia, para tornar-se um centro urbano com os mesmos problemas e dilemas dos demais centros urbanos do Brasil. Com imensas desigualdades sociais antes já existentes em Marabá, fez intensificar a formação de áreas periféricas, favelização e enormes disparidades na forma de apropriação de espaço urbano, por parte dos vários grupos sociais (ALMEIDA, 2008).

Os elementos citados acima (desigualdades sociais, formações de áreas periféricas, favelização, disparidades na forma de apropriação de espaço urbano etc) são bem recorrentes em centros urbanos que passam por transformação em seu crescimento econômico e populacional, como é o caso da cidade de Marabá, um centro urbano que se desenvolveu economicamente em função da ação do Estado e dos novos agentes sociais que nela se territorializaram.

De acordo com Guimarães e Loureiro (2007), ainda na década de 1960, a região era habitada por caboclos, ribeirinhos, seringueiros, pescadores artesanais, colonos, extrativistas de vários produtos, índios, negros de quilombos e outros grupos sociais que faziam parte da chamada população tradicional ou local, que habitavam as matas e outros ambientes naturais. Muitos habitantes daquele período não possuíam títulos das terras que ocupavam, mas também nunca haviam sido questionados quanto à legalidade de suas ocupações. De certa forma, as pessoas viviam tranquilas em uma região, com pouca integração ao restante do país (GUIMARÃES; LOUREIRO, 2007).

Neste momento, Guimarães e Loureiro (2007) explicam que o Estado cria uma legislação com condições e oportunidades idênticas para “todos”. Mas pelo fato de criar vantagens apenas às empresas organizadas sob a forma de sociedades anônimas, já excluí, inicialmente, as populações locais, os pequenos produtores e os migrantes pobres (sem

nenhuma condição financeira). Dessa forma, o Estado promoveu o privilégio dos grupos econômicos e a exclusão social das populações locais, sendo um fator estruturante do conflito e da violência na região, em sua história recente.

O Estado foi, na época, o protagonista do processo que engendrou a mudança e, com ela, a violência e o conflito na região. O elemento desencadeador dos conflitos e da violência na região foi o fato de que o Estado, consoante os princípios norteadores da ideologia do processo e da modernização, colocou à venda numerosos e extensos lotes de terra pública, até então habitados pelos moradores naturais da região e antigos migrantes (GUIMARÃES; LOUREIRO, 2007, p. 222).

Nessa perspectiva, ao atrair os novos capitais, o Estado colocou a terra pública à venda, facilitando aos grupos econômicos, através de preços excepcionais, valendo-se do direito legal sobre os direitos sociais da pessoa humana. Não levou em consideração que o desenvolvimento pretendido poderia ter sido engajado juntamente com a população local, sem conflito ou violência e utilizando-se dos capitais que o Estado pagaria aos grupos econômicos, devolvendo a eles sob forma de incentivo para investirem na região (GUIMARÃES; LOUREIRO, 2007).

A ausência do Estado sobre o espaço amazônico possibilitou um poder aos novos grupos chegados na região. A forma que o Estado valeu-se para o “desenvolvimento” deixou fraturas na realidade social da região, uma delas foi o estabelecimento da violência e da pistolagem, frequentemente ocorridas nas áreas rurais e difundidas em uma violência urbana, nas pequenas, médias e grandes cidades (GUIMARÃES; LOUREIRO, 2007).

Para Corrêa (1995), a função do Estado seria mesmo a de criar condições fundamentais para a nova reprodução da sociedade capitalista, na visão de acumulação e reprodução de beneficiamento voltado para uma pequena parcela da população.

Antes da Belém-Brasília, as cidades existentes possuíam uma estrutura ocupacional organizada para atender minimamente às necessidades de comercialização, de transporte e de serviços em geral, porém, de acordo com o nível de transformação da economia local. A mesma passaria por um processo de mudanças, com mecanismos de dependência aos centros industriais. A estrutura ocupacional se expande, diante das novas exigências do mercado empresarial capitalista. Começa, então, a ser reproduzida uma terceirização na estrutura do emprego, com a criação de atividades do setor público bastante restritas no tocante à saúde e à educação. O que se vê são novas formas de produção, que passam a adquirir maior vitalidade, com demandas externas e a transformação de serviços, como transporte e comunicação, crédito, prestação de serviços etc (HÉBETTE; MARIN, 2004).

(...). A abertura da rodovia se deu, principalmente com as empresas construtoras, posteriormente com o tráfego de caminhões e a implantação de linhas de ônibus. A

falta de infra-estrutura de apoio terciário do nível correspondente ao grau de evolução do setor moderno provocou o surgimento de um conjunto de serviços precários: ponto de venda de comida e bebida (baiúcas e tabernas), pensões e hospedagens, posto de borracheiros e mecânicos improvisados, casas de prostituição. Donas de casa se transformaram em lavadeiras; crianças passaram a vender laranjas, pastéis e picolés, nas paradas de ônibus, a engraxar sapatos e carregar malas e embrulhos, nas rudimentares rodoviárias e nas pensões. O mito do pioneiro e o desconforto comentado pelos viajantes, na época heroica da rodovia, caracterizam bem o nível deste terciário que, obrigatoriamente, atendia a toda a classe de fregueses (HÉBETTE; MARIN, 2004, p. 95-96).

Com a abertura das estradas, as rodovias Belém-Brasília (1960) e a Transamazônica, abrem-se novos caminhos para a entrada de novos migrantes. Sendo que, anteriormente o fluxo migratório se dirigia às beiras dos rios, porém, nesta nova fase, passou à beira das estradas (SILVA, 2006).

Com a integração das estradas intensificou-se o avanço da frente agrícola e conseqüentemente o afastamento da beira, na busca das vias próximas das rodovias. Assim, surgem as empresas vindas principalmente do Sul, os órgãos governamentais e a exploração de ferro na Serra dos Carajás. Segundo Silva (2006), a infraestrutura rodoviária surgiu através de estratégias do Governo Federal de integrar a região ao restante do país. Além disso, o plano de colonização oficial, a instalação de canteiros de obras, especialmente a construção da barragem de Tucuruí e a instalação do Projeto Carajás, a descoberta de mina de ouro na Serra Pelada, aceleram e dinamizam as intensas migrações para o Sudeste do Pará, nas décadas de 1970 e 1980.

Para Souza (2015), já na década de 1970 começam a ocorrer conflitos decorrentes de interesses sobre a terra urbana de Marabá, entre o Governo Federal e a oligarquia local, sobretudo com a família Mutran. Diante disso, o Governo necessitava de terras para a construção de um porto, do 52º BIS (Batalhão de Infantaria da Selva) e também para a implantação do plano de desenvolvimento urbano de Marabá.

Para tentar solucionar esses conflitos, os prefeitos de Marabá eram nomeados pelo Governo Federal em tentativa de separá-los de influências políticas das lideranças locais. Lembrando que, neste período, por meio do Decreto-Lei 1.113 de 30/10/1970, Marabá foi declarada área de Segurança Nacional. Os prefeitos passaram a ser indicados pelo Governo do Estado e referenciados pelo Conselho de Segurança Nacional (SOUZA, 2015).

Com o crescimento populacional nos municípios, foi implantada uma política nacional no campo do planejamento urbano. Com a criação, em 1964, do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), órgão vinculado ao Banco Nacional da Habitação (BNH), e ao

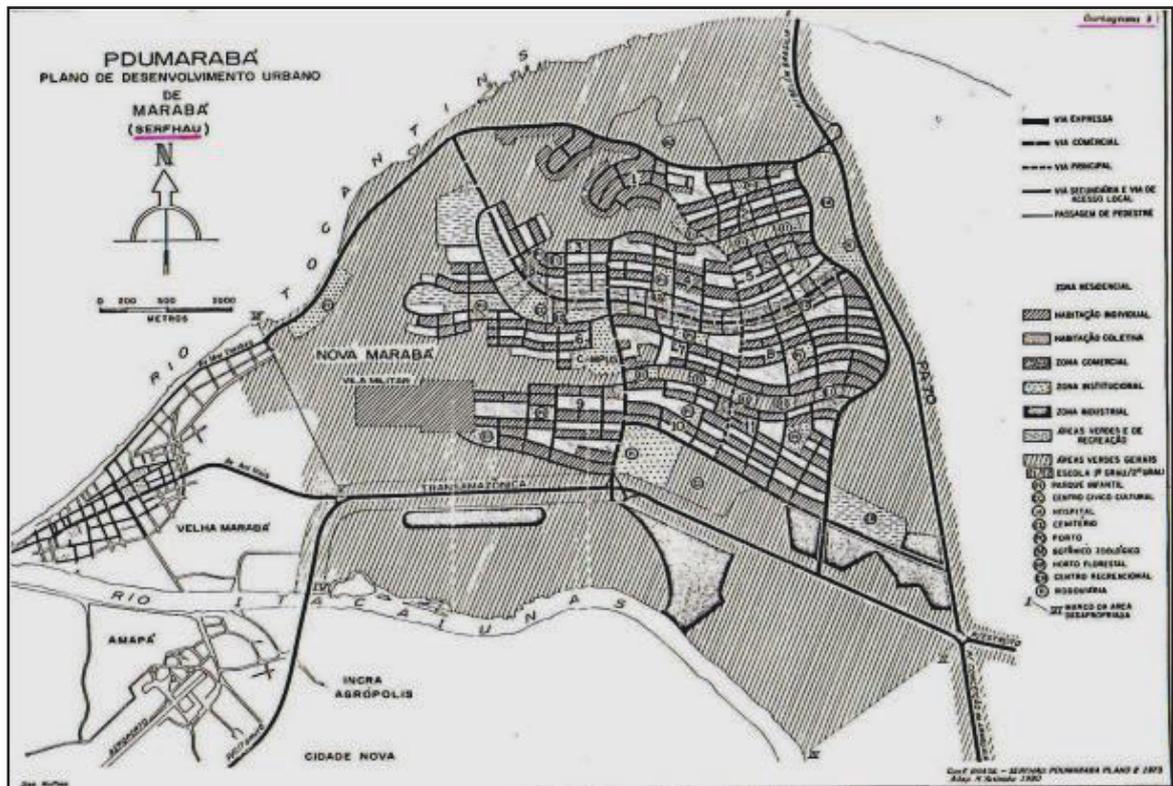
ministério do interior, o intuito foi de estabelecer políticas voltadas para problemas da habitação popular (ALMEIDA, 2008).

Nos últimos anos da década de 1960 houve uma maior fixação do homem na área urbana de Marabá, bem como o aumento da migração e do crescimento vegetativo. Núcleos, como o bairro Amapá e São Félix, este último situado do outro lado do rio Tocantins e próximo a recém-aberta rodovia PA-70, tiveram um maior adensamento, tendo seus moradores sido classificados como população ribeirinha. A sede municipal tinha em torno de 10.800 habitantes (ALMEIDA, 2008, p.137-138).

Somente em 1970 foi elaborado um Relatório Preliminar para o Município de Marabá, para orientar nas decisões das autoridades em ações de curto prazo, preparando a administração para futuramente criar uma prática de planejamento que deveria culminar no Plano Diretor Integrado. Nessa perspectiva, o planejamento da SERFHAU enfatizava a necessidade de participação dos níveis de governo, da população e da comunidade, o que na prática não ocorreu (ALMEIDA, 2008).

Nesse contexto, com recomendações do SERFHAU, os relatórios atenderiam medidas de aplicação imediata para solucionar problemas urgentes, como na educação, na saúde e nas condições de trabalho dos castanheiros. Assim, foi sugerido pela SERFHAU um Plano de Desenvolvimento Urbano de Marabá (PDUM), elaborado pelo Arquiteto Joaquin Guedes e Associados de São Paulo, ficando pronto em 1973. O plano levou em consideração estudos a partir de condições naturais, econômicas, sociais e populacionais de Marabá, com diagnóstico, voltado para as perspectivas da cidade, em seu desenvolvimento regional, pois o sítio onde se encontrava a cidade era considerado inadequado. Assim, foi necessária a criação de um novo espaço urbano em Marabá, compatível com seu crescimento, apontados no projeto previsto para aquela região (Figura 04) (ALMEIDA, 2008).

Figura 04: Plano de Desenvolvimento Urbano de Marabá (PDUM)



Elaborado: SERFHAU.

Fonte: (REVISÃO DO PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE MARABÁ, PA, 2011).

O crescimento desordenado das metrópoles e de algumas cidades situadas nas áreas de fronteira, como Marabá, agravou a necessidade de organização do espaço urbano. As políticas de planejamento nessas áreas propostas pela SERFHAU encontraram resistências em municípios onde, em muitas décadas, os grupos oligárquicos ainda exercem o controle do poder local, possuindo interesses econômicos enraizados. Diante disso, eram infrutíferas as tentativas de resolver do modo racional e técnico os problemas gerados pelo crescimento, como a pobreza dos grandes centros, a formação de balcões de miséria, a formação de favelas e áreas periféricas que recebem a população migrante diariamente (ALMEIDA, 2008). É caso da Marabá Pioneira, o núcleo mais antigo da cidade de Marabá, que passava por constantes enchentes, não tendo mais como expandir seu espaço físico, afetando diretamente as populações que ali residiam:

No Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado, publicado em 1970, foi constatado o esgotamento do espaço físico da cidade, limitado pelos rios e pelo Varjão, que impediram o seu futuro crescimento e também por ser afetado pelas enchentes. A inadequação do espaço urbano era observada e em função daquilo que já se projetava para a cidade em função da provável exploração do minério de ferro (ALMEIDA, 2008, p. 136-137).

De acordo com Almeida (2008), a ideia da mudança da cidade estava vinculada a interesses políticos, dirigidas pelo Governo Militar para a Amazônia. Uma das justificativas colocadas pelo Governo inicialmente seria a transferência das populações do Núcleo Pioneiro, que iriam para o Núcleo planejado, devido constantes problemas com enchentes que invadiam as casas no período chuvoso.

Para a construção do novo núcleo, denominado Nova Marabá, não foi levado em consideração a participação da população local, que ainda era “manipulada” pelas oligarquias da cidade. Levou-se em consideração a organização espacial do núcleo urbano da Nova Marabá, cortado por vários eixos rodoviários (PA-150 e BR-230) e ferroviários, sua especificidade é evidenciada por esses eixos que passam a atrair um intenso processo de urbanização do território amazônico (RODRIGUES, 2010).

Foto 02: Núcleo Marabá Pioneiro, área localizada próxima à orla da cidade, enchente de 1980



Fonte: Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2015.

Logo em seguida, foi planejada a área de expansão urbana (Nova Marabá), tendo como objetivo absorver a população migrante e receber os antigos moradores do Núcleo Pioneiro, atingidos anualmente pelas cheias dos rios Itacaiúnas e Tocantins. Somente em

1976, sob a responsabilidade da SUDAM, a área começou a ter seus primeiros moradores (foto 03) (SILVA, 2006).

Foto 03: Área habitacional da Nova Marabá, 1980, modelos de casas da COHAB



Fonte: Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2015.

Para Almeida (2008), com a criação da Nova Marabá, se previa que novos hábitos socioculturais causassem mudanças na comunidade local, com a introdução de novos valores, atitudes e formas de comportamento social. Sendo esses valores os mais adequados para uma sociedade “moderna” e “civilizada”, em que deveriam retirar os moradores de um modo de vida “atrasado” e “primitivo”, no caso, na visão dos que planejavam o futuro da nova cidade.

A Nova Marabá estava sendo implantada na possibilidade de novas políticas de planejamento urbano almejada pelo Governo Federal. Porém, o crescimento populacional do novo núcleo ultrapassou as expectativas dos planejadores, impondo a necessidade de medidas para atender demandas do intenso crescimento de periferias (ALMEIDA, 2008).

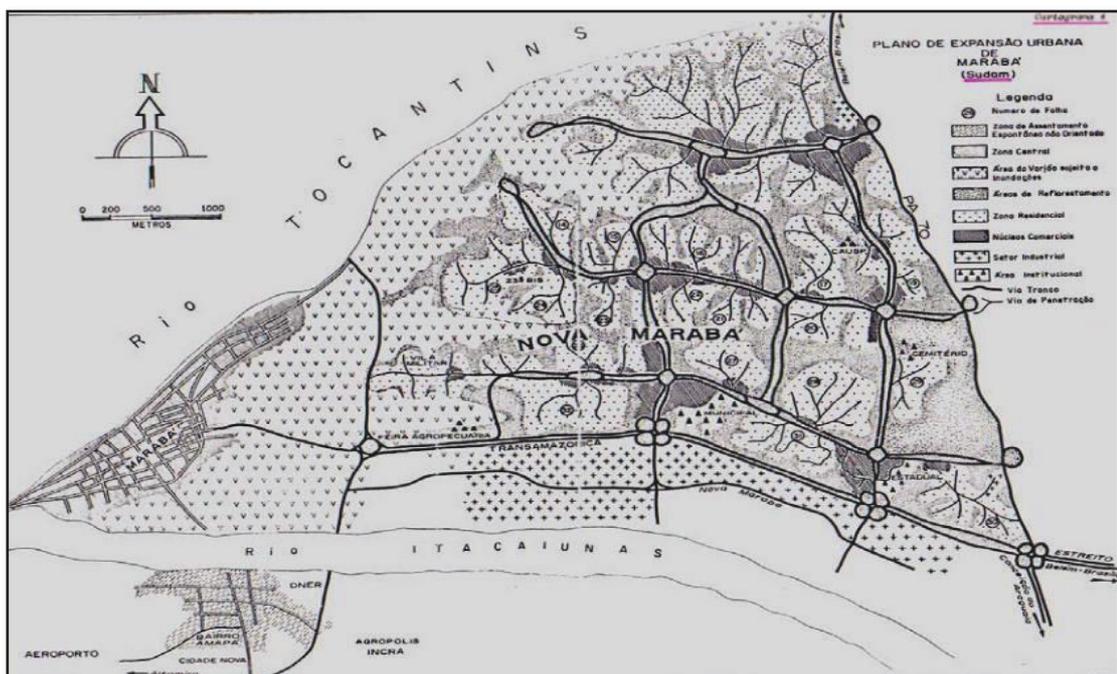
Porém, no fim da década de 1970 e início da de 1980, a SUDAM abandona o projeto sem a urbanização da área ter sido finalizada. Os núcleos urbanos surgidos depois da década

de 1970, em decorrência da migração, possuem o termo “novo” ou “nova”: Cidade Nova, Nova Marabá e Morada Nova (SILVA, 2006).

Mesmo durante o PDUM, foram iniciadas, em 1976, as obras da Nova Marabá. No ano seguinte e já com parte da nova cidade implantada, a SUDAM monta o Plano de Extensão Urbana de Marabá (PEUM). E logo começaram a distribuir aos moradores do núcleo pioneiro lotes na Nova Marabá, tendo apenas o sistema viário aberto e sem praticamente nenhuma infraestrutura, apenas as folhas 27, 28 e 21 iniciadas (ALMEIDA, 2008).

Neste cenário, o PDUM foi deixado de lado, justificando sua saída pelo fato de que a criação do novo núcleo teria sido direcionada para uma população de 50 mil moradores, e a previsão seria que, em meados da década de 1980, teria pelo menos 100 mil moradores. Sua substituição ocorreu em 1976 com a apresentação do PEUM, com a ajuda da SUDAM que era responsável pelo novo núcleo de implantação da Nova Marabá (Figura 05) (ALMEIDA, 2008).

Figura 05: Projeto da Nova Marabá contratado pela SUDAM



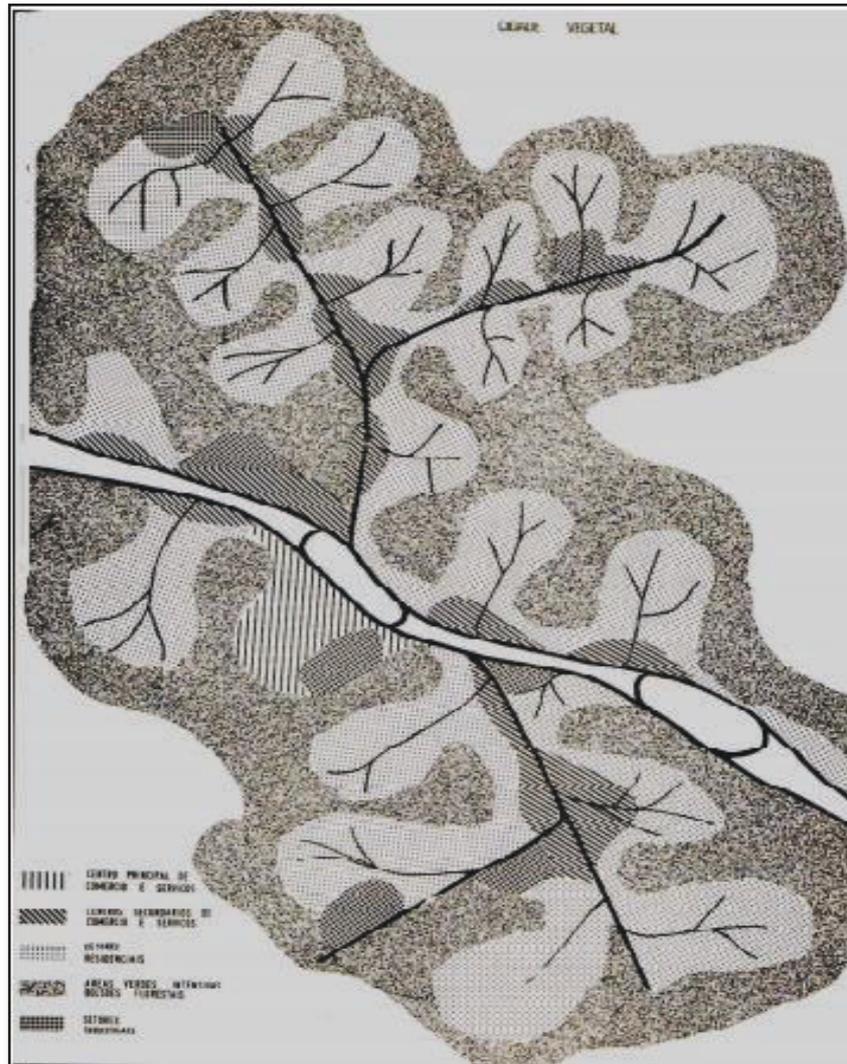
Elaboração: Escritório H. J. Cole + Associados.

Fonte: (REVISÃO DO PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE MARABÁ, PA, 2011).

Segundo Almeida (2008), a concepção urbanística elaborada pelo PEUM foi inspirada em uma estrutura vegetal (Figura 06), lembrando uma árvore com troncos, galhos e folhas, onde os troncos seriam os eixos viários periféricos, os galhos o sistema viário principal de penetração e as folhas as comunidades localizadas. Neste período, na década 1970, esse tipo

de planejamento era bastante adotado. De acordo com a ideia do escritório de arquitetura (H. J. Cole Associados), a planta permitiria a expansão futura da cidade de modo sistematizado, mantendo o contato com a floresta e as áreas preservadas.

Figura 06: Modelo de cidade vegetal que inspirou a planta da Nova Marabá



Fonte: (ALMEIDA, 2008).

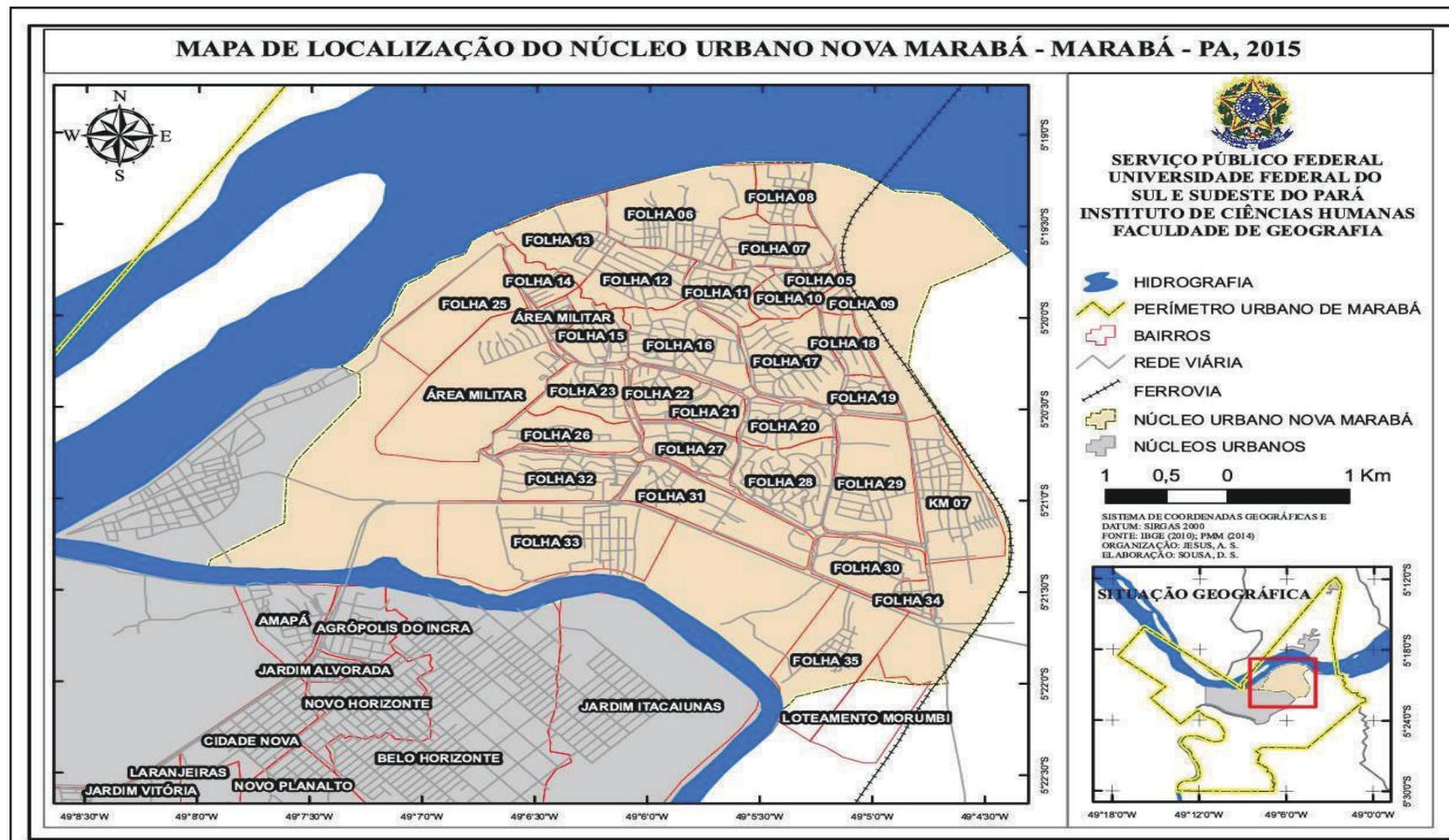
Com a previsão da intensa migração para Marabá e região, concretizavam-se outros núcleos localizados na própria sede do municipal, como São Félix e a Transamazônica. Quando a Nova Marabá começou a ser implantada, em 1976, a área do que seria o Complexo Cidade Nova já se encontrava consolidada em termos de ocupação (ALMEIDA, 2008). Para a concretização do núcleo da Nova Marabá, muitas benfeitorias foram feitas, mas não para beneficiar a sociedade local e sim o grande capital que estava sendo implantado na região:

O processo de implantação do novo núcleo estava relacionado com a política de intervenção na Amazônia promovida pelo Governo Militar desde a década de 1960. Procurava-se afirmar essas ações como sendo em prol do homem da região e do desenvolvimento da mesma, mas que em termos concretos servia aos interesses do grande capital proveniente do Centro-Sul. Com os chamados Grandes Projetos, a partir da década de 1980, o capital estrangeiro também foi diretamente beneficiado no sentido de que se provia o mercado internacional com matérias-primas do setor da mineração a um baixo custo e implantando na região um processo de beneficiamento primário do minério de ferro a partir do Projeto Grande Carajás (ALMEIDA, 2008, p. 176-177).

Para Almeida (2008), o que ocorreu de fato foi a não estruturação da Nova Marabá, não conseguindo atender ao crescimento demográfico que estava ocorrendo. Seus lotes não eram suficientes para atender aos moradores mais antigos somando com os novos que chegavam pelo processo migratório, daí surgem as invasões, como o que ocorreu em 1980 nas casas da COHAB, ano de uma grande enchente. Tal situação acabou criando condições para que a Velha Marabá se mantivesse, e para uma intensa expansão do Complexo Integrado Cidade Nova.

Juntamente ao processo de implantação da Nova Marabá, se consolida o Complexo Integrado Cidade Nova, do outro lado do rio Itacaiúnas e próximo ao antigo bairro Amapá, absorvendo grande parte da população. A expansão e a ocupação do bairro Amapá se acelerou em direção ao vale do rio Itacaiúnas, formando outros bairros, entre 1974 e 1977, como o Novo Horizonte, Parque das Laranjeiras, Jardim Belo Horizonte e o núcleo instalado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para seus funcionários, localizado em área mais elevada e segura com relação às enchentes (ALMEIDA, 2008). Nos anos atuais pode-se perceber (mapa 04) como o Núcleo da Nova Marabá teve um crescimento considerável, indo no sentido principalmente do Núcleo da Cidade Nova.

Mapa 04: Área de abrangência da Nova Marabá e alguns bairros do Núcleo Cidade Nova



Elaboração: SOUSA, D. S, 2015.

Nas décadas de 1970 e 1980, a cidade de Marabá era representada por uma ideia de modernização de uma realidade instável decorrente do crescimento desordenado, com a falta de infraestrutura e equipamentos urbanos e elevado índice de violência. Assim, não são raras as correlações com a migração, a população flutuante e a violência (SILVA, 2006).

A realidade da violência de Marabá impregnava sua imagem, que era vinculada externamente. Mas não era só uma questão geral, os “dramas” da cidade eram bastante variados, como o caso da disseminação das drogas entre jovens, a prostituição, a falta de pavimentação de vias, de saneamento, de escolas, de emprego etc (SILVA, 2006). Refletia também na cidade de Marabá, a precariedade de infraestrutura, a falta de apoio por parte do Estado, os grandes projetos e os fluxos migratórios, esses elementos estruturais e sociais, contribuíram no aumento da criminalidade em Marabá.

Na década de 1980, surgem outros núcleos dentro do município de Marabá em função do garimpo de Serra Pelada e do PGC (Parauapebas, Curionópolis e Eldorado dos Carajás), sendo desmembradas anos posteriores (ALMEIDA, 2008).

A cidade de Marabá em seu período atual revela-se como *locus* de múltiplos processos socioespaciais. Tornando-se relevante levar em consideração as formas de contribuição das singularidades econômicas e espaciais locais, por meio de um conjunto de especificidades históricas da evolução urbana desta cidade. Nesta perspectiva, os distritos que compõem o atual núcleo urbano da cidade de Marabá correspondem a Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova (RODRIGUES, 2010).

Para Almeida (2008), partindo de uma análise temporal da economia do município de Marabá, ocorreu o declínio da castanha do Pará, a exploração intensiva das madeiras por parte de serrarias instaladas na região e o avanço da pecuária com o aumento do rebanho bovino, com o PGC, veio o extrativismo mineral, a Estrada de Ferro Carajás (EFC) e o distrito industrial, passando a funcionar em 1987. As expectativas dos empregos gerados foram frustradas, não alcançando as cifras de sua inauguração, criando apenas alternativas rudimentares para os trabalhadores locais, tudo com resultados muito restritos.

Segundo Ribeiro (2010), na região amazônica, no Sudeste Paraense, particularmente na cidade de Marabá, a indústria que se estabeleceu seria proveniente de outras regiões brasileiras, caracterizados por grandes empreendimentos econômicos de capital internacional e privado, com tecnologia voltada ao beneficiamento primário de seus produtos (caso da siderúrgica). Porém, não deixando de existir indústrias de pequeno porte, com capitais regionais e baixa tecnologia, com importante dinâmica econômica e forte centralidade

regional na distribuição da demanda local (caso das indústrias da construção civil, da indústria agropecuária – leiteira e frigoríficos, e da indústria moveleira).

No final da década de 1990 e da de 2000, o setor industrial passou por um período de maturação e vivência em seu auge, com perceptível expansão do tecido urbano, sendo um dos fatores o desenvolvimento pós-PGC, o que levou à vinda de pessoas para Marabá. Mais adiante, em 2005, o cenário é de crise, com algumas mudanças na produção de ferro-gusa, e o consequente o fechamento de algumas unidades produtivas. Porém, no ano de 2008, é anunciado um grande projeto industrial, a criação da ALPA, siderúrgica da companhia Vale do Rio Doce, que tornaria possível um novo ânimo na economia de Marabá (SOUZA, 2015).

Criaram-se expectativas em torno de sua chegada, repercussões nos meios de comunicações em níveis locais e nacionais. O anúncio do empreendimento, juntamente com a especulação dos imóveis na cidade, propiciou uma nova dinâmica na produção do espaço urbano da cidade de Marabá. Diante deste novo cenário, a cidade passou a atrair novos fluxos migratórios e novos empreendimentos que prometeram melhorias e muitos empregos que seriam ofertados logo no início de sua construção.

De acordo com Ribeiro (2010), Marabá estaria passando por um processo de “retorno ao rio”, estando associado à circulação fluvial de mercadorias produzidas como alternativa para o escoamento local e regional através da construção de um novo porto na cidade e da instalação do projeto ALPA, que seria localizado na porção oeste do município, na margem direita do rio Tocantins.

Segundo Souza (2015), na década de 2000, o período de 2008-2010 foi considerado de maior expressão da vinda dos migrantes para Marabá, gerando uma grande expectativa em torno da instalação do empreendimento ALPA. Com diversos problemas sociais, a falta de moradias e a expectativa no mercado imobiliário, disseminam-se formas de moradias, os “aglomerados subnormais²⁰”. Com o processo de pós-ALPA, o que ocorre é uma diferenciação de produção do espaço urbano em Marabá. A espera pela ALPA foi frustrada. Após o início das obras, a mesma foi paralisada pela Vale, e os migrantes que vieram em busca de novas oportunidades não conseguiram se estabelecer em Marabá, gerando ainda mais problemas a violência na cidade.

²⁰ Segundo IBGE (2010), seriam unidades habitacionais irregulares existentes no país que teriam as seguintes características: ausência de título de propriedade, irregularidades das vias de circulação, lotes com tamanhos diferenciados, carência de serviços públicos essenciais (coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública), especulação imobiliária, carência de infraestrutura, periferização da população.

Com a chegada destes migrantes, uma necessidade se torna premente, que é a moradia. Para além do efeito da vinda de novos habitantes, o crescimento destes à população local torna possível a expectativa de criação de investimentos no mercado imobiliário, que deveria, então, se preparar para receber estas levas de migrantes, ofertando novas opções de moradia na cidade. Porém, como estes migrantes não são homogêneos, no que diz respeito às suas condições de emprego e renda, a forma em que estes tem acesso à moradia também será diferenciada, o que levará, no período pós-ALPA, ao estabelecimento de diferentes lógicas de produção do espaço urbano em Marabá (SOUZA, 2015, p. 125-126)

Eis que diante da nova configuração urbana de Marabá, a expectativa pelos grandes projetos fez surgir diversos conflitos e o aumento da violência urbana. As disputas pela terra que permanecem até os dias atuais, os diversos conflitos na cidade e pela cidade (novos empreendimentos). Isso por conta do crescimento do tecido urbano de Marabá, da falta de infraestrutura, de moradia, de necessidades essenciais para as populações que chegariam, da falta de saneamento básico, da baixa expectativa de vida etc. Segundo Souza (2015), a expectativa das instalações da ALPA e a sua não concretização, houve alterações na dinâmica do espaço urbano de Marabá, e ampliação das desigualdades sociais nesta cidade.

3. AS DESIGUALDADES SOCIAIS E A VIOLÊNCIA URBANA: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE MARABÁ

Neste terceiro e último capítulo deste trabalho será dada ênfase à nova dinâmica da violência na cidade de Marabá, analisando especialmente a área urbana através de seus Núcleos (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova). Realizou-se uma periodização com a utilização de dados quanti-quali distribuídos em três subtópicos principais. O subtópico 3.1 será trabalhado com as entrevistas semiestruturadas com cinco agentes representantes da segurança pública aposentados e um jornalista (sobre a violência no decorrer das décadas de 1980 a 2010). Já no subtópico 3.2 utilizaremos os dados coletados no Jornal Correio do Tocantins (período da década 2000). E por fim, no subtópico 3.3 analisaremos os dados do Relatório de Homicídio da área urbana de Marabá no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014. De acordo com todas as informações adquiridas ao longo da pesquisa, buscou-se analisar a dinâmica da espacialização dos homicídios como resultado do fenômeno da violência na cidade de Marabá.

3.1 - A violência homicida na cidade de Marabá entre as décadas de 1980 a 2010

A violência na cidade de Marabá sempre foi algo bastante recorrente, até mesmo por estar inserida em uma realidade amazônica palco de grandes e variados conflitos, de diversas naturezas (sociais, econômicas, políticas, culturais etc). A nova configuração socioespacial da cidade de Marabá as novas dinâmicas e realidades inseridas nesta região, que foram se apresentando ao longo de sua formação (ciclo da borracha, da castanha, a intensificação na área do comércio, indústrias, serviços etc).

Com isso, a violência foi acompanhando a história de Marabá, suas características e particularidades (principalmente, no uso da força e da violência repressiva), desde as oligarquias até os dias atuais. Contudo, durante esses períodos foi se desenvolvendo a prática da violência por meio da pistolagem, hoje conhecida como uma das principais causas dos homicídios. Guimarães e Loureiro (2007) explicam que, a partir de 1970, alguns fazendeiros recrutavam pistoleiros nordestinos que circulavam pela região. Os mesmos não tinham terras, seriam desprovidos de capital, de qualquer formação profissional e viviam à margem das formas habituais de organização social. O pistoleiro foi, então, alguém que se caracterizou por

um completo desenraizamento social e afetivo em relação à sociedade amazônica (GUIMARÃES; LOUREIRO, 2007, p. 235).

Para melhor analisar como os diversos conflitos influenciaram no aumento dos homicídios na cidade de Marabá nas décadas de 1980 a 2010, fez-se necessário, por meio de dados qualitativos com entrevistas gravadas, semiestruturadas e individuais, com cinco policiais militares aposentados do Estado do Pará e um jornalista, identificar e entender suas vivências cotidianas e as principais motivações, causas da violência e dos homicídios na cidade de Marabá.

Quadro 01 – Principais motivações dos homicídios na cidade de Marabá nas décadas de 1980 a 1990

Representante da segurança pública e do Jornalismo	Informante	Entrevista
Policial militar aposentado	Informante 01	A principal foi a febre dos garimpos, antes teve/veio a conquista da castanha, exploração da castanha, do gato, mariscos de gatos de animal selvagem e depois veio a febre do ouro né, a garimpagem... A garimpagem, né, ela contribuiu muito porque o dinheiro você sabe como é né? O dinheiro empolga né! Ai a garimpagem contribuiu muito com a violência, com a ajuda né pra violência. (Policial Militar 01, 61 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 02	O problema na época, a motivação, por exemplo, foi a Guerrilha... Quando foi criado aqui, por exemplo, a polícia militar só existia... existia até antes de eu entrar, existia destacamento. [...]. Depois a polícia mesmo, ela foi crescendo, evoluindo dentro da sociedade e aqui teve inclusive, esse crescimento, que criado o batalhão foi através da Guerrilha de 74, ela inclusive né, a guerrilha aqui no Paraguai, que existiu aqui... era uma questão do pessoal do exército, não era com a polícia militar. [...]. Teve também o problema dos garimpeiros entendeu? Foi muito polêmico né! (Policial Militar 02, 71 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 03	Naquela época de 1990 os homicídios mais era problema da reforma agrária, né, mais era nas matas, geralmente era por causa de terras. Conflitos de terras, que geralmente era enviado os policiais pra aquelas áreas pra poder desapropriar as pessoas, daí acabava sempre o conflito com a polícia. E na rua muitas vezes é o que até hoje acontece, né, a bandagem que é muito grande, as pessoas sempre, aqueles que não quer trabalhar procuram mesmo é roubar e fazer as coisas erradas era o que acontecia na época né. (Policial Militar 03, 41 anos, 10 de janeiro de 2016).
		Bem... Quando eu cheguei aqui no final do ano de 1980, depois que eu comecei a trabalhar na rua e tal, ainda ficamos aqui uns três meses

Policial militar aposentado	Informante 04	quartelado, então quando eu comecei a gente verificou que existia muita influência do garimpo de Serra Pelada, quer dizer a violência era um pouco mais acentuada. Todo mundo tinha o seu jeito de viver aqui, e todos aqueles que viveram naquela época sabiam que andar armado aqui era fácil, qualquer pessoa andava armado aqui, o policial, o garimpeiro, a pessoa mesmo da sociedade civil andavam armados, era fácil. Então era mais fácil também aparecer alguém morto em algum lugar, a polícia trabalhava muito naquela época, a polícia militar, a polícia civil, pra poder manter a ordem né naquela época né, nos anos em que a Serra Pelada ficou em atividade. Ai depois quando realmente fechou a Serra Pelada os tempos já eram outros. Então já está mais ou menos controlado né, o índice de criminalidade, que diminuiu mais um pouco. (Policial Militar 04, 58 anos, 13 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 05	De 80 a 90 foi ainda um resto de Serra Pelada que tinha muito imigrante aqui em Marabá, na região, muita gente de toda parte do Brasil e até gente do mundo, nesse tempo era a Serra Pelada, né, isso em primeiro lugar. E em segundo os conflitos agrários tinha muito nessa época de 80 a 90. (Policial Militar 05, 61 anos, 13 de janeiro de 2016).
Jornalista/ radialista	Informante 06	Naquele período do início dos anos 90 os homicídios estavam mais ligados à questão, por exemplo, de latrocínios, assaltos, havia uma menor incidência da droga naquele momento, embora estivesse iniciando um ciclo em que a droga tomava proporções maiores, que é o que aconteceu ao passar dos anos. Naquele momento havia um índice menor de criminalidade de homicídios, principalmente, você tinha ocorrências menores, mas havia sim o assassinato já motivado muitas vezes pela questão do latrocínio e às vezes envolvendo alguma questão passional também. Então eram as ocorrências mais recorrentes, vamos dizer assim. (Jornalista/ radialista, 68 anos, 13 de janeiro de 2016).

Fonte: entrevistas realizadas em trabalho de campo, dos dias 09 de janeiro de 2016 a 26 de janeiro de 2016.

O quadro 01 possibilita uma análise das principais motivações dos homicídios na cidade de Marabá, especificadamente das décadas de 1980 e 1990. Pode-se observar que nas entrevistas dos informantes 01, 02, 04 e 05 na década de 1980, as motivações teriam ocorrido, principalmente, no período do garimpo de Serra Pelada, onde a busca pelo dinheiro teria atraído muitas pessoas para esta região. No caso, havia uma grande facilidade das pessoas em andarem livremente armadas, tanto policiais, garimpeiros ou qualquer pessoa da sociedade civil, dificultando a “ordem” na cidade, confirmando a violência que era praticada naquele momento. Era recorrente encontrar alguém morto em algum lugar, pois qualquer motivo (brigas, bebedeiras, rivalidades etc) levaria à prática do homicídio e, com isso, consequentemente aumentava a criminalidade em Marabá e região.

Segundo Almeida (2008), neste mesmo período de 1980, estava sendo implantado o núcleo urbana da Nova Marabá, uma das razões de seu surgimento seria o esgotamento na expansão da cidade e a falta de condições para atender as necessidades que estavam previstas para Marabá. A Nova Marabá seria a possibilidade de implantação de uma política de planejamento urbano voltado para a Amazônia, que logo se iniciou um crescimento desordenado, com diversos problemas de infraestrutura, como no abastecimento de água, eletricidade, rede de esgoto etc.

Fatores importantes na década de 1980 foram os grandes projetos, elementos fundamentais para a instalação de empreendimentos ligados à extração mineral, consequentemente, colaboradores para aumento da violência. Assim, a vinda de diversos imigrantes teria intensificado pressões sociais na região. Segundo Almeida (2008), no início de 1980, a descoberta de Serra Pelada atraiu milhares de garimpeiros, que fizeram do seu aeroporto a base de suas atividades.

Ao analisarmos as décadas de 1990, as entrevistas dos informantes 03 e 05 relatam um grande conflito na área rural em Marabá envolvendo lutas por terras, com constantes embates com policiais, que eram recrutados para a desapropriação de várias famílias. Isso por conta da valorização da terra após a abertura das estradas como a Belém-Brasília, atraindo para a região sul e sudeste do Pará investimentos por parte de empresários e de grupos econômicos. Tal fato teve graves consequências para a região, agravando ainda mais os conflitos fundiários (ALMEIDA, 2008). Ainda nesta década de 1990, é relevante destacar que segundo os informantes 03 e 06, na área urbana de Marabá, o que prevalecia eram os assaltos, latrocínios (roubo seguido de morte) e crimes motivados por questões passionais. Por outro lado é

interessante observar também que a melhor estrutura socioeconômica estava voltada aos interesses do grande capital que se estabelecia nesta região.

Segundo Almeida (2008), essa estrutura desigual fez com que Marabá sofresse uma grande transformação em seu espaço urbano, com graves consequências na estrutura social, com os mesmos dilemas dos grandes centros urbanos, com imensa desigualdade social, formação de áreas periféricas, disparidades no processo de apropriação do espaço urbano e como consequência a crescente violência em seu espaço urbano.

Nesta perspectiva, o quadro 02, permitirá destacar se houve modificações nas motivações dos homicídios na cidade de Marabá, nas décadas de 1980 em relação às décadas de 2000.

Quadro 02 – Motivações dos homicídios nas décadas de 1980 a 2000

Representante da segurança pública e do Jornalismo	Informante	Entrevista
Policial militar aposentado	Informante 01	Muito, muito e incontrolável! Primeiro à vontade de ganhar dinheiro fácil, eu quero me referir às pessoas que trabalham na ilegalidade, não vou dizer que eles são ou condenar que eu não posso julgar ninguém, né, que... Há fulano fez isso tem de ser morto, ser preso, mais aí a vontade de ganhar dinheiro leva às vezes a pessoa a ir ganhar dinheiro na ilegalidade e aí é aonde que começa a adoecer as pessoas, porque o camarada não tá empregado, não ganha nada, não tem dinheiro, não tem nada, tem a família, o filhinho pedindo o pão de manhã, aí o camarada chega rapaz é o seguinte eu tenho, eles chamam de parada né, eu tenho uma parada pra gente fazer ali, se tu quiser e tiver coragem?.[...] isso ai motiva muito a criminalidade. (Policial Militar 01, 61 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 02	Isto, positivo, isso aí caiu muito. Um pouco, porque existe os homicídios como existe hoje. [...]. Muita gente vem de fora, daí tem uns que vão tomando uma birita alí, se drogando, essa parte aí domina o cara, daí o ele vai fazer? Na época de garimpo e da guerrilha, nessa época aí era mais né, era mais porque nessa época o garimpo foi pior. [...]. Hoje a gente sabe que tem os homicídios e tá acontecendo muito. Por exemplo, na folha 06 mesmo, tudo isso aí vem e é causado naquele momento que o cara vai pra festa, para os clubes e aí quando sai acontece, aí nós não sabemos o motivo. (Policial Militar 02, 71 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 03	Eu acredito assim, que já melhorou muito, principalmente, a área rural, né. Hoje você não vê mais quase a criminalidade como havia antigamente, como nos anos 90, 91, até 95 eu acho que melhorou. Na cidade eu acredito, assim, que hoje ainda tá bem crítico, eu acho que não mudou muita coisa não, dentro da cidade, né? Parece que, pra te dizer a verdade, parece que aumentou foi mais a criminalidade dentro da cidade. Acredito que a falta de estrutura familiar e hoje existe muitas pessoas de todo os estados que estão aqui, né, nesta cidade aqui, vários projetos que tem aqui né de trabalho que tá ainda sendo realizado, que tem aquelas propostas de empregos, que faz tudo isso também e vem muitas pessoas pra cá já com a intenção de fazer coisas erradas. (Policial Militar 03, 41 anos, 10 de janeiro de 2016).

		2016).
Policial militar aposentado	Informante 04	É sim, houve sim modificações, inclusive até no modo... Porque acabou aquela era do auge do garimpo, então veio uma outra modalidade que foi já nesse 2000. Já era esse negócio de invasão de terra, porque antigamente nós chamávamos eles de posseiros, antes de criar aquele movimento do MST, mais existia muitos homicídios em relação a invasão de terra. A cidade já não era assim tão violenta, já diminuiu muito, muito na cidade, na zona urbana, ai passou pra zona rural, os homicídios estavam mais em relação à propriedade. [...]. (Policial Militar 04, 58 anos, 13 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 05	Com certeza sim! Houve mudança de 2000 pra cá, no caso, o índice aumentou no tráfico de drogas, muito grande, muito... Daí ela que fez aumentar o índice, com a droga veio os assaltos, muitos assaltos, referentes à droga. (Policial Militar 05, 61 anos, 13 de janeiro de 2016).
Jornalista/ radialista	Informante 06	Sem dúvida, houveram sim! A partir daí e a partir do final da década de 90, o envolvimento da droga dentro da sociedade começou a motivar ainda mais a violência. Não só o assassinato, mas também a violência em geral, separações de casais, brutalidade de agressões e, claro, também o assassinato motivado muitas vezes por dívidas que envolvem o tráfico de drogas. (Jornalista/ radialista, 68 anos, 13 de janeiro de 2016).

Fonte: entrevistas realizadas em trabalho de campo, dos dias 09 de janeiro de 2016 a 26 de janeiro de 2016.

Conforme informações contidas no quadro 02, alguns fatores contribuíram para as modificações nas motivações dos homicídios das décadas de 1980, em relação às décadas de 2000. Primeiramente, a ausência de infraestrutura e de serviços (educação, saúde etc), de emprego, a intensa migração, pois mesmo com o fim do garimpo de Serra Pelada, muitas pessoas permaneceram nesta região, sem condições para se manter financeiramente e passando a viver em condições precárias. Segundo, foi a vinda dos grandes empreendimentos, indústrias e siderúrgicas no período recente, contribuindo também com o fator migração, passando a atrair pessoas para as cidades beneficiadas por essas atividades. Terceiro, uma modalidade se instalou no início das décadas de 1990, associada ao consumo e ao tráfico de drogas, que está sendo uma das principais motivações dos homicídios atualmente.

Sobre a mudança nas motivações dos homicídios, os informantes 01, 02, 04, 05 e 06 afirmam incisivamente que ocorreram mudanças das décadas de 1980 em relação às décadas de 2000. O informante 01 relata a “vontade de alguns em ganhar dinheiro fácil”, se referindo a pessoas que tem se envolvido na “ilegalidade”, muitos por não terem empregos, possuírem famílias, filhos, mas diante da situação e da falta de condições, acabam atraídos para a criminalidade. Couto (2010), explica que essa nova territorialidade urbana está relacionada com a cultura das favelas ou das periferias que está sendo atualmente produzida pelo tráfico de drogas através de espaços com pouca ou nenhuma oportunidade, que chamam a atenção pelo tipo de organização espacial, que não obedecem padrões normais de ocupação, com forte discriminação e preconceito que recebem da mídia e das classes com maior poder aquisitivo. Um das consequências da urbanização seria a violência organizada, um novo processo que atua no espaço urbano, valendo-se da informalidade, da ilegalidade da ocupação, da especulação imobiliária, da mínima atuação do poder público, da impunidade etc (COUTO, 2010).

Para os informantes 02 e 03, a violência na cidade de Marabá está relacionada à migração, à vinda de milhares de pessoas de diversos Estados. Porém, o informante 02 relaciona a migração ao garimpo de Serra Pelada, afirmando que neste período a violência associada aos homicídios teria um índice muito maior, tendo diminuído bastante nas décadas de 2000 a 2010. O informante 03 faz relações aos Grandes empreendimentos implantados na região como um fator que teria contribuído com a violência homicida na cidade de Marabá.

Neste momento, novos agentes sociais passam a fazer parte da nova organização do espaço urbano amazônico. Para Almeida (2008), com a implantação dos grandes projetos e dos planos do governo federal (PIN, PDUM etc), foram necessárias intervenções que

transformaram o espaço urbano de Marabá, como, por exemplo, foi criada uma nova área de expansão que pudesse atender inicialmente as pessoas que fossem atingidas pelas cheias dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Porém, o maior objetivo seria desenvolver moradias para grande parte da corrente migratória da exploração da Serra Pelada, que se estabelecia na nova área planejada de Marabá. Toda a infraestrutura disponibilizada era para beneficiar o grande capital, principalmente para abastecimento e escoamento da produção, não havendo a preocupação em beneficiar e atender a população com uma melhor qualidade de vida (ALMEIDA, 2008).

O informante 04, 05 e 06 relacionam a modificação da violência na cidade de Marabá ao fechamento do garimpo de Serra Pelada e o aumento do índice do tráfico e consumo de drogas, motivando ainda mais a violência em um âmbito geral. O tráfico de drogas passaria a ser uma das causas que mais motivaria os homicídios, os assaltos, a brutalidade das agressões e, por fim, o assassinato, motivado muitas vezes por dívidas que estariam relacionados com o comércio das drogas.

Segundo Couto (2010), os problemas sociais, a precária infraestrutura, as poucas políticas públicas urbanas, a pobreza dos bairros, tem se tornado interessante para o narcotráfico, atraindo muitas pessoas, principalmente as que estão excluídas da sociedade, marginalizadas, sem perspectiva socioeconômica, passando a fazer parte da rede de tráfico de drogas. A análise das redes do tráfico e seus impactos no território deve ser feita no contexto da globalização, estando interligados (CORRÊA²¹, 1995 apud COUTO, 2010).

Para compreendermos as principais transformações do fator homicídio ao longo das décadas, os relatos dos entrevistados apontam que as causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá, no período mais recente, a partir dos anos 2000 no Quadro 03.

²¹ CORREA, R. L. A. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. In: SILVA, José B. da; COSTA, Maria Clelia L; DANTAS. Eustóquio W.C. (Org.). **A Cidade e o urbano**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1995. v. 1, p. 131-136.

Quadro 03 – Principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá a partir da década de 2000

Representante da segurança pública e Jornalismo	Informante	Entrevista
Policial militar aposentado	Informante 01	É como eu falei, antecipei, ainda agora, a necessidade, a fome, a miséria né, a precisão, porque ai leva o elemento fazer coisa... Eu ou qualquer outra pessoa que tenha uma postura diferente, ele pode até passar hoje com fome, olhe meu filho hoje eu não tenho [...]. Mais existem pessoas ai, famílias que ele apela [...]. Mais tem também aquelas pessoas que sabem que podem ser preso, põe aqueles que não pode ser preso [...]. Porque a maior consequência da violência chama-se tráfico, porque hoje em dia os traficantes, eles tem uma rede, são grupos, é como se fosse uma empresa, um empresário grande que forma aquela empresa. Eles começam lá de São Paulo e vem, vem, vem até aqui. Aqui ele tem a distribuição, da distribuição tem a redistribuição que é para aqueles boqueiros, que eles chamam de boqueiros. Pra mim, na minha concepção boqueiro não é o traficante. Tem o traficante que é um homem rico lá de cima e ele não aparece, ele não usa, ele não usa não, ele nem pega naquilo ali, nem sente o cheiro. Ele tem os caras que eles chamam de aviãozão, aviãozinho, fulando, fulando e vai até lá, até ai é onde gera, aonde tá o princípio da violência, porque o cara compra e não pode pagar, aí não mata ele que tá devendo, ai eles tem, eles também são radicais, eles também tem a administração deles, eles tem tudo deles, errou morre, é por isso que morre muito desses adolescentes. (Policial Militar 01, 61 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 02	Olha, tem alguns ainda, alguns casos desse ai que é problema de pistoleiros que vem atrás mandado para acertos de contas, antigamente quando cheguei aqui tinha muito isso aí, até tinha acabado um pouco, mas agora tá voltando novamente em que pistoleiro fazer, mandado para matar. [...]. O que está motivando hoje em dia são problemas de negócios né, de pessoas que faz negócios e depois não conseguem

		pagar, aí o cara que quer receber e acha que o outro não quer pagar. Por exemplo, eu faço um negócio com você, qualquer tipo de negócio, negócio de lucros. [...]. Daí se a pessoa não tem dinheiro pra pagar, ele manda matar, isso é uma das causas. Outras causas que também está tendo muito aqui é o problema da droga, ela tem uma influência muito grande na criminalidade que nós temos aqui em Marabá, por que?... O cara também compra pra fumar ou então ele comercializa, quando ele faz esse tipo de negócio geralmente vem de outro Estado, aí ele não consegue pagar, aí ele vai ser morto, porque se ele não matar ele vai derrubar todo o sistema e ele também sabe que o cara sabe de tudo e para ele não denunciar ele tem que matar. (Policia Militar 02, 71 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policia militar aposentado	Informante 03	Eu acredito assim... Que as próprias pessoas estão fazendo vingança com as próprias mãos, acontece que muitas vezes uma pessoa faz alguma coisa grave pra aquela família ou pega aquela pessoa, mata ou manda matar! Eu acredito assim... Em que a maior parte das pessoas estão fazendo vingança com suas próprias mãos, não estão acreditando na justiça e eles mesmo tomando providência e fazendo, acontecendo os homicídios. (Policia Militar 03, 41 anos, 10 de janeiro de 2016).
Policia militar aposentado	Informante 04	Os mais recentes mesmos são os que já te falei agora a pouco, estão relacionados a tráfico de drogas porque é o que mais se tem... O tráfico de drogas! Gente morrendo, uma coisa e outra aí, o que nós costumamos a chamar é no acerto de contas, que o camarada tá na casa dele sentado, daí chega alguém dá dois, três, quatro, cinco tiros, isso aí pode se tratar de uma rixa ou então acerto de contas, alguém mandando alguém fazer o serviço que ele não queria fazer. (Policia Militar 04, 58 anos, 13 de janeiro de 2016).
Policia militar aposentado	Informante 05	Ultimamente vamos repetir né, o tráfico de drogas... Muito usuários de drogas né! Então, o usuário, viciado ele se sujeita a roubar, matar, pra manter o seu consumo né! Ainda é a droga! (Policia Militar 05, 61 anos, 13 de janeiro de 2016).

Jornalista/ radialista	Informante 06	Principalmente dividas do tráfico de drogas e o envolvimento de pessoas que consomem drogas com traficantes, que muitas vezes geram dividas e essas dividas que muitas vezes acabam em violência. A droga é o grande câncer da sociedade moderna! (Jornalista/ radialista, 68 anos, 13 de janeiro de 2016).
-------------------------------	---------------	---

Fonte: entrevistas realizadas em trabalho de campo, dos dias 09 de janeiro de 2016 a 26 de janeiro de 2016.

Para entendermos o quadro 03, que faz uma análise das principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá a partir da década de 2000, devemos retomar alguns questionamentos que nos leve a abordar os problemas sociais e estruturais das cidades, como é o caso de Marabá.

Para complementar a lógica de inserção na criminalidade, muitos fatores podem influenciar para que indivíduos adentrem nesta realidade. Pode-se relacionar com os agentes que produzem o espaço, no caso da cidade de Marabá, seriam: os proprietários do meio de produção (empresários dos grandes projetos); o Estado (promove os grandes empresários); os promotores imobiliários (valorização da terra); e os grupos sociais excluídos (maioria da população de baixa renda). Observa-se que na sociedade de classes existem diferenças sociais no que se refere ao acesso a bens e serviços produzidos socialmente.

Segundo Almeida (2008), em Marabá, a ocupação estratégica dos grandes empreendimentos acabou transformando o espaço urbano da cidade, com a criação de novas áreas, novas políticas de integração, exploração de riquezas minerais, expectativa no crescimento da população, etc. Marabá sofreu uma grande transformação no seu espaço urbano, com graves repercussões em sua estrutura social.

A grande estratégia do Estado seria uma modernização imposta, por meio da territorialização do espaço físico, voltadas para o fortalecimento das empresas estatais. Os incentivos para essas empresas eram diversos fundos de investimentos, logo em seguida, viravam produtoras independentes e controlavam todas as etapas de produção. Em Marabá, criou-se grandes expectativas diante da instalação das guseiras que seria implantada pelo projeto PGC (ALMEIDA, 2008).

Além da instalação das guseiras, o anúncio da ALPA em Marabá impulsionou uma nova dinâmica inter e intraurbana, através de novos produtos imobiliários, contribuindo para uma acelerada ocupação da terra urbana e à uma grande ampliação nas desigualdades socioespaciais de Marabá (SOUZA, 2015).

Diante desse novo arranjo espacial da área urbana de Marabá, também estão os grupos sociais excluídos, sendo geralmente a maioria da população que não tem, ou não possui condições de pagar o aluguel e muito menos comprar um imóvel. A habitação é tida como algo essencial, mas de acesso seletivo. Assim, algumas características estariam ligadas a essa exclusão social: além do fator habitacional, fatores como a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego e mesmo o emprego mal remunerado, podem estar intensificando a violência nos centros urbanos (CORRÊA, 1995).

Dessa forma, a violência e o medo na área urbana de Marabá, tem intensificado os processos espaciais excludentes, acompanhado por mudanças nos hábitos e nas relações sociais. A segregação, produzida pela classe dominante explica muitas vezes a separação entre os bairros pelas condições econômicas de seus habitantes, um fenômeno que pode ser dividido em dois a auto-segregação que se refere à prática de classes sociais dominantes e a segregação imposta, que já são dos grupos sociais em que as condições de moradias são quase que nula. Ou seja, ocorrem distinções territoriais, onde as relações de sociabilidade pela rejeição ao outro são bem visíveis (SÁ; CRUZ, 2011).

Sá e Cruz (2011) reforçam que a ordem do medo também é um transformador dos aspectos da paisagem e das formas de utilização do espaço urbano. Uma imagem através dos novos e aparatos de sistemas de seguranças, com áreas fortificadas, gerando um novo cenário de relações e novos espaços. No caso de Marabá, a valorização do uso da terra, com os loteamentos distantes da cidade, sendo direcionadas para a classe dominante, com a promessa de “total segurança”.

Neste contexto, são apresentados características mais acentuadas, para melhor destacar questionamentos importantes, assim, os informantes relataram o que teria acontecido neste novo período. Os informantes 01, 02, 04, 05 e 06 afirmam que a principal causa seria o tráfico de drogas, que estaria constituído em redes, em grupos, como se fosse uma empresa. Existem escalas, desde o traficante até o receptor, pessoas que participam da distribuição até o consumo da droga. A droga possui uma influência muito grande na criminalidade existente na Cidade de Marabá, podendo gerar os homicídios por casos de vingança, rixas, acerto de contas, mortes por encomenda, ou outros tipos de violência como os assaltos, roubos. A maioria das pessoas que se envolvem nesta rede são jovens adolescentes.

O informante 01 inicia sua fala abordando algumas consequências estruturais que a cidade de Marabá tem apresentado como a miséria, o não atendimento de necessidades básicas de cada cidadão (alugar uma casa, ter seu salário no final do mês etc.). Dessa forma, várias pessoas diante das péssimas condições de vida vêm na criminalidade uma opção de poder ajudar sua família.

O informante 02 e 03 reforçam que a pistolagem, o acerto de contas e a vingança são práticas bem recorrentes, tendo períodos que amenizam ou se intensificam. Hoje também estariam motivando os homicídios pessoas que não conseguem quitar suas dívidas, a falta de confiança na justiça e a prática de homicídios como vingança por conta própria.

Ao identificarmos Marabá como uma cidade média, segundo Pereira e Trindade Jr. (2007), observa-se sua importância diante de outras cidades menores. Assim, são cidades com grande atração de fluxos de pessoas em busca de emprego, melhorias financeiras, serviços, lazer. Segundo Emmi (1987) apud Pereira e Trindade Jr. (2007), a cidade de Marabá é uma das mais importantes do Sudeste Paraense, e em regiões vizinhas, inclusive fora da Amazônia, passa a ser uma das principais cidades do Estado do Pará até mesmo da Amazônia. Sua história deve ser analisada através das suas atividades iniciais (extrativas, minerais e vegetais), com formações de oligarquias tradicionais, ligadas à castanha do Pará.

A falta de infraestrutura socioeconômica apresentada nas cidades se rebate principalmente nas classes de menor poder aquisitivo. Assim, não tendo condições, principalmente infraestruturais, de serviços básicos e possibilidades financeiras, muitos passaram a praticar atos ilícitos. Como ressalta Couto (2010, p. 21):

Com uma precária infraestrutura e muitos problemas sociais, além da pouca atenção dada pelas políticas de planejamento urbano e a pobreza dos bairros se torna funcional para o narcotráfico, que passa a atrair um grande contingente de pessoas, principalmente aquelas excluídas (ou incluídas precariamente), marginalizadas e sem perspectivas de ascensão socioeconômica, e assim passam a fazer parte da rede do tráfico de drogas.

O autor supracitado faz uma análise do narcotráfico na cidade de Belém, que pode ajudar a refletir alguns pontos para a cidade de Marabá (em uma escala menor), já que a maioria dos homicídios tem como fator preponderante o tráfico/uso de drogas. Para Couto (2010), alguns elementos como a segregação socioespacial com tendência à periferização deixa aberturas para o crime organizado, tráfico de drogas e outras atividades criminosas, que para a população segregada, desempregada e sem expectativa de vida, acaba sendo um tipo de “oportunidade” de sobrevivência para elas.

O quadro 04 destacará os fatores que contribuíram na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá a partir das décadas de 2000. Diversos questionamentos serão abordados como: a influência das leis, da família, e os problemas sociais da cidade na vida do cidadão.

Quadro 04 – Fatores que contribuíram na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá a partir das décadas 2000

Representante da segurança pública e Jornalismo	Informante	Entrevista
Policial militar aposentado	Informante 01	O fator é... Já que nós já começamos a falar né, o fator é o uso da droga, não tem outro. Não tem outro fator que leve a violência mais do que o comércio de droga! Porque digamos que eu sou um boqueiro, eu não sou o traficante mais eu pego do traficante, quando eu compro eu vou ter que pagar, o cara que me comprou vai ter que pagar também se ele não pagar ele morre também. [...]. (Policial Militar 01, 61 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 02	Olha... O que contribui eu falei com você anterior sobre a Lei, que é a impunidade. Por exemplo, a polícia militar trabalha muito, prende, prender não pega o cara, porque prender não é o correto, quem prende na verdade é o Juíz. [...]. O que contribui é o que te falei... É a impunidade! Não tem outro é só a lei mesmo, sabe porque se prendesse e fizesse como era antigamente diminuía isso mais, como não tem mais! (Policial Militar 02, 71 anos, 09 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 03	Parece até um pouco difícil de responder, porque tem umas pessoas que diz que é a falta de educação, a pessoa não estudou, passa a praticar a criminalidade, né. Eu acredito que é falta de educação dentro de casa com seus pais, os pais prestar bem atenção aos filhos, saber pra onde o filho foi né... Saber criar o seu filho pra que não vá ser criado na rua né... Pra não começar a praticar a criminalidade desde pequeno, porque quando cresce já tá uma pessoa perigoso. Eu acredito que seja assim... A falta mesmo da estrutura familiar, educação dos pais! [...].(Policial Militar 03, 41 anos, 10 de janeiro de 2016).
Policial militar aposentado	Informante 04	Tirando um pouco esse envolvimento da droga o que tá faltando é o investimento na educação, novas, novas opções de trabalho, porque todo mundo tá vivendo uma situação difícil e ai cada um busca um meio de sobrevivência , mais pra mim é mais ou menos isso ai. (Policial Militar 04, 58 anos, 3° Sargento, 13 de janeiro de 2016).
		Muita gente chegou pra cá né, muita gente veio pra Marabá, cresceu a cidade, as invasões urbanas né, muita invasão urbana! Aí traz várias pessoas de todo

Policial militar aposentado	Informante 05	tipo de gente né... Muitas vezes vem pra Marabá sem qualificação nenhuma aí vai e parte pro outro lado, do lado errado, pra ser traficante, pra ser avião, fazer assaltos, pra sobreviver né. (Policial Militar 05, 61 anos, 13 de janeiro de 2016).
Jornalista/ radialista	Informante 06	A questão cultural ela é muito importante, quer dizer, a questão família, porque muitas vezes a pessoa pensa que polícia combate violência, bom a polícia deve ser a última instância! A coisa começa na família, na criação da família, na origem, na religiosidade, na educação, nos valores familiares. Na medida exata que se quebram os valores a tendência é de que principalmente o jovem derive por caminhos que possam conduzir à droga, ao desleixo vamos dizer, com a questão dos valores e obviamente à droga. (Jornalista/ radialista, 68 anos, 13 de janeiro de 2016).

Fonte: entrevistas realizadas em trabalho de campo, dos dias 09 de janeiro de 2016 a 26 de janeiro de 2016.

O quadro 04 destaca os fatores que tem contribuído na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá a partir da década de 2000. Alguns elementos serão abordados além da droga, como a falta de estrutura familiar e os problemas sociais das e nas cidades, comparando a cidade de Marabá (desemprego, baixa escolaridade etc) de acordo com a fala dos entrevistados.

Segundo Souza (2008), elementos econômicos, sociais e a política injusta, estariam direta ou indiretamente associados a grande parte da criminalidade violenta. Também valores consumistas, ao mesmo tempo relacionados com a má remuneração no setor formal, criam uma dissolução e segregação de famílias, falência da educação pública e escassez nas políticas públicas influenciam nessa violência.

Os elementos (a falta de estrutura familiar, os problemas sociais e estruturais das cidades) são fatores que podem estar contribuindo no aumento da criminalidade na cidade de Marabá, principalmente em sua área urbana, mesmo que não seja somente uma realidade local.

Dessa forma, o informante 01 destaca que o uso da droga seria o único fator preponderante que leva a violência na cidade de Marabá. Os informantes 03, 04 e 06 focalizam como uma das principais causas para o aumento da criminalidade os problemas mais estruturais, como a falta de investimentos na educação, a baixa escolaridade, a falta de estrutura familiar e o desemprego. Já o informante 04 relembra que o país tem vivido momentos difíceis e isso reflete na sociedade em geral, que busca alternativas de sobrevivência na criminalidade.

Um fator importantíssimo que não devemos desconsiderar seria a falta de estrutura familiar e os efeitos que a mesma pode ocasionar, principalmente nos jovens, que estão no início de sua entrada no mercado de trabalho e com o desejo de possuir alguns bens facilmente. Assim, Greenberg e Schneider²² (1994) apud Silveira Júnior (2013), relatam que as relações familiares atualmente estão marcadas por contradições e conflitos, por conta da grande dificuldade de aceitação de condições financeiras, em que a maioria dos pais ganham baixos salários, não conseguindo alcançar a realidade atual que o capitalismo impõe. Por isso, muitos jovens acabam vendo na criminalidade uma oportunidade, passando até a assumir despesas da própria família. Neste caso, a probabilidade de se envolverem em diversos atos ilícitos será muito grande, como brigas de gangues, tráfico de entorpecentes, assaltos à mão armada, desagregação social, com exclusão e iniquidade.

²² GREENBERG, M.; SCHNEIDER, D. Violence in American cities: Young black males is the answer, but what was the question? **Social Science and Medicine**. New Brunswick, v. 39, p. 1179-1187, 1994.

Os problemas sociais e estruturais das cidades causam consequências para o quadro atual da violência urbana. Assim, como ressalta Couto (2010), os trabalhos que investigam as diversas abordagens teóricas sobre os determinantes da criminalidade mostram a variável socioespacial relacionada com o processo de urbanização (pobreza, desigualdade, concentração de renda, desemprego etc) e também a taxa de urbanização, adensamento demográfico, presença de vilas e bairros periféricos.

O entrevistado informante 05 aponta uma característica que a cidade de Marabá possui, no caso, a de atrair pessoas. Segundo Souza (2015), nos anos de 2008 a 2010, a migração teve um aumento expressivo, decorrente das expectativas geradas pela notícia da instalação do empreendimento ALPA, com promessas de 16 mil empregos iniciais. Muitos migrantes vieram para Marabá, com necessidades de moradias, isso fez gerar expectativas em investimentos imobiliários. Assim, diversas formas de acesso a moradias surgiram, levando no pós- ALPA, consequências de uma nova lógica de produção do espaço urbano de Marabá. Isso ocasiona o adensamento demográfico que está relacionado aos problemas sociais e estruturais da cidade (pobreza, desigualdade, áreas periféricas, desemprego etc), e fazem surgir os aglomerados subnormais (invasões urbanas), causando o inchaço populacional que podem ter consequências para a cidade (envolvimentos com drogas, assaltos etc), fazendo, crescer a violência urbana como um todo.

Os quadros apresentados ao longo desse primeiro subtópico demonstram que a violência na cidade de Marabá se modificou acompanhando as transformações ocorridas com a inserção da Amazônia no cenário nacional e internacional. Através da abertura do garimpo de Serra Pelada, grandes projetos e principalmente pela ação da migração, desemprego. Marabá é tida como uma das cidades mais importante do Pará, tendo suas transformações socioespaciais, pautadas em problemas estruturais. Assim, suas consequências foram refletidas no aumento da criminalidade ao longo desses anos abordados pelos agentes da segurança pública e jornalista entre as décadas de 1980 a 2010.

3.2- Manchetes de jornal, assassinatos e a violência urbana na década de 2000²³

Neste subtópico a pesquisa foi baseada em dados coletados no principal jornal da cidade de Marabá, o “Correio do Tocantins”, tendo como objetivo pesquisar os cadernos policiais e identificar os homicídios ocorridos a partir da década de 2000. Buscou-se por meio de dois principais quadros (05 e 06) a análise da área urbana de Marabá e os casos caracterizados como homicídios em seus núcleos (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova), constatando os seguintes elementos: total de vítimas durante esse período, sexo, faixa etária, dias da semana, horários, núcleos e motivações. Veremos, no decorrer da análise, como o crime de homicídio teve um aumento significativo ao longo dos anos, tendo diversos fatores que influenciaram para tal (migração, grandes projetos, desemprego, desigualdades etc).

No quadro 05 estará explícito todos os dados quantitativos que foram levantados no Jornal Correio do Tocantins apresentados (sexo, faixa etária, dias da semana, faixa horária, núcleos urbanos, motivações, total de vítimas) a partir da década de 2000.

²³ A pesquisa foi realizada de acordo com os anos de 2000, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010. Os respectivos anos de 2001 e 2002 não estavam disponíveis no Jornal Correio do Tocantins, segundo informações do Diretor de Redação do Jornal, Patrick Roberto, teriam sido extraviados no decorrer de constantes mudanças de sede do jornal durante anos. A perda dos livros dos respectivos anos não inviabilizou a análise, pois as entrevistas contidas no subtópico 3.1 foram realizadas no sentido de suprir esses obstáculos. A coleta de dados no Jornal Correio do Tocantins teve a duração de 6 meses. Utilizou-se os cadernos de manchetes policiais, em dias de: terça e quinta, os quais eram dias voltadas à pesquisa da sociedade.

Quadro 05: Dados gerais dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá na década de 2000

DÉCADA DE 2000	TOTAL DE VÍTIMAS	SEXO DAS VÍTIMAS	FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS	DIAS DA SEMANA	FAIXA HORÁRIA	NÚCLEOS URBANOS	MOTIVAÇÕES DO FATO OCORRIDO
2000	42	M.....41 F.....01	17 anos a 45 anos	Segunda-feira:.....04 Terça-feira:.....03 Quarta-feira:.....03 Quinta-feira:.....02 Sexta-feira:.....05 Sábado:.....06 Domingo:.....19	00 --06:.....19 06 --12:.....01 12 --18:.....02 18 --23:.....20	Marabá Pioneira.....01 Nova Marabá.....19 Cidade Nova.....18 São Félix.....02 Morada Nova.....02	Ódio/vingança:.....25 Alcoolismo/Embriaguez:.....06 Rixa:.....03 Questões Fúteis:.....02 Passional:.....06
2003	40	M.....39 F.....01	15 anos a 63 anos	Segunda-feira:.....05 Terça-feira:.....03 Quarta-feira:.....02 Quinta-feira:.....04 Sexta-feira:.....06 Sábado:.....06 Domingo:.....14	00 --06:.....16 06 --12:.....03 12 --18:.....03 18 --23:.....18	Marabá Pioneira.....05 Nova Marabá.....14 Cidade Nova.....15 São Félix.....06 Morada Nova.....00	Ódio/vingança:.....25 Alcoolismo/Embriaguez:.....05 Rixa:.....01 Questões Fúteis:.....05 Passional:.....04
2004	57	M.....53 F.....04	16 anos a 63 anos	Segunda-feira:.....05 Terça-feira:.....05 Quarta-feira:.....04 Quinta-feira:.....07 Sexta-feira:.....13 Sábado:.....09 Domingo:.....14	00 --06:.....21 06 --12:.....06 12 --18:.....05 18 --23:.....25	Marabá Pioneira.....07 Nova Marabá.....27 Cidade Nova.....21 São Félix.....01 Morada Nova.....01	Ódio/vingança:.....35 Alcoolismo/Embriaguez:.....05 Rixa:.....04 Questões Fúteis:.....03 Passional:.....10
2005	62	M.....60 F.....02	14 anos a 57 anos	Segunda-feira:.....04 Terça-feira:.....04 Quarta-feira:.....11 Quinta-feira:.....14 Sexta-feira:.....06	00 --06:.....16 06 --12:.....08 12 --18:.....08 18 --23:.....30	Marabá Pioneira.....06 Nova Marabá.....22 Cidade Nova.....31 São Félix.....02 Morada Nova.....01	Ódio/vingança:.....36 Alcoolismo/Embriaguez:.....02 Rixa:.....09 Questões Fúteis:.....11 Passional:.....04

				Sábado:.....09 Domingo:.....14			
2006	49	M.....46 F.....03	16 anos a 58 anos	Segunda-feira:.....04 Terça-feira:.....06 Quarta-feira:.....02 Quinta-feira:.....05 Sexta-feira:.....03 Sábado:.....15 Domingo:.....14	00 --06:.....11 06 --12:.....04 12 --18:.....05 18 --23:.....29	Marabá Pioneira.....03 Nova Marabá.....27 Cidade Nova.....15 São Félix.....04 Morada Nova.....00	Ódio/vingança:.....28 Alcoolismo/Embriaguez:.....05 Rixa:.....06 Questões Fúteis:.....07 Passional:.....03
2007	56	M.....55 F.....01	14 anos a 46 anos	Segunda-feira:.....09 Terça-feira:.....09 Quarta-feira:.....04 Quinta-feira:.....04 Sexta-feira:.....02 Sábado:.....08 Domingo:.....20	00 --06:.....15 06 --12:.....02 12 --18:.....11 18 --23:.....28	Marabá Pioneira.....08 Nova Marabá.....19 Cidade Nova.....25 São Félix.....04 Morada Nova.....00	Ódio/vingança:.....39 Alcoolismo/Embriaguez:.....01 Rixa:.....05 Questões Fúteis:.....03 Passional:.....08
2008	98	M.....89 F.....09	15 anos a 62 anos	Segunda-feira:.....06 Terça-feira:.....09 Quarta-feira:.....17 Quinta-feira:.....17 Sexta-feira:.....13 Sábado:.....16 Domingo:.....20	00 --06:.....27 06 --12:.....09 12 --18:.....18 18 --23:.....44	Marabá Pioneira.....16 Nova Marabá.....34 Cidade Nova.....43 São Félix.....04 Morada Nova.....01	Ódio/vingança:.....62 Alcoolismo/Embriaguez:.....08 Rixa:.....10 Questões Fúteis:.....09 Passional:.....09
2009	134	M.....128 F.....06	13 anos a 62 anos	Segunda-feira:.....13 Terça-feira:.....12 Quarta-feira:.....12 Quinta-feira:.....25 Sexta-feira:.....22 Sábado:.....31 Domingo:.....19	00 --06:.....34 06 --12:.....14 12 --18:.....27 18 --23:.....59	Marabá Pioneira.....18 Nova Marabá.....50 Cidade Nova.....57 São Félix.....07 Morada Nova.....02	Ódio/vingança:.....80 Alcoolismo/Embriaguez:.....14 Rixa:.....11 Questões Fúteis:.....18 Passional:.....11
		M.....110	15 anos a 74 anos	Segunda-feira:.....14 Terça-feira:.....16 Quarta-feira:.....11	00 --06:.....40 06 --12:.....10 12 --18:.....14	Marabá Pioneira.....09 Nova Marabá.....57 Cidade Nova.....40	Ódio/vingança:.....82 Alcoolismo/Embriaguez:.....06 Rixa:.....05

2010	114	F.....04		Quinta-feira:.....16 Sexta-feira:.....14 Sábado:.....21 Domingo:.....22	18 --23:.....50	São Félix.....05 Morada Nova.....03	Questões Fúteis:.....09 Passional:.....12
TOTAL DOS HOMICÍDIOS DA DÉCADA DE 2000	652	M - 621 F - 31	18 a 24 anos....233 25 a 29 anos....142 35 a 64 anos....121	Segunda-feira:.....64 Terça-feira:.....67 Quarta-feira:.....66 Quinta-feira:.....94 Sexta-feira:.....84 Sábado:.....121 Domingo:.....156	00 --06:.....199 06 --12:.....57 12 --18:.....93 18 --23:.....303	Marabá Pioneira.....73 Nova Marabá.....269 Cidade Nova.....265 São Félix.....35 Morada Nova.....10	Ódio/vingança:.....412 Alcoolismo/Embriaguez:.....52 Rixa:.....54 Questões Fúteis:.....67 Passional:.....67

Fonte: Jornal Correio do Tocantins (2015).

Organização.: JESUS, A. S.

Os dados do quadro 05 revelam que em todos os anos estudados tem prevalecido o sexo masculino como o alvo principal dos homicídios na área urbana de Marabá. É relevante perceber o constante aumento de mortes masculinas, tendo os seus maiores picos nos anos de 2008, 2009 e 2010. No ano de 2008 houve 89 mortes de pessoas do sexo masculino e 9 mortes de pessoas do sexo feminino. No ano de 2009 houve o maior número de mortes por homicídios de pessoas do sexo masculino 128 e 6 mortes de pessoas do sexo feminino. Já em 2010, 110 mortes de pessoas do sexo masculino e 4 mortes do sexo feminino. Segundo Silveira Júnior (2013), em Marabá, muitas dessas mortes relacionadas com o sexo masculino são vestígios de transformações socioespaciais (ciclos econômicos, os grandes projetos, migração etc) que foram se instalando na região e impulsionando o setor do comércio e serviço, fazendo da cidade de Marabá um dos principais centros econômicos e administrativos do sudeste do estado Pará. O cenário histórico e contemporâneo construído a partir de políticas nacionais de ocupação gerou fluxos migratórios e diversos conflitos atuais no campo e na área urbana das cidades, com o envolvimento majoritário de homens.

Segundo Souza (2015), entre os anos de 2009 e 2013, teria ocorrido o período de expansão do tecido urbano de Marabá, com o anúncio da ALPA e sua intensa migração especulativa a partir de um novo momento de produção espacial baseado na ampliação das desigualdades da cidade. Por um lado, a cidade começa a ter diversos empreendimentos imobiliários (loteamentos, loteamentos fechados, condomínios fechados verticais e horizontais) e, por outro, está a ampliação das ocupações urbanas desordenadas.

Com o aumento do fluxo migratório, uma das formas possíveis é a ampliação das periferias, pois a população não consegue se integrar a um mercado formal de gerações de emprego e renda, resultando em ocupações de áreas com infraestruturas precárias, bem distante dos equipamentos coletivos necessários à reprodução social (NAKANO²⁴, 2012 apud SOUZA, 2015). Dessa forma, na área urbana de Marabá, houve um crescimento do seu tecido urbano, principalmente em locais periféricos, sem infraestrutura e distantes de sua área central.

Dando prosseguimento nos perfis estudados, o próximo a ser explorado é a faixa etária que possui intensas mortes por homicídios, apresentadas abaixo.

Portanto, pode-se evidenciar no quadro 05 as vítimas de homicídios na área urbana de Marabá na década de 2000, observando a seguir suas faixas etárias. Em destaque aparece a

²⁴ NAKANO, Anderson Kazuo. Desenvolvimento urbano e territorial em municípios periurbanos: diferenciações no universo dos municípios brasileiros. In. SANTANA, J.V.; HOLANDA, A.C.G.; MOURA, A.S.F. (orgs). **A questão da habitação em municípios periurbanos na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2012. p. 53-76.

faixa etária de 18 a 24 anos de idade, com o número total de 233 mortes por homicídios. Logo em seguida estão as idades de 25 a 29 anos, com 142 mortes por homicídios. Nesta perspectiva, segundo os dados analisados, nas faixas etárias de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos de idade, as vítimas dos homicídios na área urbana de Marabá teriam suas mortes relacionadas principalmente com o tráfico ou consumo de drogas, dívidas, vingança, brigas entre gangues.

Há também uma representatividade nas idades entre 35 a 64 anos, com o número de 121 mortes ligadas aos homicídios. Ao analisar essa faixa etária de 35 a 65 anos, identifica-se por meio de análises feitas no jornal, que a maioria das mortes estão relacionados com o excesso do consumo de álcool, brigas em bares ou crimes passionais.

Lembrando que mesmo que pareça um número pequeno, a população de adolescentes de 13 a 17 anos de idade está crescendo e cada vez mais sendo alvo de mortes por homicídios. Porém, observamos que em sua maioria as principais vítimas de homicídios na área urbana de Marabá são os jovens que estão inseridos principalmente em atos ilícitos, fazendo parte das estatísticas da criminalidade da cidade. Segundo Gomes (2014), a realidade presente permite constatar que os altos índices de violência homicida possuem características comuns, com pessoas do sexo masculino, negros, com a faixa etária de 15 a 29 anos.

Um dos principais “refúgios” para muitos tem sido o tráfico de drogas, que passa a oferecer, principalmente aos jovens desempregados, oportunidade de renda. Diante da pobreza, da exclusão social, do abandono do Estado e a fácil incorporação no sistema ilegal do narcotráfico um negócio de certa forma, altamente lucrativo (COUTO, 2010).

É perceptível a ocorrência dos homicídios na área urbana de Marabá nos finais de semana, também em função das festas, bares, boates, associados ao consumo de bebidas, que pode propiciar um ambiente de maior violência. Em primeiro lugar está o domingo, com o número registrado de 156 homicídios. Em segundo lugar o sábado, com 121 homicídios. E em terceiro está a quinta-feira, com 94 mortes por homicídios registrados. É interessante observar que mesmo os dias da semana como segunda, terça e quarta, com um número menor de homicídios comparados com os outros dia da semana (quinta, sexta, sábado e domingo) ainda são considerados números altos. Neste contexto, o que se vê na área urbana de Marabá é a ocorrência do crime de homicídio em qualquer dia da semana, porém, os principais dias seriam nos finais de semana, pois encontram a oportunidade para as execuções das mortes violentas (bares abertos, festas, passeios, balneários etc) na cidade.

Outro elemento que é bem interessante contido no quadro 05 são os horários de maiores ocorrências dos homicídios na área urbana de Marabá. A faixa de maior ocorrência é

de 18 |--23 horas, com 303 pessoas mortas por homicídios ocorridos. Posteriormente, está a faixa horária de 00 |--06 com 199 pessoas mortas por homicídios. Os horários das 12 |--18 horas registraram 93 homicídios. E por fim, o menor número de homicídios está na faixa horária entre 06 |--12 horas, com 57 mortes brutais ocorridas por homicídios na área urbana de Marabá.

Neste contexto, sobre as faixas horárias, Silva ²⁵ (2000) apud Silveira Júnior (2013), relatam que os crimes nos turnos da madrugada e no turno da noite ocorrem geralmente devido as pessoas estarem mais vulneráveis, em que o horário propicia um ambiente para o consumo de álcool, diversos bares estão abertos até altas horas, festas, boates etc. Moura²⁶ (2012) apud Silveira Júnior (2013), aponta muitos estudos relacionados à violência com o consumo abusivo de bebidas alcoólicas, fazendo surgir a partir dos anos de 2000, uma orientação e elaboração referente à execução de políticas públicas municipais de controle ao consumo de álcool como meio de reduzir a violência.

O próximo dado a ser analisado são os núcleos urbanos de Marabá, tendo sua importância na espacialização das ocorrências dos homicídios na cidade.

Através da análise do quadro 05, é possível identificar dois núcleos tidos como mais violentos da área urbana de Marabá, Nova Marabá e a Cidade Nova. Ao passar dos anos, houve um aumento dos homicídios em todos os núcleos apresentados no decorrer da década de 2000. Assim, o núcleo da Nova Marabá com 269 mortes, bem próximo está o Núcleo da Cidade Nova com 265. Porém, há uma aproximação dos homicídios ocorridos em ambos os núcleos durante os anos estudados. Também é importante levar em consideração a área territorial e demográfica da Nova Marabá, que é maior de todos os outros núcleos analisados.

Identificamos também que o núcleo da Marabá Pioneira está em terceiro lugar, com 73 pessoas mortas por homicídios. Uma das explicações para tal violência no núcleo pioneiro está nas rixas pessoais, gangues de bairros em diferentes disputas, principalmente pelo domínio do território do tráfico ou pelo consumo de drogas. Já os núcleos do São Félix e Morada Nova registraram 35 e 10 pessoas mortas por homicídios, respectivamente.

Muitas pessoas optam por morar no Núcleo da Nova Marabá, pois as instituições administrativas da cidade de Marabá estão localizados, em sua maioria, neste núcleo. Assim, Souza (2015) destaca que o núcleo Nova Marabá é tido como um setor urbano que atende as

²⁵ SILVA, B.F.A. Criminalidade Urbana Violenta: Uma Análise Espaço-temporal dos Homicídios em Belo Horizonte. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

²⁶ MOURA, T.W. Política pública de restrição do horário de funcionamento de bares. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 352-373, ago/set, 2012.

principais necessidades da população do município, com serviços municipais, estaduais e federais, com redes bancárias, alimentação, confecção e hospitais, todos praticamente situados neste núcleo.

Levando em consideração a área urbana de Marabá ao longo dos anos e seus núcleos analisados (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova), o empreendimento ALPA, estaria localizado na saída de Marabá, em sentido à cidade de Itupiranga, com isso surgiram diversos loteamentos e locações de casas, também no núcleo Cidade Nova. Assim, os trabalhadores estariam próximos do empreendimento, logo, seu deslocamento seria facilitado. Para Souza (2015), ocorreu também a expansão urbana do núcleo Cidade Nova, entre 2009 e 2013, sendo possível analisar dois padrões de crescimento. O primeiro localizado ao longo do rio Itacaiúnas e o segundo na BR-230, em direção ao município de Itupiranga e ao empreendimento ALPA. No caso, ocorreu o aumento das ocupações urbanas, onde nestas áreas estariam localizados vários dos “Aglomerados Subnormais” de Marabá. Assim, Souza (2015), reafirma que no Núcleo Cidade Nova a expansão urbana se deu em maior intensidade entre os anos de 2009-2013, sendo 332,6923 hectares, e destes 58,4741 hectares, ou seja, 18%, se edificou, principalmente nas áreas dos “Aglomerados Subnormais”, sendo refletido nos outros núcleos da cidade.

A intensa ocupação da área urbana de Marabá aumentou os problemas sociais e estruturais na cidade. Segundo Souza (2015), a construção de moradias (São Félix e Morada Nova) pelo programa “Minha casa minha vida” não foi suficiente para resolver os problemas do *déficit* habitacional marabaense. Juntamente com as problemáticas das moradias, estariam as desigualdades socioespaciais em Marabá, como também a falta de equipamentos públicos de saúde, de educação, desemprego, problemas com abastecimentos de água e consequentemente o problema da criminalidade, que obteve um crescimento contínuo. Ao identificarmos essa nova dinâmica no espaço urbano de Marabá, observamos que novos agentes produtores do espaço estariam modificando a realidade cotidiana da cidade. Com isso, identificamos dentro deste contexto os grupos sociais excluídos, que produzem o espaço da cidade (desempregados, baixa escolaridade, sem moradias etc), sendo excluídos das melhorias urbanas e das oportunidades que geralmente são para as elites locais e os demais agentes econômico-políticos.

Em se tratando de motivações do fato ocorrido, constata-se como principal fator que tem predominado na área urbana de Marabá o ódio/vingança, com o número de 412 pessoas mortas por homicídios. Logo depois estão as questões fúteis e passionais, ambas com 67

pessoas vítimas de homicídios. As rixas pessoais contam com 54 pessoas vítimas e o alcoolismo/embriaguez e com 52 pessoas.

Segundo Silveira Júnior (2013), o conceito de ódio e vingança devem ser traduzidos como pistolagem atualmente conhecidos como acerto de contas, eliminação, execução, que estão sendo realizados na área urbana de Marabá. A região sudeste do Pará teria herdado essa herança de gerações passadas, durante períodos, como o ciclo da borracha, o extrativismo da castanha do Pará e do garimpo de Serra Pelada, sendo bastante comum as pessoas resolverem seus problemas sociais por meio da pistolagem.

Após as informações iniciais, o quadro 06 abaixo demonstrará as motivações dos homicídios com suas principais causas presumíveis e os principais locais dos núcleos (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Marada Nova).

Quadro 06 – CAUSAS PRESUMÍVEIS E LOCAIS COM MAIOR INTENSIDADE DE HOMICÍDIOS NAS DÉCADAS DE 2000

DÉCADAS DE 2000	CAUSAS PRESUMÍVEIS/MOTIVAÇÕES	LOCAIS DE MAIOR INTENSIDADE DE HOMICÍDIOS
2000	<ul style="list-style-type: none"> • Acertos de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Brigas por bebedeira; • Brigas entre gangues de bairros diferentes; • Ciúmes de casais; • Desentendimentos de vizinhos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Km 7, Bairro Laranjeiras, Folha 16, Folha 33, Bairro Independência, Folha 06, Bairro Amapá, Bairro Novo Planalto e Folha 12.
2003	<ul style="list-style-type: none"> • Acertos de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Ciúmes de casais; • Brigas entre amigos; • Causas fúteis (por conta de um boné); • Mortes por engano; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc). 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha 12, Km1 (São Félix), Bairro Independência, Folha 06, Bairro Belo Horizonte, Bairro Liberdade, Folha 28, Rua Magalhães Barata (Marabá Pioneira), Folha 21.
2004	<ul style="list-style-type: none"> • Ciúmes de casais; • Acerto de contas (dívidas, usuários e tráfico de drogas); • Rixa entre ex- amigos e entre gangues de bairros diferentes; • Brigas por bebedeira; • Causas fúteis; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Vítimas teriam praticado crimes no passado; 	<ul style="list-style-type: none"> • Cabelo Seco (Marabá Pioneira), Folha 28, Folha 29, Folha 10, Folha 20, Folha 06, Bairro Liberdade, Bairro Novo Planalto, Folha 12, Bairro independência, Orla da Marabá Pioneira, Bairro Cidade Nova, Folha 33.

	<ul style="list-style-type: none"> • Desentendimentos entre familiares. 	
2005	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Causas fúteis; • Ciúmes de casais; • Brigas por bebedeira; • Desentendimentos de vizinhos; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Desentendimentos entre familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bairro Independência, Bairro Liberdade, Folha 12, Bairro Santa Rosa (Marabá Pioneira), Bairro Belo Horizonte, Km 6, Orla da Marabá Pioneira, Folha 15, Bairro Bom Planalto, Folha 35, Folha 28, Folha 32, Folha 05, Km 7, Folha 33, São Felix I.
2006	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Ciúmes/discussões de casais; • Brigas por bebedeiras; • Rixa entre rivais; • Disputas de Terrenos; • Desentendimentos entre amigos; • Causas fúteis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha 16, Km 7, Bairro Liberdade, Bairro São Félix II, Bairro Amapá, Folha 35, Folha 12, Bairro Cabelo Seco, Folha 20, Folha 10, Folha 33, Folha 08, Folha 15, Transmangueira, Bairro Cidade Nova, Bairro Bela Vista.
2007	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Brigas por bebedeiras; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Ciúmes/discussões de casais; • Vítima seria agiota (emprestava dinheiro a juros); • Rixa entre ex- amigos e entre gangues de bairros diferentes; • Desentendimentos entre familiares; • Informante da polícia; • Causas fúteis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha 10, Bairro Amapá, Bairro Liberdade, Folha 27, Bairro Laranjeiras, Bairro Independência, Folha 28, Bairro Jardim Vitória, Folha 20, Bairro Belo Horizonte, Folha 06, Bairro Santa Rosa, Folha 35, Bairro São Félix I, Km 6, Bairro São Félix II.

2008	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Ciúmes/discussões de casais; • Brigas por bebedeiras; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Brigas entre amigos; • Disputas de Terrenos; • Mortes por engano; • Causa fútil; • Informante da polícia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bairro Liberdade, Folha 25, Bairro Independência, Folha 34, Folha 17, Bairro Laranjeiras, Orla (Marabá Pioneira), Folha 29, Bairro Cidade Nova, Bairro Belo Horizonte, Bairro Morada Nova, Km 7, Folha 06, Bairro Amapá, Bairro Bela Vista, Folha 11, Bairro Jardim União, Bairro Santa Rosa, Bairro São Félix Pioneiro, Folha 16, Folha 22, Folha 32, Bairro São Félix II, Folha 07, Folha 33, Bairro da Paz.
2009	<ul style="list-style-type: none"> • Ciúmes/discussões de casais; • Brigas por bebedeiras; • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Rixa entre ex- amigos e entre gangues de bairros diferentes; • Desentendimentos de vizinhos; • Disputas de Terrenos; • Causas fúteis; • Morte por engano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bairro Novo Planalto, Bairro Belo Horizonte, Bairro Laranjeiras, Folha 06, Bairro Francisco Coelho (Marabá Pioneira), Bairro Amapá, Bairro Vale do Itacaiúnas, Km 7, Folha 13, Km 6, Folha 16, Orla da Marabá Pioneira, Bairro São Félix, Folha 34, Bairro Santa Rosa, Bairro da Paz, Folha 35, Bairro Nsra Aparecida (invasão da coca-cola), Bairro Independência, Bairro Belo Horizonte, Folha 32, Transmangueira, Folha 08, Folha 23, Folha 25, Folha 29, Folha 12, Bairro Morada Nova, Folha 27, Folha 33, Folha 11, Vila do Rato (Marabá Pioneira), Bairro São Félix, Bairro São Félix II, Bairro Cidade Nova, Folha 17.
2010	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas (dívidas, usuário e tráfico de drogas); • Ciúmes/discussões de casais; • Envolvimentos com atos ilícitos (crimes, roubos, assaltos etc); • Rixa entre ex- amigos e entre gangues de bairros diferentes; • Desentendimentos de vizinhos; • Disputas de Terrenos; • Brigas por bebedeiras; • Informante da polícia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha 34, Bairro Liberdade, Bairro Belo Horizonte, Folha 09, Bairro Santa Rosa, Bairro Nsra Aparecida, Folha 33, Bairro Independência, Folha 31, Bairro São Félix II, Folha 10, Bairro Bela Vista, Folha 27, Folha 28, Bairro da Paz, Bairro Araguaia (invasão da fanta), Bairro Amapá, Folha 06, Folha 16, Folha 20, Bairro do Aeroporto, Km 7, Folha 13, Km 6, Folha 12, Folha 22, Bairro Belo Horizonte, Bairro Morada Nova, Bairro Laranjeiras, Bairro Cabelo Seco, Bairro São Félix I, Bairro Bom Planalto, Bairro Cidade Nova, Folha 25, Folha 11, Orla da Marabá Pioneira, Vila do Rato, Bairro Santa Rosa, Bairro Bela Vista, Folha 29, Folha 07, Folha 05, Bairro Jardim União, Transmangueira.

- | | | |
|--|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none">• Causas fúteis. | |
|--|--|--|

Fonte: Jornal Correio do Tocantins (2015).

Organização: JESUS, A. S

A partir do quadro 06 apresenta-se as principais motivações que levam ao crime de homicídio na área urbana de Marabá, na década de 2000, e os locais de ocorrência dos homicídios, se destacando: os acertos de contas, mortes por engano, brigas por bebedeiras, causas fúteis, crimes passionais etc. Teria sido observado, durante a análise, o aumento das razões dessas causas presumíveis, entre os anos de 2007 a 2010, e constatado o aumento da violência nas áreas periféricas, algumas recém apropriadas (aglomerados subnormais). É interessante observar que os locais com maior intensidade de homicídios, foram os “Aglomerados Subnormais”, por exemplo, nos núcleos da Nova Marabá, as folhas 35 e 25, o Bairro Nossa Senhora Aparecida (coca-cola) e Bairro Araguaia (fanta), e na Cidade Nova, os bairros Jardim União, Jardim Bela Vista, Novo Planalto, São Miguel da conquista, bairro do Aeroporto etc. Demonstrando que os novos bairros surgidos estariam em áreas mais periféricas e propícias à violência urbana.

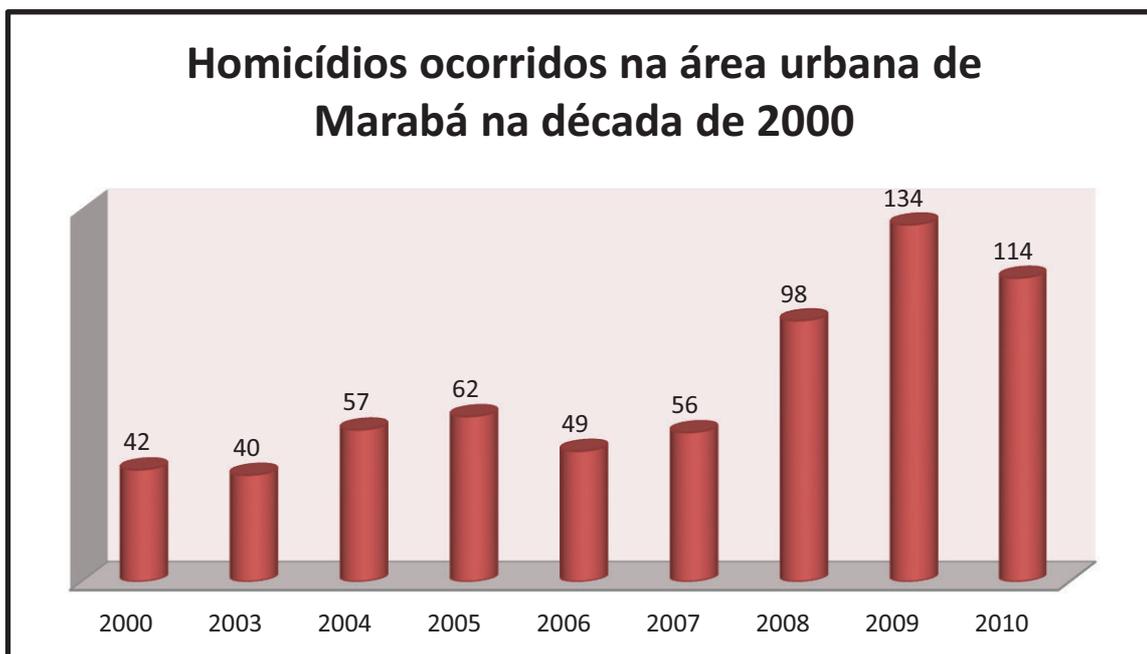
Segundo Souza (2015), teria sido entre os anos de 2009 e 2013 a expansão dos aglomerados subnormais, áreas com apresentação deficiente em suas condições básicas de infraestrutura, demonstrando, assim que nesses espaços estariam se efetivando a nova reprodução social de Marabá. Com a instalação dos novos agentes, houve uma intensa valorização da terra urbana, o que ocasionou a especulação imobiliária e o aumento das desigualdades socioespaciais na produção do espaço.

As causas presumíveis ao longo dos anos estudados se intensificam, podendo assim, permanecer o acerto de contas, a principal motivação nos anos estudados.

O quadro 05 e 06 se tornam importantes no momento em que identificam dados gerais e as causas presumíveis dos homicídios na área urbana de Marabá, seus principais locais de ocorrência, em grande parte da década de 2000.

No gráfico 01 a seguir demonstrará a evolução dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá, na década de 2000.

Gráfico 01: Dados gerais dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes à década de 2000



Fonte: Jornal Correio do Tocantins (2015).

Organização: JESUS, A. S.

Ao analisar o gráfico 01, constata-se que nos anos de 2009 e 2010 foram registrados os maiores números de homicídios na sua área urbana, com respectivamente de 134 e 114. Verifica-se um crescimento de quase 4 (quatro) vezes comparando com o ano de 2000, com 42 homicídios registrados.

Podemos relacionar a evolução dos homicídios no município de Marabá com os constantes investimentos econômicos na cidade transformações socioespaciais (ciclos econômicos, os grandes projetos, migração etc) que foram se instalando na região e impulsionando o setor do comércio e serviço, fazendo da cidade de Marabá um dos principais centros econômicos e administrativos do sudeste do estado Pará. Os problemas sociais que foram surgindo com a não concretização do empreendimento ALPA. Segundo Souza (2015), as intensas expectativas geradas sobre o projeto fez com que a cidade se “preparasse” através da ampliação do perímetro urbano, para receber novos empreendimentos imobiliários. O autor explica que o projeto ALPA possibilitou diversas formas de produção do espaço urbano da cidade, como as ocupações urbanas, além da ampliação das desigualdades socioespaciais, dificultando ainda mais a inserção das classes menos favorecidas economicamente. Conseqüentemente, a falta de moradia, as desigualdades e a exclusão das classes menos favorecidas acabou agravando o problema social da criminalidade na cidade de Marabá.

Há também, a violência associada ao tráfico de drogas, principalmente com jovens e ao consumo de bebidas alcoólicas, intensificada nos anos de 2000.

Ao finalizarmos a pesquisa da década de 2000, chegamos à conclusão que na área urbana de Marabá, a análise geral dos homicídios registrados neste período se deu de acordo com a figura 07 apresentada abaixo:

Figura 07: Análise geral dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá, na década de 2000



Fonte: Jornal Correio do Tocantins (2015).

Organização: JESUS, A. S.

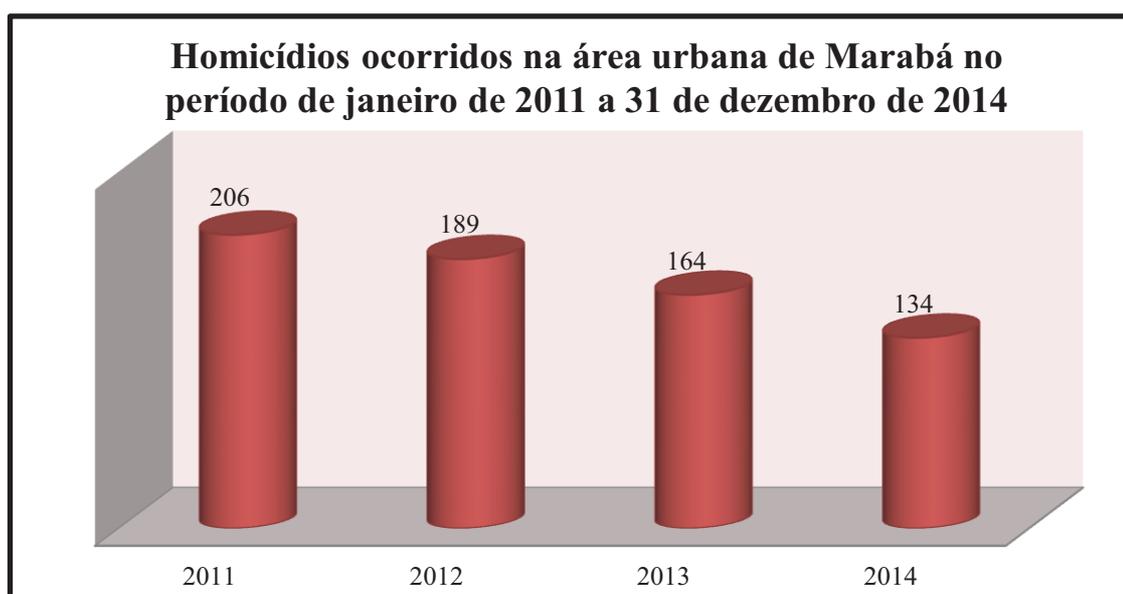
Dessa forma, conclui-se este subtópico com a análise os homicídios na área urbana de Marabá, um espaço capitalista com processos sociais desiguais. Tendo ocorrido principalmente com pessoas do sexo masculino, sua faixa etária entre 18 e 24 anos, destacando o final de semana como dias mais frequentes. Na faixa horária da ocorrência dos homicídios está entre 18|--23 horas, no turno noturno, tendo como núcleos mais violentos a Nova Marabá e a Cidade Nova, e suas principais motivações do fato ocorrido é o ódio/vingança. Dessa forma, para adentrarmos no terceiro e último subtópico, daremos

continuidade na análise dos perfis dos homicídios na área urbana de Marabá, nos períodos de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.

3.3 – Análise dos processos e agentes produtores da violência urbana na área urbana de Marabá, no período de 01 de Janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014

A última seção será trabalhará dados a partir do Relatório de Homicídio da área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, cedido pela Polícia Civil com a ajuda da Secretaria de Estado e Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará. Dessa forma, será avaliado o comportamento do crime de homicídio nos períodos acima. Seguindo a mesma linha de análise dos homicídios do subtópico 3.2, analisaremos principalmente os núcleos urbanos de Marabá (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova), constatando os seguintes elementos e perfis (sexo, faixa etária, dias da semana, horários, núcleos, motivações, total de vítimas durante esse período). No período desses quase 5 (cinco) anos, veremos como o crime de homicídio aumentou significativamente, modificando a realidade cotidiana de Marabá. No gráfico 02, identificamos a evolução dos homicídios, especificamente na área urbana de Marabá nos períodos abaixo:

Gráfico 02: Dados gerais dos homicídios registrados na área urbana de Marabá referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014

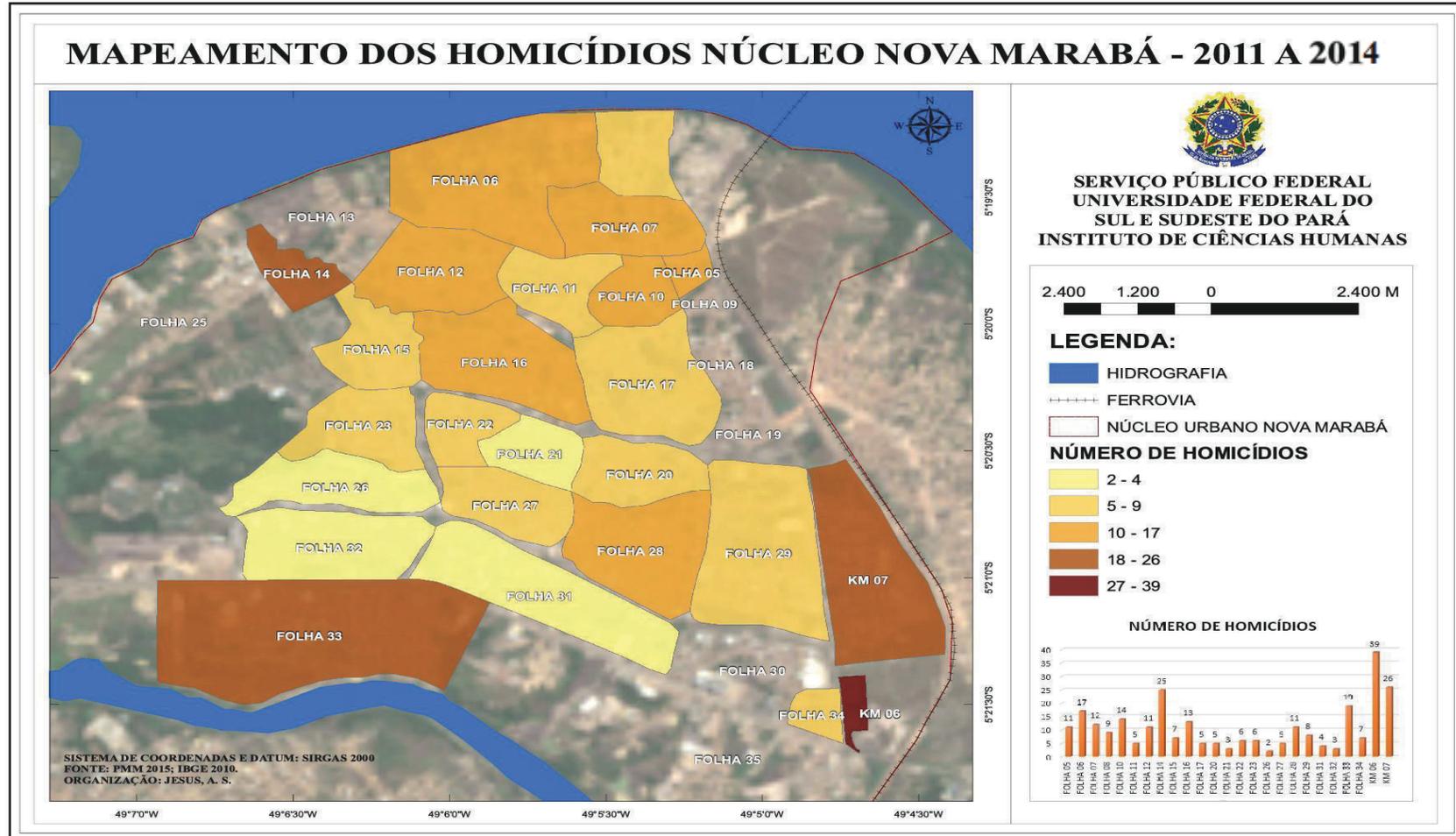


Fonte: SISP –WEB (2014).
Organização: JESUS, A. S.

No período em estudo a maior parte dos homicídios ocorreu no ano de 2011, na qual 206 pessoas que foram vítimas. Logo após está o ano de 2012, que registrou 189 homicídios e, em terceiro lugar, o ano de 2013 apresentando 164 mortes violentas. O que se percebe no gráfico 02 é uma constante queda no número de homicídios na área urbana de Marabá, nos anos de 2012 a 2014. Porém, é possível relacionar alguns fatores anteriores, pois nos anos de 2008 a 2011 houve um aumento expressivo no número na cidade, e já nos anos de 2012 inicia-se uma queda nesse tipo de crimes. Ao relacionarmos esse crescimento da violência homicida na área urbana de Marabá, podemos entender a dinâmica espacial da cidade nesses anos citados. Assim, explica Souza (2015) que, juntamente com a crise no setor econômico siderúrgico de Marabá e a não concretização do empreendimento ALPA, torna-se evidente a redução em 2012 no ritmo de investimentos imobiliários e econômicos na cidade, comprovando a queda em novos empreendimentos, cuja fase áurea esteve entre 2008 e 2011. A partir da crise econômica de 2008 e a não permanência do empreendimento ALPA, houve o retorno de diversas pessoas que haviam se dirigido para Marabá, pois, já não encontravam as mesmas oportunidades que anteriormente eram propagadas em função do empreendimento ALPA. Com isso houve uma pequena diminuição da criminalidade na cidade como um todo, principalmente nos crimes de roubos e latrocínios, permanecendo as mortes por ódio/vingança.

Com o intuito de analisar o núcleo da Nova Marabá, com um olhar diferenciado, onde o mesmo se apresenta como o núcleo mais violento, foi elaborado um mapeamento dos locais que apresentam o maior índice de homicídio na Nova Marabá (Mapa 05), utilizando os dados mais atuais dos períodos de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.

Mapa 05: Mapeamento dos locais com maior índice de homicídios na Nova Marabá



Elaboração: SOUSA, D. S., 2016.

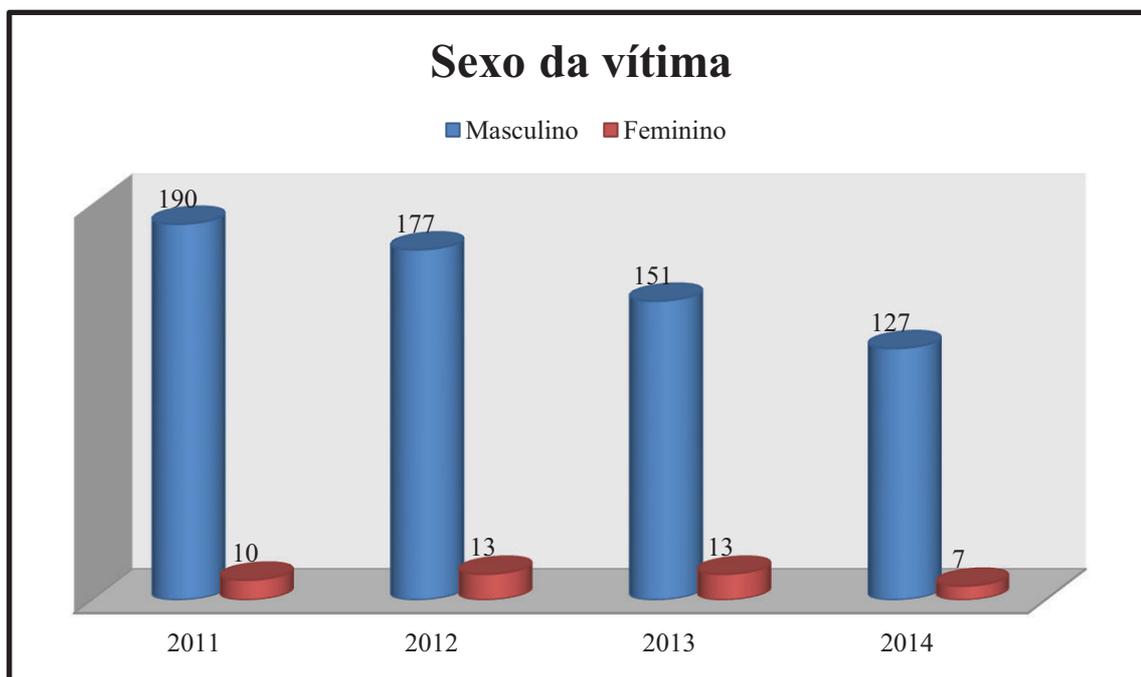
Pode-se perceber que no mapeamento de homicídios do núcleo da Nova Marabá (mapa 05), a quantidade de 02 a 39 homicídios por local. Com um número mais elevado de 27 a 39 homicídios, está o do Km 6. Com o número de 18 a 26 homicídios estão o Km 7, Folha 14 e Folha 33 respectivamente. Também com índices significativos entre 10 e 17 homicídios, estão as Folhas 06, 10, 16, 07, 28, 05 e 08. Esses índices já apresentados são de áreas consideradas periféricas, com problemas sociais mais acentuadas (falta de emprego, saneamento, asfaltamento, condições precárias de acessibilidade e mobilidade), tendo apresentado uma violência representativa.

Os locais que apresentaram números menores de violência homicida estando entre 5 e 9 mortes violentas são as Folhas 11, 27, 17, 20, 22, 23, 15, 34 e 29. E com números ainda menores, que vão de 2 a 4 homicídios, no núcleo da Nova Marabá, estão as Folhas 26, 21, 32 e 31. Ambas as áreas apresentadas com índices menores, em sua maioria estão localizadas em áreas mais centrais, o que se observa também é que nesses locais a infraestrutura urbana está mais organizada, bem estruturada, com presença de asfaltamento nas ruas principais e de policiamento.

Nos últimos anos, a Nova Marabá vem se destacando pelo elevado número de “aglomerados subnormais”, provocando uma desorganização espacial urbana. Alguns bairros que se formaram recentemente de forma ilegal foram os Bairros Nossa Senhora Aparecida (Coca-cola) e Araguaia (fanta), com péssimas condições de vida (SILVEIRA JÚNIOR, 2013). Isso só demonstra que a ocupação desordenada dessas áreas teriam colaborado com o crescimento da violência no núcleo Nova Marabá.

Muitos dos residentes dos aglomerados subnormais possuem renda *per capita* de 0 e 0,5 salários mínimos, apresentando, assim, uma faixa de renda de 0 e 1 salário mínimo, demonstrando o índice de pobreza nessas áreas. Em Marabá vê-se a necessidade de novas moradias para essas famílias, levando em consideração a concentração da população de baixa renda, as piores condições de infraestrutura e o difícil acesso de inclusão ao restante da cidade (SOUZA, 2015). Os dados a serem analisados dizem respeito ao sexo das vítimas (gráfico 03).

Gráfico 03: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por sexo da vítima



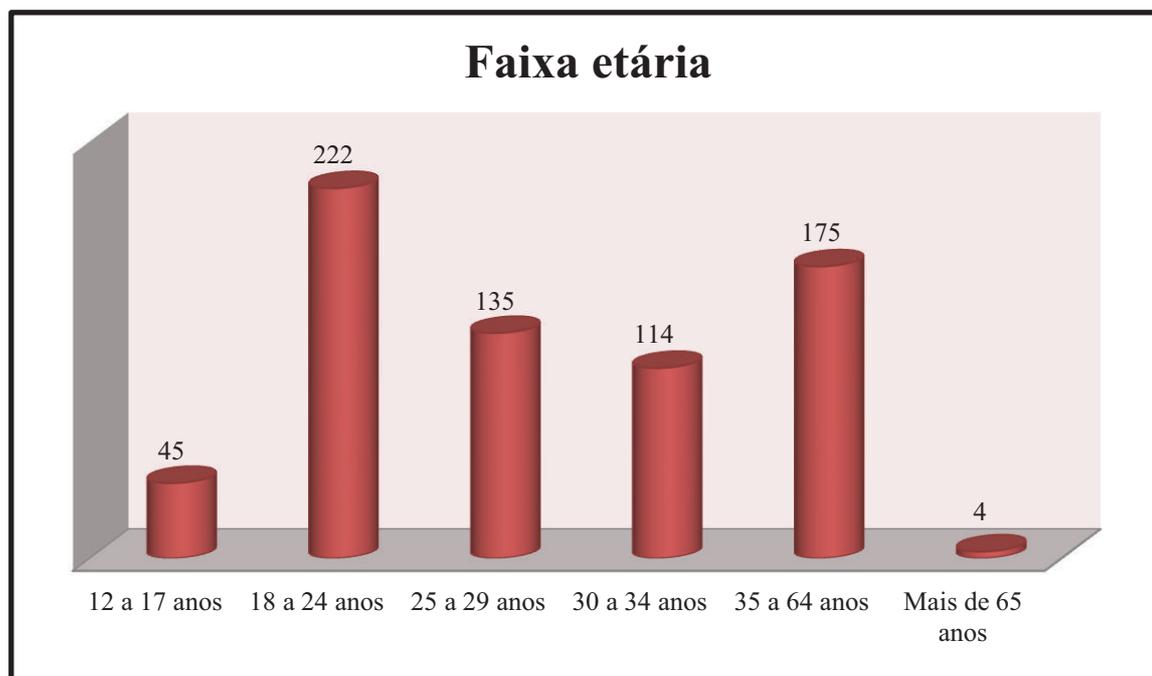
Fonte: SISP –WEB (2014).
Organização: JESUS, A. S.

Constata-se no gráfico 03 a permanência dos homicídios na área urbana de Marabá com pessoas do sexo masculino, que em 2011 chegou ao número de 190 mortes por homicídios, sendo os homens. Muitas dessas mortes estariam relacionadas com ódio/vingança, bebedeiras, rixas pessoais e questões fúteis. Para os autores Barata²⁷ *et al.* (1999) apud Silveira Júnior (2013), a que tem permanecido é a agressividade e a competitividade masculina em sociedade, tornando-os mais expostos ao crime de homicídio. Já os crimes praticados contra pessoas do sexo feminino são nitidamente menores, se comparados com os do sexo masculino. Porém, somente os anos de 2012 e 2013 foram os que registraram o maior número de pessoas do sexo feminino mortas pelo crime de homicídio, na área urbana de Marabá, com apenas 13 mortes. Muitas dessas mortes estariam relacionadas com questões passionais (envolvendo casais ou até mesmo bebedeiras). Observa-se também em um âmbito mais geral (2011 a 2014) uma diminuição das mortes praticadas contra ambos os sexos (masculino e feminino), tendo uma diminuição visível. O próximo dado a ser

²⁷ BARATA, R.B.; RIBEIRO, M.C.S.A; MORAES, J.C. Tendência temporal da Mortalidade por homicídios na cidade de São Paulo, Brasil, 1979-1994. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro v. 15, n. 4, p. 711-718, outubro, 1999.

analisado está exposto no gráfico 04 e irá demonstrar a faixa etária que está mais propícia a ser vítima dos crimes de homicídios na área urbana de Marabá nos períodos estudados.

Gráfico 04: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por faixa etária

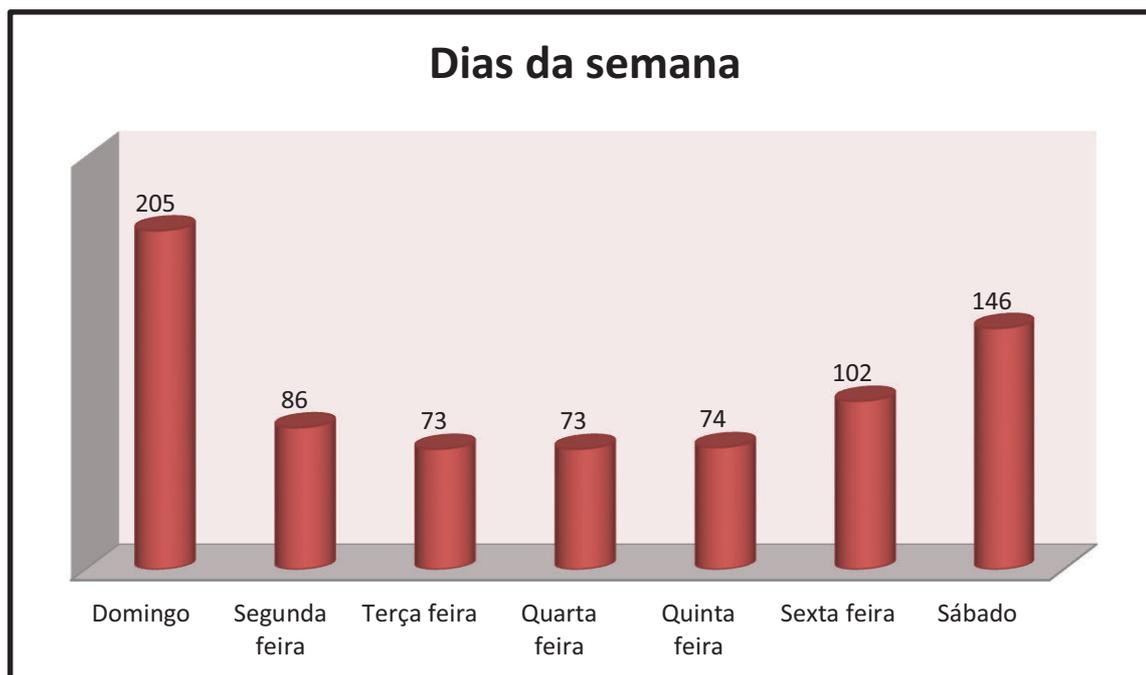


Fonte: SISP –WEB (2014).
Organização: JESUS, A. S.

Quanto as vítimas de homicídios abordados até esta etapa, estas são, em sua maioria, do sexo masculino e com faixa etária entre 18 a 24 anos, com um número de 222 pessoas mortas por homicídios. Para Mingardi²⁸ (1996) apud Silveira Júnior (2013), os grupos de adultos jovens e adolescentes são os que geralmente estão na faixa etária com os maiores riscos de serem assassinados, sendo que para os adultos jovens, há, aparentemente, tendência à persistência no crescimento das taxas de homicídios. Outra faixa etária com elevado número de homicídios é a de 35 a 64 anos, sendo uma realidade diferenciada, devido às idades já serem elevadas e não mais estando nos grupos de adultos jovens e adolescentes. Só em terceiro lugar, com 135 pessoas mortas por homicídios, está a faixa etária de 25 a 29 anos. Quanto aos dias da semana com maior incidência de homicídios na área urbana de Marabá, tem permanecido os mesmos da década de 2000, no caso, os finais de semana (gráfico 05).

²⁸ MINGARD, G. **Pesquisa sobre a Violência na Zona Sul. São Paulo:** Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo, 1996. Mimeografado.

Gráfico 05: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, por dias da semana

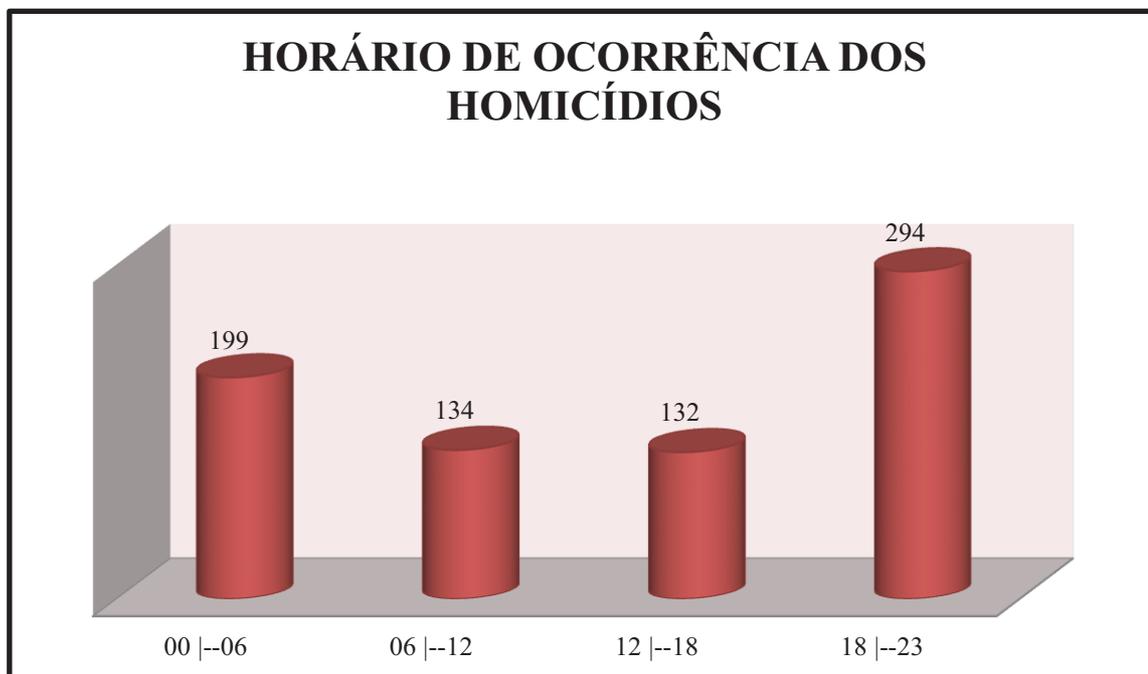


Fonte: SISP –WEB (2014).

Organização: JESUS, A. S.

O gráfico 05 somente reafirma a constatação da realização dos homicídios na área urbana de Marabá, nos finais de semana (domingo, sábado, sexta), demonstrando que a permanência na utilização de bares, boates e o consumo de álcool nos finais de semana tem prevalecido, propagando ainda mais a violência na cidade. Em primeiro lugar, com um número bem expressivo está o domingo, com 205 mortes por homicídios. Logo após está o sábado, com 146 mortes violentas. Também com um bom número a se considerar está a sexta-feira, com 102 mortes por homicídios. Não podemos deixar de considerar os dias da semana, segunda, terça, quarta e quinta, que ainda apresentam números considerados altos. Assim, demonstrando a ocorrência dos homicídios relacionados com os finais de semana, também está o horário (gráfico 06), apresentando a ocorrência dos crimes principalmente nos horários noturnos.

Gráfico 06: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, horário de ocorrência dos homicídios

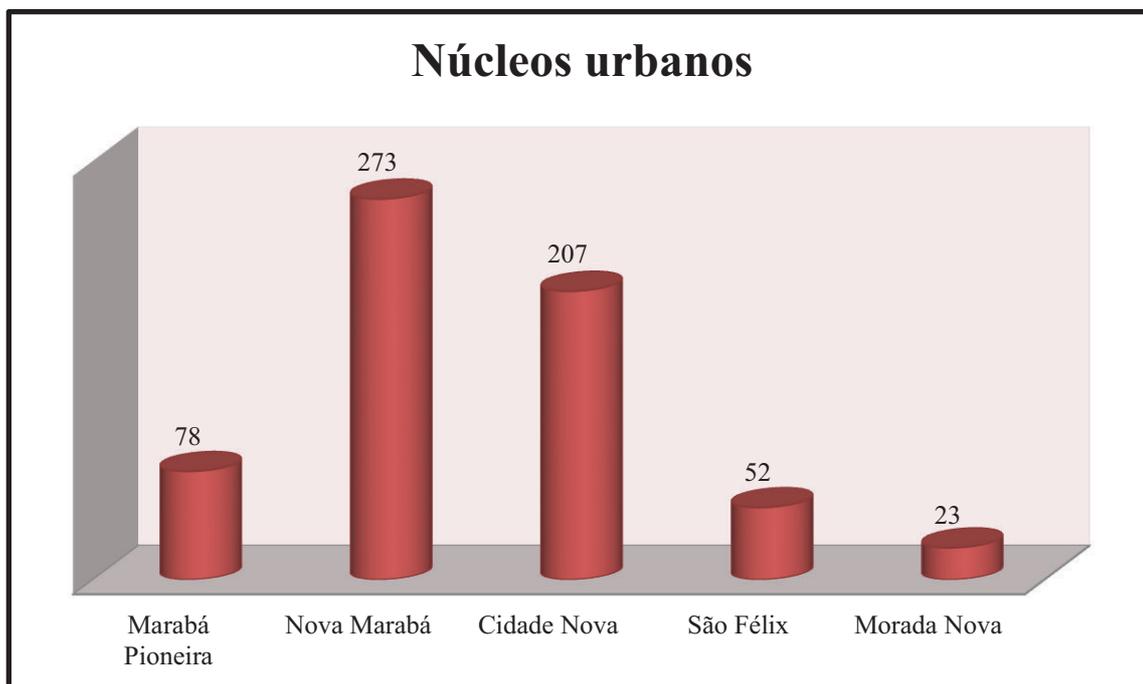


Fonte: SISP –WEB (2014).

Organização: JESUS, A. S.

Estes dados, por faixa de horário apresentado no gráfico 06 nos revela uma grande incidência de homicídios nos horários entre as 18|--23 horas, e 00|--06 horas, com um número de 294 e 199 pessoas mortas na área urbana de Marabá, demonstrando que não se modificou muita coisa em relação às últimas décadas, se mantendo o turno da noite e o da madrugada. Por outro lado, a intensidade dos turnos da manhã e tarde, ambas mesmo que menores, tiveram um aumento em relação à década de 2000.

Gráfico 07: Dados dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, núcleos urbanos



Fonte: SISP –WEB (2014).

Organização: JESUS, A. S.

A permanência do núcleo da Nova Marabá como o maior em índices de homicídios na área urbana é perceptível, pois levando em consideração o período estudado (01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014) houve um aumento em relação aos estudos da década de 2000. A Nova Marabá registrou 273 mortes em seu núcleo, em seguida está o núcleo Cidade Nova, com um número de 207 homicídios. Nota-se que houve também um aumento nas mortes por homicídios nos núcleos São Félix e Morada Nova, se comparado com a década de 2000, o que permite constatar a expansão da violência para essas áreas.

Há questões relevantes e mais pontuais para o entendimento do núcleo da Nova Marabá ser considerado o mais violento. Assim, como aborda Silveira Júnior (2013), ele possui características a serem consideradas, como apreensões de drogas e constantes prisões de pessoas que estariam ligadas ao tráfico neste bairro, justificado através de inquéritos policiais pela Polícia Civil que reconhece a interação dos casos do tráfico de drogas na conclusão dos homicídios no núcleo. Além disso, a Nova Marabá se destaca como o Núcleo com o maior número de “aglomerados subnormais”, com péssimas condições de vida.

Outro dado relevante seria o das motivações da violência, que levariam ao crime de homicídio na área urbana de Marabá, demonstrado no gráfico 08 abaixo:

Gráfico 08: Dados das motivações dos homicídios registrados na área urbana de Marabá, referentes ao período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014



Fonte: SISP –WEB (2014).
Organização: JESUS, A. S.

No gráfico 08 é perceptível como as motivações dos homicídios como ódio/vingança continuam como o fator principal nesta prática cotidiana de crimes ocorridos na área urbana de Marabá. O ódio/vingança registraram o número de 489 mortes. Em segundo lugar, com um número bem menor (61) estão as rixas pessoais (brigas entre gangues). E em terceiro lugar está o alcoolismo/embriaguez, com 39 pessoas mortas. Continua prevalecendo as mortes com características de acertos de contas, muitas dessas mortes por homicídios podem estar relacionadas com dívidas, consumo e tráfico de drogas na área urbana de Marabá.

Assim, com todos os perfis discutidos, é necessário apresentar a conclusão dos homicídios na área urbana de Marabá, no período recente, demonstrado na figura 08 abaixo:

Figura 08: Análise geral dos homicídios ocorridos na área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014



Fonte: SISP –WEB (2014).
Organização: JESUS, A. S.

Os dados gerais dos homicídios na área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, permaneceu o mesmo que estudamos na década de 2000. Ocorrendo principalmente com pessoas do sexo masculino, sua faixa etária entre 18 a 24 anos. Destaca-se o domingo como dia da semana mais frequente, a faixa horária está entre as 18|--23 horas, no turno noturno, tendo como núcleo mais violento a Nova Marabá. As principais motivações do fato ocorrido continuam sendo o ódio e a vingança.

Colocamos aqui a importância na análise geral dos homicídios, como uma das principais funções de registrar em âmbitos estatísticos a evolução dos homicídios durante os anos estudados e demonstrar a sociedade que as políticas públicas desenvolvidas pelo Estado está precisam ser revistas.

Para finalizarmos, optamos por averiguar quais ações preventivas estão sendo tomadas para minimizar a violência sofrida pela população marabaense, especialmente no que diz respeito à violência. No caso, além da polícia militar, da polícia civil e da polícia federal, Marabá também possui Secretaria Municipal de Segurança Institucional, que abrange a

Guarda Municipal, agentes patrimoniais e os agentes de trânsito de Marabá. Tendo como principal objetivo auxiliar as polícias militar e civil com um policiamento ostensivo. Segundo entrevista²⁹ realizada com o atual Secretário de Segurança de Marabá, no ano de 2016.

“Hoje há uma integração do Estado, polícia militar, polícia civil, agentes de trânsito, todos na rua em trabalhos de blitz, em um trabalho de operações integradas, conjuntas, cada um desenvolvendo um grande aparato de agentes públicos para benefício do cidadão”.

Para o entrevistado a maior influência no aumento dos homicídios em Marabá seria:

“Sem dúvidas tem ligações com o mundo do tráfico e consumo de drogas, o que instiga muito a violência são as drogas lícitas também, elas estão incluídas as bebidas alcoólicas e quando se junta a questão do tráfico de drogas com a atual crise política e principalmente crise econômica que é a falta de emprego, isso afomenta a violência e por conseguinte a criminalidade”.

Diante do Núcleo que é considerado o mais violento (Nova Marabá), o entrevistado afirma:

“A Nova Marabá, o caso aqui da coca-cola, fanta, áreas mais periféricas, folha 33, folha 06, a própria folha 12 um local muito violento, só que eles agregam esses índices de violência, mas nós da Secretária temos também uma preocupação muito grande com o Núcleo Cidade Nova que é bastante violento”.

Além do consumo e tráfico de drogas, o entrevistado elenca outros fatores que têm contribuído para a intensificação da violência urbana em Marabá.

“São os fatores socioeconômicos, principalmente a falta de emprego decorrente desta crise, volto a dizer a questão do tráfico e o consumo de drogas que é o fator predominante no aumento dessa criminalidade. As políticas de governo, principalmente federal e governo estadual, elas não são vistas ou observadas aqui, então fica tudo a cargo do município para atender essas demandas que são relativas as políticas de incentivo que contribuem para a diminuição, do aparelhamento dos órgãos policiais, no aumento de agentes nas ruas fazendo a segurança. Enfim, essas situações, esse conjunto de coisas contribui sobre maneira no aumento da criminalidade aqui em Marabá”.

Para finalizar, é questionado ao entrevistado quais ações públicas municipais estão sendo feitas para diminuir a violência e os homicídios em Marabá.

“Uma das medidas que são feitas é essa política de conservação, o asfaltamento das ruas, isso é muito importante, a gente pensa que não, mas isso afeta de forma direta na segurança pública, porque isso possibilita que as ruas sejam de fato trafegável. Quando se tem uma rua asfaltada, principalmente a noite com iluminação pública, isso faz com que viaturas policiais, viaturas da guarda municipal, viatura do próprio Departamento de Trânsito circule, a partir do momento que essas viaturas circulam nesses

²⁹ Entrevista realizada em 24 de março de 2016.

locais que basicamente são periferias da cidade, essa viatura com giroflex ligado inibe as ações criminosas, isso é um ponto a questão do asfaltamento, das condições das ruas, isso é um dos fatores. Mas em uma fase de médio a longo prazo tem as creches também, hoje a gente tem um problema social muito grande que é a desestruturação da família, passo da creche, a escola, a não evasão dos alunos da escola, isso contribui muito para que essa incitação ao crime fique mais evidenciado. As ações também com os centros de drogados, as ações sociais feitas pela secretária social de combate principalmente daquelas drogas que causam dependência, o crack e a cocaína, essas situações também ajudam a ressocializar esse indivíduo”.

De acordo com o entrevistado, de uma maneira geral, esse seria o papel do município, para minimizar a violência e especialmente os homicídios na Cidade de Marabá. Porém, a violência urbana em Marabá está pautada especialmente em questões mais pontuais e estruturais, resultado de uma conjuntura complexa de diversos fatores: educação, emprego, desigualdades sociais, dentre outros fatores. Essa nova desestruturação urbana (informalidade espacial, econômica e social) criou novas formas de reprodução social gerando diversos conflitos de interesses. A ocupação de novos terrenos (aglomerados subnormais) revelam que sua área urbana expandiu, criando bairros periféricos, onde as condições de vida dos moradores seriam precárias. Muitos desses problemas são determinantes para o estabelecimento e a proliferação da violência na área urbana de Marabá.

A pesquisa demonstra que a violência urbana na cidade de Marabá tem sido algo bem recorrente, desse forma, a formação histórica da cidade demonstra que esse aumento se constata através de novos agentes que passam a inserir o espaço da cidade. Assim, novas realidades se apresentam e outras se intensificadas. De acordo com o estudo realizado, evidencia-se como consequência dessa atual violência a desigualdade social, a pobreza, a má distribuição de renda, falta de habitação etc. Mas, de modo geral, ficou evidente que a organização do espaço urbano de Marabá, é de forma segregada, e isso influência diretamente no processo da criminalidade da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a violência dos homicídios na cidade de Marabá, especialmente em sua área urbana, retoma-se o contexto de urbanização e modernização da região amazônica, que a partir da década de 1960, com incentivos fiscais, com o controle sobre a terra, com a migração, o surgimento de grandes empreendimentos contribuindo com fatores como a desigualdade, a pobreza, a exclusão, o adensamento demográfico, a favelização, a criação de bairros periféricos na cidade, determinantes significativos para o aumento da violência na cidade de Marabá.

Assim, ao identificarmos neste trabalho os agentes que produzem e consome o espaço urbano, ao longo do tempo, sendo eles elencados por Corrêa (1995) a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e e) os grupos sociais excluídos, buscou-se relacionar, os grupos sociais envolvidos na realidade das cidades urbanizadas, impactados com o processo de exclusão imposta pelo processo capitalista desigual.

Na lógica de inserção da criminalidade, pode-se relacionar com os agentes que produzem o espaço, no caso da cidade de Marabá, seriam: os proprietários do meio de produção (empresários dos grandes projetos); o Estado (promove os grandes empresários); os promotores imobiliários (valorização da terra); e os grupos sociais excluídos (maioria da população de baixa renda). Observa-se que na sociedade de classes existem diferenças sociais no que se refere ao acesso a bens e serviços produzidos socialmente.

Neste contexto, constata-se que a cidade de Marabá está associada à territorialização do crime e do medo, principalmente relacionados à violência dos homicídios (ódio/vingança, brigas entre gangues, por embriaguez, passional etc). Possuindo diversas causas como o tráfico de drogas, conflitos entre gangues, brigas em bares, desentendimentos entre casais, questões fúteis e outros.

Para melhor entender como se deu a organização do espaço da sub-região do sudeste paraense e da cidade de Marabá, foi abordada a relação entre as diversas violências e suas oligarquias nos ciclos econômicos de Marabá, através de uma retomada histórico-geográfica a partir de dois momentos. Os primeiros a serem enfatizados foram os ciclos econômicos (borracha, castanha, diamante e cristal de rocha), em que foi detectado alguma forma de violência vivenciada entre os grupos sociais envolvidos naquele período (castanheiros, caucheiros, pescadores, prostitutas etc). Logo depois, foram analisados em um viés mais atual,

pós-1960 até o período ALPA, em 2005, que é permeado por uma nova dinâmica de investimentos vindos para a Amazônia, impactando significadamente a cidade de Marabá, com o surgimento de empresas, incentivos fiscais dados pelo governo, milhares de pessoas que vieram para essa região. Diante do novo cenário estabelecido, em que a cidade de Marabá não esteve preparada para atender todas as mudanças ocorridas, assim, surgiram novos núcleos urbanos, totalizando cinco (Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova) aumentando ainda mais os problemas sociais da e na cidade (a desigualdade, a exclusão, as áreas periféricas, desemprego).Conseqüentemente, houve também o aumento da criminalidade em Marabá, especialmente em sua área urbana.

Com o perspectiva do empreendimento ALPA, em 2005, e sua real divulgação para a mídia local em 2008, criou-se expectativa diante do novo empreendimento que iria trazer emprego e um revigoramento da economia local, que estaria em crise com o fechamento de algumas siderúrgicas. Com o anúncio, novos migrantes vieram com maior intensidade e também novos empreendimentos. Segundo Souza (2015), o período correspondente de 2008 a 2010 foi considerado de maior expressão da vinda dos migrantes para Marabá da década mais recente. Assim, intensificam-se diversos problemas sociais, (a falta de moradias), novas opções de moradias, surgindo, originalmente os “aglomerados subnormais”. Com o processo de pós-ALPA, o que ocorreu foi uma diferenciação na produção do espaço urbano em Marabá e após o seu início, a mesma foi paralisada pela Vale, e aqueles migrantes que vieram em busca de novas oportunidades não conseguiram se estabelecer, gerando ainda mais problemas sociais e o aumento da violência na cidade.

Neste sentido, utilizamos o terceiro e último capítulo para responder alguns questionamentos sobre a espacialização da violência e dos homicídios na cidade de Marabá com uma periodização de 1980 a 2014, por meio de entrevistas com agentes da segurança pública (policiais aposentados), dados coletados no Jornal Correio do Tocantins, utilizou-se também o Relatório de Homicídio da área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014 e, por fim, a entrevista do secretário de Segurança de Marabá.

Ao espacializar os dados coletados durante a pesquisa, buscou-se dividir o terceiro capítulo em três subtópicos. No primeiro, analisam-se as entrevistas dos agentes da segurança pública (policiais aposentados) no intuito de responder questões dos anos que vivenciaram a violência na cidade de Marabá, especialmente na área urbana, entre as décadas de 1980 a 2000. Constatou-se que nas décadas de 1980 e 1990 o auge estava voltado para os grandes projetos, atores fundamentais para a instalação de empreendimentos ligados à extração

mineral, conseqüentemente, colaboradores para aumento da violência. Alguns fatores contribuíram para as modificações nas motivações dos homicídios, das décadas de 1980, em relação às décadas de 2000. Primeiramente, a intensa migração, pois mesmo com o fim do garimpo de Serra Pelada, muitas pessoas permaneceram nesta região, sem condições para se manter financeiramente e passando a viver em condições precárias. Segundo, foi a vinda dos grandes projetos (PGC, as indústrias e as siderúrgicas) ainda no início das décadas de 1980, contribuindo também com o fator migração, passando a atrair pessoas para as cidades beneficiadas por esses projetos. Terceiro, uma modalidade se instalou no início das décadas de 1990, associada ao consumo e ao tráfico de drogas, que está sendo uma das principais motivações dos homicídios atualmente.

No segundo subtópico foi realizado uma análise dos dados documentais coletados do Jornal Correio do Tocantins, com casos característicos de homicídios na década de 2000. Neste contexto, foram identificados os seguintes elementos e perfis das vítimas (total de vítimas durante esse período, sexo, faixa etária, dias da semana, horários, núcleos e motivações). Conclui-se com a análise dos homicídios na área urbana de Marabá, na década de 2000, ocorrendo principalmente com pessoas do sexo masculino, sua faixa etária entre 18 a 24 anos, destacando o final de semana como dias mais frequentes, horário da ocorrência dos homicídios está entre as 18|--23 horas, tendo como núcleo mais violento a Nova Marabá. As principais motivações do fato ocorrido são o ódio/vingança. Observa-se que os locais com maior intensidade de homicídios, uma grande parte se formou por processos de “Aglomerados Subnormais”, demonstrando que os novos bairros surgidos estariam em áreas mais periféricas e propícias à violência homicida. Muitas dessas mortes teriam relações principalmente com o tráfico ou consumo de drogas, dívidas, vingança, brigas entre gangues. Com isso, identificamos dentro deste contexto, os grupos sociais excluídos, que produzem o espaço da cidade, (desempregados, baixa escolaridade, sem moradias etc), sendo excluídos das melhorias urbanas e das oportunidades que geralmente são para as elites locais e os demais agentes econômico-políticos.

No terceiro subtópico foi avaliado o comportamento do crime de homicídios a partir dos dados apresentados no Relatório de Homicídios da área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 29 de abril de 2015. Seguindo a mesma perspectiva do segundo subtópico, uma análise dos perfis (sexo, faixa etária, dias da semana, horários, núcleos, motivações, total de vítimas). A permanência do núcleo da Nova Marabá como o maior em índices de homicídios na área urbana é perceptível, pois, durante a pesquisa constatou-se um

aumento significativo em relação aos estudos da década de 2000. Por isso, foi elaborado o mapeamento do núcleo da Nova Marabá, com os locais com maior incidência de homicídios. Novamente foi identificado que as áreas consideradas periféricas, com problemas sociais mais acentuados (falta de emprego, saneamento, asfaltamento, condições precárias de acessibilidade e mobilidade), tendo apresentado uma violência representativa. Conclui-se que a análise geral dos homicídios na área urbana de Marabá, no período de 01 de janeiro de 2011 a 29 de abril de 2015, permaneceu o mesmo que estudamos na década de 2000. Ocorrendo principalmente com pessoas do sexo masculino, sua faixa etária entre 18 a 24 anos. Destaca-se o domingo como dia da semana mais frequente, a faixa horária está entre as 18|--23 horas, no turno noturno, tendo como núcleo mais violento a Nova Marabá. As principais motivações do fato ocorrido continuam sendo o ódio e a vingança.

Levando em consideração alguns questionamentos feitos pelo Secretário de Segurança de Marabá e utilizando-se de ideias de Souza (2008), em seu livro *Fobópole*, buscou-se elencar ações que possam ser desenvolvidas pelo poder público para diminuir a violência nas cidades. Diante disso, o principal questionamento que deveria ser levantado: O que poderia ser feito para diminuir a violência nas cidades? Poderia ser importante uma maior integração de agentes institucionais da segurança pública e o próprio governo, com envolvimento intenso dos movimentos sociais, especialmente os que possuam engajamento voltado para essa temática, pressionando, fiscalizando o aparelho do Estado sempre buscando implementar iniciativas independente do Estado; realização de estratégias preventivas de médio e longo prazo, com investimentos em: policiamento comunitário, reforma nas polícias, reforma no sistema prisional e uma punição mais adequada; a regularização fundiária das áreas urbanas, na busca da função social da propriedade, garantindo uma melhor infraestrutura e melhor acesso a uma moradia digna; investimentos educacionais voltados para o exercício da cidadania e ampliação da consciência dos direitos; integração do planejamento e a gestão urbana, buscando analisar o espaço vivido dessas realidades espaciais; desenvolvimento de políticas de emprego e geração de renda, com incentivos à formação profissional.

Com todos os questionamentos apresentados, conclui-se que a problemática da violência dos homicídios, sendo uma questão bem complexa e conflituosa em nossa região amazônica, portanto, perpassa por constantes transformações. Dessa forma, este trabalho não seria considerado como encerrado, dando continuação para novas reflexões e propostas com estudos voltados para a violência no urbano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. **A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais**. 2008. 273 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARRIOS, S. A produção do espaço. In. SOUZA, M. A.; SANTOS, M. (Orgs). **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p.1-24.

BECKER, B. K. **Novas Territorialidades na Amazônia**: desafio às políticas públicas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: ciências humanas, Belém, v. 5, n. 1, p.17-23, jan/abr 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Ana Maria de Lucena Rodrigues. Brasília: Senado Federal, 2013. 464 p. (Serie Legislação Brasileira).

_____. **Código Penal Brasileiro (CPB)** - Decreto Lei nº 2.848, de dezembro de 1940. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm>. Acesso em: 23 de março de 2016.

CERVO, A. L; BERVIAN, P.A; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162 p.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: 3. ed. Editora Ática S.A, 1995. 94p.

COUTO, A. C. O. **Narcotráfico na Metrópole**: das redes ilegais à “territorialização perversa” na periferia de Belém. 2010. 167 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) Programa Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de geografia**, Belém, n.1, v.01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

DIAS, C. V. Marabá: Centro comercial da castanha. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XX, n.4, p. 382-427, out/dez 1958.

EMMI, M. F. **A Oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais**. Belém: 2.ed. rev, 1999. 171p.

_____. **Os castanhais do Tocantins e a indústria extrativa do Pará até a década de 60**. [Paper Nº 166]. NAEA, Belém, out. 2002.

GOMES, L. M. S. L. **Violência homicida e a política de segurança pública no Brasil**: um estudo de Marabá. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém.

GUIMARÃES, C. E; LOUREIRO, V. Reflexões sobre a pistolagem e a violência na Amazônia. **Revista Direito Gv**, São Paulo, n.1, v.3, p. 221-246, jan/jun 2007.

HAESBAERT, R. C. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 395 p.

_____. Região numa “constelação” de conceitos: Espaço, Território e região. In: **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.p. 157-195.

HÉBETTE, J.; MARIN, R E. A. A ligação rodoviária Norte-Sul: sonhos e realidade. In: HÉBETTE, J. **Cruzando Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém. v.1, p. 35-39.

_____. O impacto da Belém-Brasília e o desenvolvimento do baixo terciário nas zonas urbanas da rodovia. In: HÉBETTE, J. **Cruzando Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém.v.1, p. 89-106.

_____. Mobilidade do Trabalho e Fronteira Amazônica: a Belém-Brasília. In: HÉBETTE, J. **Cruzando Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém. v.1, p. 107-152

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico do Município de Marabá**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=150420&search=|marabá>>. Acesso em: 12 set. 2015.

_____. **Histórico do Município de São João do Araguaia**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=150750&search=para|sao-joao-do-araguaia|infograficos:-historico>>. Acesso em: 05 de jan. 2016.

_____. **Histórico do Município de Xinguara**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=150840&search=|xinguara>>. Acesso em: 05 de jan. 2016.

LIMA, M. M. **A ribeira e a orla: especificidades e territorialidades urbanas ribeirinhas em uma cidade amazônica em transformação**. 2013. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Pará, Belém.

PARÁ (Estado). Secretária de Estado de Segurança Pública e Defesa Social. Secretária Adjunta de Inteligência e Análise Criminal. **Relatório de homicídio no Município de Marabá no período de 01 de 2011 a 29 de abril de 2015**. Belém, 2015. 8 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ. Revisão do Plano Diretor participativo de Marabá, Pará. Marabá, 2011.

_____. **Fundação Casa da Cultura de Marabá**, Marabá, 2015.

QUEIROZ, I. S. Cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In: OLIVEIRA, A. U.; PONTUSCHKA, N. N. (Orgs.). **Geografia em perspectivas: ensino e pesquisa**. São Paulo, ABDR, 2010.v.3, p. 97-106.

RIBEIRO, R. **As cidades médias e a reestruturação da rede urbana amazônica: a experiência de Marabá no Sudeste Paraense**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, J.C. **Marabá: centralidade urbana de uma cidade média paraense**. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 259 p.

SANTOS, M. A. F. **Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores**. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia (UFG), Uberlândia.

SÁ, A. J; CRUZ, L, M. **“Medo Urbano” e suas novas formas geográficas**. 22. ed. Recife: Universitária, 2011. 170 p.

SILVA, I. S. **Migração e cultura no Sudeste Paraense: Marabá (1968-1988)**. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SILVEIRA JÚNIOR, R. S. **Homicídio em Marabá: a desinformação da informação na construção do perfil da vítima, agressor e o delito**. 2013. 48 f. Dissertação (Mestrado em Defesa Social e Mediação de Conflitos) – Programa de Pós-graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos, Universidade Federal do Pará, Belém.

SOUZA JÚNIOR, X. S. S. O discurso do medo e sua influência na geografização das práticas de violência. In: MARAFON, G. J. [et al.]. (Orgs). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013. p. 289-304.

SOUZA, M. L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. p. 78-116.

_____. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Revista território**. Rio de Janeiro, ano II, nº 3, p. 13-35, jul/dez 1997.

_____. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288p.

SOUZA, M.V.M. **O projeto ALPA e a produção do espaço urbano em Marabá (Pa): a cidade-mercadoria e as desigualdades socioespaciais**. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em

Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 218 p.

TRINDADE JR S. C; PEREIRA, J, C, M. Reestruturação da rede urbana e importância da cidades médias na Amazônia Oriental. In: **Anais do XIV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano Regional**. Rio de Janeiro. 2007. 20 p.

TRINDADE JR., S. C. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 50, p. 13-138, set/mar 2010.

_____. Cidades médias na Amazônia: das novas centralidades à fragmentação dos territórios. In: **Anais do XIV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano Regional**. Rio de Janeiro, 2011. 21 p.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. ed. On-line. Rio de Janeiro: Centro Edeistein de pesquisas sociais, 2009. 172 p.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK. C.; SCHIFFER, R.S. (Orgs). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999. p. 171-243.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil**. Brasília, 2014. 140 p.

APÊNDICES



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO – Instituição-representante da segurança pública

- 1) IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:
 - a) Qual seu nome completo?
 - b) Qual a sua idade?
 - c) Qual a sua profissão?
 - d) Qual a sua graduação (Para policial militar, soldado até sub tenente)?
 - e) Em quais locais você já trabalhou?
 - f) Em qual local você trabalha atualmente?
- 2) Quantos anos trabalhou ou trabalha na área de segurança?
- 3) Nas décadas de 1980 e 1990, quais seriam as principais motivações relacionadas aos homicídios na cidade de Marabá?
- 4) Em sua opinião, o que acontecia na cidade que influenciava a violência urbana nesse período?
- 5) Na sua concepção nos períodos de 1980 a 1990, qual seria o local da cidade que apresentava o maior índice de homicídios?
- 6) Você acha que na década de 2000, teria ocorrido modificações nas motivações dos homicídios em relação as décadas de 1980 a 1990?
- 7) Nos anos de 2000 a 2010, qual seria, na sua concepção, o local que apresentou o maior número de homicídios em Marabá?
- 8) De acordo com a sua vivência na área de segurança pública, você consegue observar quais seriam as principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá?
- 9) Em sua opinião quais seriam os fatores que contribuem na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá?
- 10) O que poderia ser feito pelo poder público para melhorar a segurança da cidade no que diz respeito a ações para a diminuição da violência e dos homicídios em Marabá?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO – Instituição-representante do jornalismo

- 1) IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:
 - a) Qual seu nome completo?
 - b) Qual a sua idade?
 - c) Qual a sua profissão?
 - d) Em quais locais você já trabalhou?
 - e) Em qual local você trabalha atualmente?
- 2) Quantos anos trabalhou ou trabalha na área de jornalismo?
- 3) Nas décadas de 1980 e 1990, quais seriam as principais motivações relacionadas aos homicídios na cidade de Marabá?
- 4) Em sua opinião, o que acontecia na cidade que influenciava a violência urbana nesse período?
- 5) Na sua concepção nos períodos de 1980 a 1990, qual seria o local da cidade que apresentava o maior índice de homicídios?
- 6) Você acha que na década de 2000, teria ocorrido modificações nas motivações dos homicídios em relação às décadas de 1980 a 1990?
- 7) Nos anos de 2000 a 2010, qual seria, na sua concepção, o local que apresentou o maior número de homicídios em Marabá?
- 8) De acordo com a sua vivência na área de jornalismo, você consegue observar quais seriam as principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá?
- 9) Em sua opinião quais seriam os fatores que contribuem na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá?
- 10) O que poderia ser feito pelo poder público para melhorar a segurança da cidade no que diz respeito a ações para a diminuição da violência e dos homicídios em Marabá?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO – Instituição-representante da secretária de segurança institucional de Marabá

- 1) IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:
 - a) Qual seu nome completo?
 - b) Qual a sua idade?
 - c) Qual a sua profissão?
 - d) Qual a sua graduação?
 - e) Em quais locais você já trabalhou?
 - f) Em qual local você trabalha atualmente?
- 2) Quantos anos você trabalha na área de segurança?
- 3) Quantos anos exerce o cargo de Secretário de Segurança de Marabá?
- 4) Na sua opinião, o que acontece na cidade de Marabá que influencia a violência urbana atualmente?
- 5) Qual seria na sua concepção, o local que apresenta o maior número de homicídios em Marabá?
- 6) De acordo com a sua vivência na área de segurança pública, você consegue observar quais seriam as principais causas que estariam ligadas aos homicídios na cidade de Marabá?
- 7) Na sua opinião quais seriam os fatores que contribuem na intensificação da violência urbana na cidade de Marabá?
- 8) O que poderia ser feito pelo poder público municipal para melhorar a segurança da cidade no que diz respeito às ações para a diminuição da violência e dos homicídios em Marabá?